BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • NOVEMBRO DE 1952 • N.º 309

AVISO

A partir do número de JANEIRO de 1953 será suspensa a remessa dêste Boletim a tôdos aquêles que até então não nos tenham comunicado o seu desejo de continuar a recebê-lo, e isso devido a ser muito antiga nossa lista de assinantes, muitos já possìvelmente inexistentes, ao passo que existem numerosos pedidos novos a serem atendidos.

A revistas e outras publicações congêneres, só será enviado o Boletim mediante permuta.

À

Superintendência dos Serviços do Café
(Secção de Estatística e Publicidade)
Largo da Misericórdia, 24, 3º andar
S. PAULO

Tomando conhecimento do aviso publicado na 2ª página de capa do vosso Boletim mensal, e sendo de nosso interêsse continuar a recebê-lo, vimos pedir a gentileza de suas providências no sentido de não nos ser sustada a remessa da aludida publicação.

Atenciosas saudações

a) .....

Enderêço:

.....

.....

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII	NOVEMBRO DE 1952	Número 309

Sumário

COLABORAÇAO:

Manter-se-á o equilíbrio estatístico do café? — J. Testa
O plantio do cafeeiro em S. Paulo — Lauriston Pousa Bicudo
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

As abelhas e a polinização do cafeeiro
Encarece a produção do café
Financiamento do Estado na irrigação da lavoura cafeeira
Primeiros resultados da irrigação dos cafèzais de São Paulo — Edgar Fernandes Teixeira
Por que plantar 4, 5 ou 6 pés de café em cada cova? — José Ferreira Veloso
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

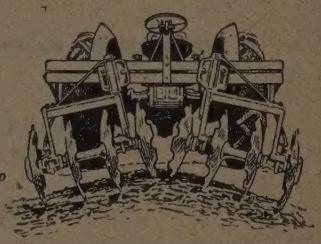
ESTATISTICA

NOSSA CAPA: — Colhendo café. Belo aspecto apanhado na "Fazenda Palmeiras", em Jaú (Foto R. Barsuglia)

Êste implemento VALE POR MUITOS!

Grade de Discos Recortados

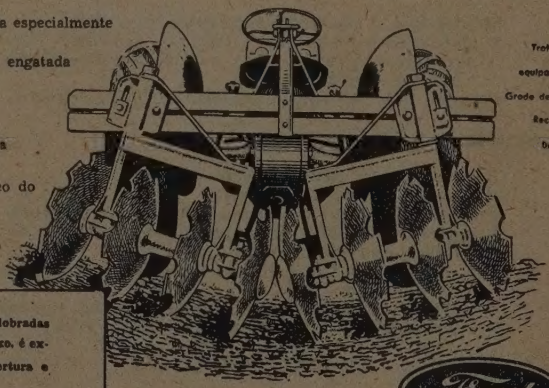
DEARBORN



Nenhum outro implemento executa tantos serviços como a Grade de Discos Recortados Dearborn, *dependendo apenas da maneira de ajustar os discos.* Lavrar solos duros, nivelar canteiros velhos e picar restos de culturas, limpar novos terrenos, renovar pastagens — são alguns dos trabalhos que executa com grande vantagem e economia. Construída especialmente para o Trator Ford, é engatada com grande rapidez. É abaixada e levantada pelo Sistema Hidráulico do Trator.

2 dos vários ajustes

Com as secções invertidas e dobradas para cima, é empregada para fazer canteiros.



Trator Ford equipado com Grade de Discos Recortados Dearborn

Com as secções dobradas no meio e para baixo, é excelente para a abertura e limpeza de valas.

Dearborn
EQUIPAMENTO AGRÍCOLA

Ford
TRATOR

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

1465

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

MANTER-SE-Á O EQUILÍBRIO ESTATÍSTICO DO CAFÉ?

JOSÉ TESTA

(Chefe da Estatística e Publicidade, da Superintendência do Café, do Estado de S. Paulo)

Tôdo assunto que envolve indagação do futuro é difícil, em qualquer terreno, e talvez mais ainda, no âmbito econômico. Até certo ponto, entretanto, podem-se fazer apreciações com referência ao futuro estatístico do café, principalmente no que diz respeito ao Brasil.

Dependendo, como é óbvio, tanto da produção quanto do consumo, o problema deverá ser examinado sob êsses dois aspectos.

* * *

Relativamente à produção, é sabido que ela declinou na última década, ou mais precisamente desde a safra de 1936. Entre essa data e 1941, as safras, no Brasil, apresentaram uma redução de cêrca de 8.000.000 de sacas, devido principalmente à queda da produção paulista. Esta, nunca mais se refez desde então: de uma média de 15.000.000 de sacas antes de 1939, passou à média de 7.500.000, a partir de 1941. Isso devido a causas várias, entre as quais as seguintes: geadas e falta de chuvas; falta de braços; trato deficiente, durante o largo período de preços baixos; exaustão progressiva do solo, não restaurado como seria de desejar; e, principalmente, envelhecimento dos cafeeiros. Do total de 1.000.000.000 de arbustos que atualmente possui o Estado de S. Paulo, apenas são novos, de menos de 10 anos, 200.000.000, ou seja uma quinta parte. Nos outros Estados, a situação é ainda pior, exceção evidentemente do Paraná, onde a quase totalidade dos 300.000.000 de cafeeiros é constituida de plantas novas.

Não parece provável que o Brasil retome a sua anterior produção, da década 1927-36, que era em média de 23.000.000.000 de sacas e desceu a 15.000.000. Nos Estados "velhos", (S. Paulo, Minas, Rio, sul do Espírito Santo) a cafeicultura torna-se técnica e se replantam alguns cafèzais, é verdade. Porém, atualmente e durante muito tempo, maior será o número dos cafèzais que entram em declínio.

Há, entretanto, as zonas "novas", cuja capacidade de expansão não se pode prever até onde irá. Tudo dependerá dos preços, do consumo, e da capacidade de aumento da produção dos concorrentes. Em tôdo caso, êsse aumento de produção das zonas "novas" brasileiras não se pode fazer de um dia para outro. O principal a saber, no caso, é se o aumento paulatino da produção poderá ser compensado pelo crescimento do consumo.

A área de terras novas, aprôveitáveis para o café pela sua constituição e condições climáticas — é grande, no Brasil. São cêrca de 50.000 quilômetros quadrados no norte do Paraná (já quase tôdo desbravado) e outro tanto no extremo sul de Mato-Grosso, sem falar em

outras áreas nêsse último Estado, bem como no centro-sul de Goiás e norte do Espírito Santo. Mas, são longínquas, na maioria cobertas de florestas, sem vias de comunicação adequadas. Desbravá-las e transformá-las em cafèzais produtivos não é fácil nem rápida emprêsa.

Em alguns países de América Latina (principalmente o México) procura-se expandir a cultura cafeeira. Não são, todavia, grandes nem excepcionalmente adequadas as novas regiões possìvelmente cafeeiras, nêsses países, que, muitos dêles, aliás, progrediram notàvelmente nos últimos tempos.

Resta a África. A apreciação da cafeicultura no Continente Negro exigiria um estudo especial. Mencionemos, apenas, o seguinte: suas exportações cafeeiras, que tinham a média de 1.285.000 sacas no decênio 1927-36, passou a 4.580.000 em 1950. Aumentaram três vezes e meia. Ocupavam, naquela década, 5% das exportações mundiais e atualmente ocupam 15%. Entretanto, a expansão da cafeicultura na África não depende apenas, como no Brasil, de tempo e de preços, mas também de terras adequadas, que não são muitas, e de água, que é exígua nas poucas regiões apropriadas à cultura. Acresce que, alí, o café tem maiores inimigos: mais pragas; braço operário primitivo e inferior; qualidades piores, pois o **arábica**, como se sabe, apenas em poucas regiões se aclimata satisfatòriamente. A expansão africana não poderá, pois, prosseguir no mesmo rítmo dos últimos quinze anos, mesmo que as condições de preço, de aumento de consumo e da falta de concorrentes se mantenham excepcionalmente favoráveis.

* * *

Examinemos, agora, o consumo. Depois do período de superprodução, em que 78.000.000 de sacas de café brasileiro foram incineradas, o que se tem verificado, principalmente nos últimos anos, é que a produção tem estado aquem do consumo. E tanto assim que os estoques têm sido paulatinamente absorvidos, chegando ao ponto de serem pràticamente nulos no Brasil, pois as disponibilidades ora existentes (11.881.208 sacas em 30-9-52, para uma exportação até junho de 1953 (9 meses) estão mesmo abaixo das necessidades do mercado.

A produção mundial exportável e as importações mundiais foram estimadas, de acôrdo com as melhores fontes, segundo compilação feita pelo Bureau Pan Americano do Café, pelo modo seguinte:

PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTÁVEL: 1935-39, — 36.237.000 sacas: 1940-44, — 27.644.000; 1945-49, — 28.773.000; 1950, — 30.391.000; 1951, — 29.862.000.

IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CAFÉ: 1935-39, — 27.596.000; 1945-49, — 29.671.000; 1950, — 29.346.000; 1951, — 30.372.000.

Verifica-se, pois, que enquanto diminuiu a oferta mundial, aumentou o consumo. No período acima considerado, passou-se de um **superavit** de 9.000.000 de sacas e um deficit de 500.000.

E quais são as perspectivas, quanto ao aumento de consumo? Abstraindo-nos das regiões **inexploradas** e que, por enquanto, continuam apenas como mercados "teóricos" — Rússia, China, Índia, Europa Oriental, — só os Estados Unidos e a Europa Ocidental permitem asse-

gurar um crescimento permanente e seguro, embora paulatino. A capacidade do aumento de consumo nos Estados Unidos não está, de modo algum, anulada ou mesmo limitada. Os negócios e o desenvolvimento econômico, financeiro e demográfico do país seguem um rítmo firme, e nada há a vista que possa impôr conclusões pessimistas, a menos que uma guerra ou qualquer cataclismo social possa ocorrer.

O mesmo se pode dizer da Europa Ocidental, onde é grande, no momento, o consumo de sucedâneos. Sua recuperação prossegue, e sòmente a retomada do armamentismo, aliás necessário, impediu que a restauração econômica e, consequentemente, o aumento do consumo de tôdos os artigos, inclusive do café, se ampliasse ainda mais. O consumo (importações) da Europa Ocidental já atingiu 8.000.000 de sacas, mas deve-se notar que, no passado, sòmente essa região chegou a importar mais de 11.000.000 em 1930,31 e 38).

* * *

Segundo, pois, tudo indica, o equilíbrio estatístico ainda será mantido nos próximos anos, ou, pelo menos, não será agravado substancialmente. Depois, para um futuro mais distante, a previsão já é mais difícil. Fatores diversos podem intervir. Não queremos cair no domínio da astrologia.

EQUILIBRE SUA ADUBAÇÃO COM
POTASSA
A GRANDE REGULADORA DAS COLHEITAS PESADAS.

COMPLEMENTO DO FÓSFORO

INDISPENSÁVEL E DO AZÔTO

Use Cloreto 60% ou Sulfato de Potássio 48% K20 — Fosfato bicálcico "Fertiphos" — 38 a 42% P205 — Sulfato de amônio 21% N
Folhetos gratuitos e informações para importação:
SOCIEDADE DE POTASSA E DE PRODUTOS AGRICOLAS LTDA.
Av. Ipiranga, 674 - 7.º - Salas 708 a 712 - Fone 34-1247 - Caixa Postal 6082
SÃO PAULO

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

O PLANTIO DO CAFEEIRO EM S. PAULO

(Considerações em tôrno de NOVO MÉTODO DE PLANTIO, experimentado no Campo de Produção de Mudas e Sementes de ATALIBA LEONEL. Divisão do Fomento Agrícola — Sec. Agricultura)

Lauriston Pousa Bicudo
Engenheiro Agrônomo

INTRODUÇÃO: — Nenhum aspecto de cultura do café tem tanta importância como o de seu plantio, exatamente por ser o cafeeiro uma planta perene. Da maneira de plantar o café, dependerá todo o seu futuro de lavoura que deve ser obrigatòriamente lucrativa.

Enquanto discutimos e estudamos, nos institutos, detalhes altamente técnicos da cafeicultura, esta lavoura atravessa, na grande prática, um verdadeiro drama econômico. Falta mão de obra e aumenta cada vez mais o custo de produção. Apezar da bôa cotação atual do produto, a restauração dos antigos cafèzais paulistas não passa de assunto para uma literatura dispersa e improfícua.

A recuperação integral da lavoura cafeeira adulta de S. Paulo, a nosso ver, é uma utopia. Poderemos conseguir, quando muito, um equilíbrio comercialmente razoável, entre a despesa e a receita — assim mesmo si alguns métodos modernos de cultivo passarem a ter bem maior aceitação do que a que se verifica presentemente.

Existe uma causa essencial de todos os males da cafeicultura. Ao nosso ver, essa causa reside na maneira pouco sensata de seu plantío.

Si, por ocasião dos primórdios da cafeicultura em São Paulo, quando eram ultilisados solos de mata virgem, de derrubada recente, não destocados, o plantio em covas simétricas foi uma necessidade, justificando-se assim amplamente — em solos trabalhados já, sem tocos, relativamente pobres em matéria orgânica, mais ou menos erodidos, como os que de uns anos para cá vêm sendo utilizados, êle não tem mais razão de ser. O café é sub-arbusto de frutificação intensa e cujos frutos só têm valor comercial sob **pêso,** a granel. Plantá-lo como se plantam as árvores frutíferas, individualisadamente, é promover o encarecimento de seu cultivo. Urge plantá-lo de modo que possibilite um cultivo **coletivo,** o único que pode realmente ser intensamente mecanizado e assim se tornar econômico e racional.

No passado, até 1930, a distribuição das plantas no terreno decorrente do plantío em covas distanciadas, não constituiu obstáculos ao trato econômico, porisso que as terras eram férteis e as plantas quasi se encontravam. Os cafèzais "fechados" que ainda hoje existem, especialmente no norte do Paraná, necessitam pequeno dispêndio de cultivo e são altamente lucrativos — mesmo nos períodos de baixo preço ou de produção não muito elevada. Isto, porém, é transitório. Êsses

cafèzais se "abrirão" um dia — e seus proprietários passarão a lutar com a escassez de braços, e a reclamar por financiamento e por melhores preços do produto.

O método que iremos analizar, talvêz represente uma solução. Ao menos, terá o mérito de sugerir um melhor estudo do problema.

—o—

Outro ponto que merece ser abordado, à guisa também de introdução, é o do pouco interesse demonstrado pelo plantío em nível. Si se fizer estatística, iremos talvês á conclusão que siquer um por cento dos cafeeiros que ha três anos estamos plantando em São Paulo e Paraná, o foi feito em linhas de nível.

Com base nas recomendações emanadas do Instituto Agronômico de Campinas, a ação do Fomento Agrícola é no sentido de plantio em nível, e a um menor compasso entre as árvores, especificamente recomendado menor distância entre as "covas" estabelecidas sôbre a linha de nível do terreno, e um pouco maior entre uma linha e outra, afim de facilitar, de futuro, a introdução dos métodos mecânicos. Em geral o lavrador segue a orientação relativa ao menor compasso, mas não quanto á direção das ruas. Assim, não sòmente não pode a Secretaria da Agricultura ver êxito em sua campanha — pois a diminuição do espaçamento é uma imposição lógica do bom senso do cafeicultor, que compreende o absurdo de plantar café em terras relativamente fracas a mesma distância que se plantou, no passado, nas melhores terras roxas de mata virgem — como, afinal, pouco ou quasi nada avançamos, nêste particular, do ponto de vista do progresso técnico. Deixamos apenas de fazer aquilo que seria um evidente contra-senso. Simplesmente o fornecer medidas para um projetado plantio, de acordo com o solo e a variedade, representa muito pouco — e não é para isto que possuimos a melhor e maior organização de técnica cafeeira, do mundo. Produzir novas variedades altamente produtivas, aprofundar-se em altos detalhes da química agrícola para o café, estuda-se acuradamente os processos de mecanizar, de combater pragas e moléstias, e tantos outros relevantes assuntos de interesse da cafeicultura — enquanto na grande prática vamos implantando novos e extensos cafèzais candidatos à decadência precoce, por lhes faltar um sentido de economia de trato e produção, se nos afigura o mesmo que preparar cuidadosamente adornos de metais preciosos, para aplicá-los e mal aplicados, sôbre ferro fundido da pior espécie.

Diversos fatores são, em regra, alinhavados, para explicar o "porque não plantamos em nível": a rotina, a falta de assistência técnica mais generalizada, a crença de que o processo implica em maior dispêndio, o conceito sentimental de beleza da plantação em quadrado, etc.

A nosso ver, um se sôbre-põe a todos: o simples argumento de que o plantio em linha de nível possibilita um contrôle mais perfeito da erosão, parece não convencer o cafeicultor, em face das vantagens práticas de colonização e administração — divisão de talhões, contagem facil e exata do número de pés de cada talhão — segundo normas estabelecidas e seguidas há quasi um século, que o sistema de planta-

ção tradicional faculta. Isto não quer dizer que o plantio em nível implique numa transformação de todo o sistema de colonato, mas não padece dúvida que muitas normas rotineiras terão que ser modificadas. Acresce ainda saber o lavrador, por experiência de muitos, que mesmo em cafèzais mais antigos e de solo mais desnudo é possível um combate relativamente eficaz ao arrastamento das águas, pelos processos geralmente aceitos que a Secretaria preconiza.

O método de plantio em "linhas cerradas" objetiva, exatamente, promover um maior acervo de vantagens práticas, facilitando operações desde as mais rotineiras — arruamento, esparramação do cisco, etc., até as de maior coturno técnico, hoje igualmente imprescindíveis.

PLANTIO DO COFEEIRO EM LINHAS CERRADAS: — Em janeiro dêste ano, foi executado no Campo de Produção de Mudas e Sementes de Ataliba Leonel, da Secretaria da Agricultura, o seguinte plantio de café: **Solo e Exposição:** — Foi utilizada uma área de terreno de de antigo cafèzal, extirpado por ter atingido extrema decadência. Solo de natureza silicoargilosa, pobre em propriedades químicas e em matéria orgânica e de bons atributos físicos. Declividade aproximada de 5%, terreno bem conformado. Plano, alto, pouco sujeito ás geadas. Má face em relação ao vento frio predominante. Terreno relativamente despraguejado de hervas más. **Mudas utilizadas:** — Foram utilizadas mudas individuais em laminados de pinho, de 8 cm de diâmetro e 23 de altura, com 6 meses após o transplante, êste feito quando as mudinhas apresentavam 3 pares de fôlhas. As mudas eram de sementes de linhagens de Bourbon vermelho, selecionadas pelo Instituto Agronômico de Campinas — de diversas linhagens, convenientemente separadas no plantio definitivo. Foram plantadas, ao todo, 6.836 mudas.

MARCAÇÃO, ABERTURA E PREPARO DAS COVAS: — O alinhamento em nível foi obtido com o emprêgo do "nível de borracha". Dada a bôa conformação do terreno e com pequeno prejuízo da exatidão do nível, evitámos a formação de "linhas mortas". Uma vez demarcadas todas as linhas, a 3m,20 uma das outras, procedemos ao **sulcamento,** com sulcador dos utilizados na cultura de cana, tendo sido conseguido cêrca de 30 cm de profundidade. A abertura das covas foi, assim, facílima, resumindo-se no alargamento (retirada da terra solta) de 80 em 80 cms. e pequeno aprofundamento, até mais ou menos 40 cms.. As covas ficaram, portanto, com 40 cms. em tôdas as dimensões. Procedeu-se, a seguir, à adição de estêrco de curral bem curtido, na quantia aproximada de 15 litros por cova, bem misturado com a terra e com suplemento de uma mistura de farinha de ossos, superfosfato, salitre cloreto de potássio, 500 grs. por cova. A cova, assim preparada, ainda ficou com uma profundidade livre mais ou menos 20 cms., devendo notar-se que parte da terra adubada permaneceu à margem, aguardando a colocação das mudas. Tôda a operação, como se vê, foi feita da maneira mais prática possível, sem prejuízo dos interesses técnicos.

O sulcamento foi feito em um dia e a abertura e preparo das covas, respectivamente por 12 homens em dois dias (base de 300 covas por homem/dia) e 4 homens em 3 dias. Traduzindo financeiramente, podemos calcular que cada cova não ficou em Cr$ 0,15 (15 centavos), de-

pois de completamente preparada, incluindo os estabelecimentos das linhas em nível (a Cr$ 30,000 por dia, o salário médio). **Colocação das mudas:** — Colocamos 1 muda por cova, distanciando uma das outras, como já vimos, 80 cm.. Foram retiradas as lâminas de pinho e deixado o "colo" ao mesmo nível geral do terreno. Êsse plantio foi feito de 23 a 26 de Janeiro-52, logo após uma chuva, tendo depois chovido regularmente, para entrarmos em um mês de Fevereiro que decorreu sêco. Em março porém, tivemos grande queda pluviométrica, até o dia 30, para, então, ter início a estiagem que se prolongou até o dia 13 de Junho, a partir de quando voltarem as chuvas, caracterìsticamente de inverno, porem relativamente abundantes.

Comportamento e desenvolvimento das mudas: — O pagamento das mudas plantadas pode ser considerado de 100%. Houve algumas poucas falhas, que, no nosso caso (linhagem para sementes) tiveram que permanecer como falhas. No caso de plantio de café selecionado comum, a replanta teria sido operação facílima (cêrca de 1%). O comportamento em face da estiagem prolongada, e principalmente em função da forte incidência havida de ventos frios, em Maio e Julho, foi excelente. Fizemos duas pulverizações preventivas de pragas, um logo após o plantio e a outra após as chuvas de Março. O desenvolvimento vegetativo foi bastante satisfatório, até o presente: a altura média passou 14 cm. para 40 cm.. As fotos juntas a êste relatório servem para ilustrá-lo, nêste particular.

Número de pés por alq. e compasso: — No caso em foco, "pés de café" significam exatamente isso, e não "covas" com 3, 4 ou mais plantas, como acontece no caso geral. Para efeitos de organização de trato, interessará a área cultivada e não "mil pés". A árvore de café perderá, em parte, sua individualidade, em proveito da cultura massiça, que deverá ser cultivada como um todo que é. Poder-se-á, quando interessar, exprimir em termos de "linhas de café" ou "fileiras". Todavia, para se estabelecer um cotejo com o processo geralmente usado, quanto ao número de pés por unidade de área, poderemos lembrar que o plantío, tal como o fizemos, corresponde exatamente ao compasso de 3,20 x 3,20, com 4 mudas por cova ou, ainda, para solos da categoria do utilizado nêste campo, o compasso que também poderia ser recomendado, de 3,20 entre linhas de nível, por 2,40 entre "covas", nêste caso pressupondo o plantio de 3 mudas em cada cova. (Esta última hipótese talvês não fosse muito aconselhável, em face dos trabalhos experimentais já levados a efeito oficialmente).

Plantamos 6.836 pés, numa área de 18.000m², ou seja para o alqueire paulista, a quantia de 9.080 pés individuais. (Deverão, de futuro, ser experimentados outros compassos).

Isto corresponderia a plantar segundo o processo clássico, a 4 mudas por cova, 2.270 "covas" ou 3.026, si com 3 mudas por "cova", respectivamente, segundo os compassos mencionados acima (tudo em referência ao alqueire), **com utilização do mesmo número de mudas por nós utilizado.** Êsse cotejo serve para mostrar o seguinte: sempre, em quaisquer condições de solo ou variedade, é possível, no plantio "em linhas cerradas", colocar mais plantas por unidade de área do que o que seria recomendável si adotado o método antigo. Essa qualidade decorre da

própria natureza do processo, que prescreve, básica e essencialmente a existência de ruas livres numa só direção (a dg nível). (Nêste ponto, o sistema que experimentamos **não se confunde** com o "plantio em renque", já estudado e praticado alhures, pois nêste não foi tentado, pelo que estamos informados, o isolamento individual das mudas — exatamente o que supomos de maior interesse prático.)

Formação de um cafèzal em "linhas cerradas": — Desde que sejam utilizadas mudas bôas para o plantio, e êste efetuado em épocas recomendáveis, não há necessidade de qualquer proteção das mudas — a não ser si utilizados terrenos muito sujeitos á geada. É altamente aconselhável manter o cafèzal, desde a primeira idade, em regime de solo coberto. Êste processo permite que isto seja feito econômicamente, por maior que seja a extensão cultivada: a cobertura do solo por meio de restos de cultura, capins ou "matos" cortados e transportados especialmente — como a "samambaia" — e, mesmo, palha de café e estêrco, pode ser feita pelo simples encordoamento dêsse material orgânico ao longo das "fileiras", em faixas cuja largura deverá ir aumentando de modo a forrar sempre o espaço dado pela projeção da "saia" das árvores. Êsse procedimento poderá ser feito mecànicamente, toda vês que o estado de desintegração do material permitir. Nos grandes cafèzais, poderá ser experimentado o encordoamento do "adubo verde" semeado a lanço por tôda a extensão das ruas e depois de ceifado, na ocasião propícia. Cobrindo o solo permanentemente (exceto, é claro, por ocasião da colheita) visamos diversos desideratos: a) retenção da humidade do solo, para fazer frente ás estiagens prolongadas; b) eliminação dos maus efeitos da insolução excessiva junto a zona essencialmente radicular das plantas; c) proteção contra a erosão (proteção auxiliar); d) adubação orgânica cumulativa e seus benefícios: manutenção do pH do solo e melhoria de suas propriedades físicas, biológicas e químicas, isto é, manutenção da fertilidade do solo; e) eliminação da infestação de hervas más, em zona onde maior seria a concorrência e muito difícil a extirpação, a não ser por processos manuais, demasiados onerosos. Essa prática corresponde a um verdadeiro sombreamento do solo — de vantagens hoje indiscutíveis. Na formação de qualquer cafèzal, entra quasi sempre, como imposição econômica, a necessidade de serem instaladas culturas intercalares, até o cafèzal entrar em produção comercial. No caso que analizamos, isto também pode ser feito, sempre como um "mal necessário", aproveitando-se, então, os restos de cultura para a construção das "faixas" de cobertura. Na maior parte dos casos, porém, o cafeicultor poderá prescindir dessa prática, pela simples razão que no plantio em linhas cerradas a formação poderá ser efetuada "por conta própria" e com dispêndio relativamente diminuto, uma vês que quasi todo processo de formação se resumirá em capinas mecânicas realizadas no meio das ruas, rente às "saias", lado a lado e com elevado rendimento da enxada rotativa, tracionada por um trator leve. Êsse rendimento poderá ser calculado em cêrca de 15.000 a 20.000 pés por dia (mais ou menos 2 alqs). O atapetamento do espaço livre com feijão de pôrco ou mucuna anã, representará, ainda, maior vantagem.

Adendo ao capítulo de ABERTURA DAS COVAS: — É quasi uma simples operação de **sulcamento** e não de abertura de covas. Para plan-

tar uma muda só, em linha corrida, não há, propriamente, a necessidade de ABRIR COVAS. Fomos levados a isso, porque nosso sulcador não realizou uma operação satisfatória. Bastará, todavia, abrir sulcos largos e profundos, enchê-los até mais ou menos a metade com a matéria orgânica, caldea-la com a terra e proceder ao assentamento das mudas. Plantar café quase como quem planta cana. Apenas o assento das mudinhas deverá ser feito com o máximo cuidado. Êste modo de proceder concorrerá para baratear ainda mais o plantio. Esquecemo-nos, também, de nos referir ao fato de poderem ser utilizadas sementes e não mudas. Grupos de 5 a 6 sementes, colocados no sulco bem preparados para recebê-los, e às distâncias marcadas, seria o suficiente, efetuando depois o desbaste. Plantar com sementes é, porém, muito pouco aconselhável, por muitas razões: muito dificilmente dará um cafèzal do mesmo porte. É economia aparente, que poderá sair mais cara. Contudo, se for utilizado, será indispensável proteger não sòmente as plantinhas, como, prèviamente, proteger a margem superior dos sulcos contra a invasão das enxurradas. (a deposição de solo arrastado sôbre as sementes determinará, provàvelmente, a sua não germinação.)

———o———

O PLANTIO EM "LINHAS CERRADAS", EM FACE DAS OPERAÇÕES DE ROTINA. — Capinas: — As capinas deverão ser feitas mecanicamente, com emprêgo das "enxadas rotativas". O alto rendimento desta operação, feita apenas na direção do nível, representa ainda economia de combustível e a preservação do trator. Provàvelmente será mister, de uma ou outra feita, a execução de uma capina manual ao longo das linhas, próximo e embaixo das copas. Podemos calcular, baseados em nossos dados, um rendimento de 15.000 a 20.000 pés, por dia, digamos melhor, de aproximadamente 2 alqs.. Quando for adotado o plantio de adubo verde, a lanço ou linhas próximas, as capinas se resumirão em uma — logo após a esparramação do cisco — e possìvelmente outra, após o enleiramento da vegetação da leguminosa.

Cuidado com as árvores: — A limpeza dos troncos, a desbrota, as podas de limpeza ou formação, serão operações bem viáveis, pràticamente, uma vês que a individualização das plantas facilitará êsses empreendimentos. O operário percorrerá as "fileiras" ao longo de uma de suas faces, voltando em seguida ao longo da outra, promovendo um trabalho metódico e rendoso. Quando isso for indicado, como profilaxia, a própria "caiação" dos troncos será exequível. Como medida preliminar, poder-se-ia promover o "levantamento das copas" das árvores.

Arruamento: — Poderão ser empregados meios mecânicos para a execução do arruamento. Rasteiros mecânicos fáceis de construir ou mesmo plainas de madeira com inclinação conveniente, executarão um serviço satisfatório, no sentido de remover tôda a massa orgânica para o meio das ruas — onde poderá ela ser enterrada em valetas adrede preparadas, ou permanecer enleirada. A operação, na maioria dos casos, precisará ser completa por processos manuais. Essa prática, hoje orçada em Cr$ 1.500,000 por alqueire, na base de 2.000 pés/alq., poderá ser levada a efeito por apenas um terço dessa importância, para a mesma área.

Colheita: — E' fácil prever que também esta onerosa operação será facilitada, isto é, tornar-se-á mais barata. A derriça será executada ao longo das linhas, tendo o operário maior liberdade de movimentos — por trabalhar com um "material" mais homogêneo, não sòmente quanto á vegetação e distribuição dos galhos frutíferos, como, principalmente, em função de uma melhor distribuição da "carga". Isto é de se presumir, em face da tendência que terão os cafeeiros de projetar "guias" mais longas e em maior número, no sentido das ruas, uma vês que também nêsse sentido se encaminharão as raizes — onde há mais recursos de solo —, tomando os cafeeiros a forma elíptica. (elipsoide). Naturalmente, a frutificação será mais intensa na face mais resguardada da incidência dos ventos frios predominantes, mas, em se tratando de cultura em nível, não haverá própriamente uma face constantemente batida pelos ventos e outra isenta de seus malefícios. Conforme a localização do cafèzal, seria de alta valia o estabelecimento de "quebra-ventos". (Isto, aliás, é verdadeiro qualquer que seja o tipo de plantio, quando a face do terreno está sujeito ás viraçôes frias.)

Esparramação do cisco: — Dependerá do processo de arruamento empregado. Si utilizado o enterrio da massa orgânica no meio das ruas, não haverá pràticamente nada a esparramar, devendo os restos orgânicos sempre dispersos por obra da colheita serem encordoados ao longo das "fileiras", promovendo-se, então, nova cobertura do solo. Isto representa uma excelente adubação orgânica. No caso de simples enleiramento, a matéria orgânica deverá voltar próximo ás linhas de café, cuidando-se nêste caso de novo suplemento, ou trazido de fóra, ou produzido na área livre das ruas (leguminosas). No plantio em "linhas cerradas", esta operação de esparramar o cisco perderá muito de sua importância, por motivos óbvios, tornando-se mais fácil e mais barata, se considerarmos além de tudo que ela poderá ser realizada, de modo bastante prático, por processos mecânicos.

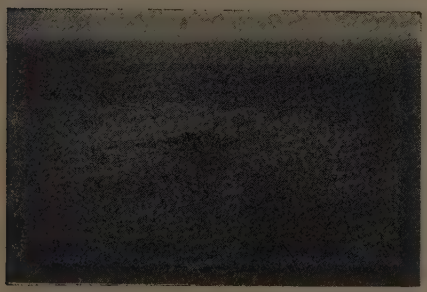
CONSEQUÊNCIA PRÁTICA: — E' de se concluir — pelo menos tudo leva acrer assim — que o plantio em linhas cerradas promoverá o barateamento muito sensível do trato do cafèzal, isto é, do custo de produção comum. Alem disso, induzirá o cafeicultor á uma prática altamente aconselhável para a manutenção da fertilidade do solo — que é a cobertura orgânica do terreno, coadjuvada pela diminuição e quiçá eliminação do hábito de intercalar culturas.

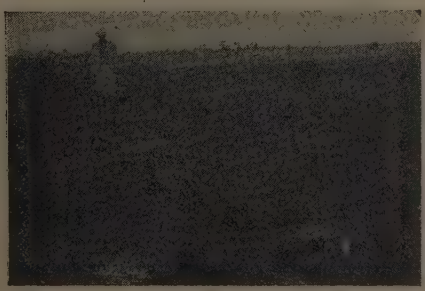
O PLANTIO EM "LINHAS CERRADAS", EM FACE DOS MÉTODOS TÉCNICOS — Contrôle da erosão: — Sómente o fato de plantar em linhas de nível, qualquer que seja a distribuição que se dê ás plantas, constitui empreendimento básico para a aplicação ulterior dos métodos mecânicos de conservação do solo. De acôrdo com os fatores que em geral influem na maior ou menor erosão — declividade, queda e distribuição pluviométrica, natureza do solo, etc. — construir-se-ão as "curvas de nível", que necessária e lògicamente serão abertas no meio das ruas. Num caso favorável, bastará uma curva ou cordão de 20 em 20, ou mesmo mais, ruas. Outros casos exigirão maior proximidade, até mesmo em ruas alternadas (casos extremos, de grande declicidade). No caso do plantio em linhas cerradas, o fenômeno será ainda mais eficiente combatido — pois não haverá ruas no sentido

ALGUNS ASPECTOS DA CULTURA, TIRADOS EM 25/6/62

(cinco meses após plantio)

Campo de Produção de Ataliba Leonel





de maior declive do terreno, como acontece no caso de plantar diversas mudas numa mesma cova, distanciando esta, uma das outras, a média de 3 metros. Por outro turno, o simples encordoamento de massa orgânica ao longo das fileiras de café, funciona como verdadeira "faixa de retenção". Os próprios troncos dos cafeeiros, distanciados entre si de apenas 70 ou 80 cm. livres, conduzirão á maior retenção das enxurradas. Si tudo não bastar, poderá, de futuro, ser preconizado o subsídio de métodos vegetativos, especialmente as "capinas alternadas". Tomar-se-á, nêsse caso, o cuidado de não deixar o mato frutificar (ou "amadurecer"). Cremos que, no caso que vimos analizando, o contrôle da erosão poderá assumir uma eficiência de quasi 100%, sem que para tanto seja mister grande dispêndio. Nêste capítulo existem inúmeras práticas que saltam aos olhos e que, assim, deixamos de comentar.

Combate ás pragas: — Esta operação, que mesmo em cafèzais antigos já é feita com relativa eficiência, por métodos mecânicos, mais eficientemente ainda será praticada num cafèzal plantado em linhas cerradas. O inseticida líquido ou em pó se impregnará mais intensamente na vegetação cerrada das fileiras. O rendimento do trabalho será bem maior, quase que medido pela velocidade do trator ou do animal, pois não haverá necessidade de diminuir a marcha para o operador voltear o pé de café (no plantio comum, se isso não for feito, a aplicação não fica bem feita:) Resultará ainda economia sensível de inseticida, diminuindo as perdas, em geral causadas pela dispersão determinada pelo vento. Sempre é recomendável, como se sabe, praticar as pulverizações ou polvilhamentos, em dias calmos. O aumento da eficiência pode ser calculada, a grosso modo, em 20% e o do rendimento do trabalho, não será exagero estimar em cerca de 40% Isto tornará o processo de contrôle das pragas viável, economicamente, podendo assim passar êle á categoria de operação de rotina e não, como acontece atualmente nos cafèzais antigos, uma operação sòmente adotada, por assim dizer, em caso de vida ou morte da planta, isto é, quando a infestação é exagerada. O contrôle da "broca", do bicho mineiro, das cochonilhas, entre as principais pragas, passará a ser mais objetivo e concreto. No caso das "cochonilhas", é evidente que o combate às formiguinhas será sensìvelmente mais prático, e eficaz. Pode-se argumentar que o plantio em linhas cerradas facilitará a contaminação ou disseminação das pragas, destruindo a vantagem já mencionada de ser mais prático o tratamento; todavia, esta última favorece o emprêgo do "combate preventivo", que é o de mais alto interesse para a cafeicultura. Lembremo-nos, também, que a infestação na maior parte das vêzes se dará em uma ou em algumas fileiras, sendo adotado, então, o tratamento curativo destas e o preventivo das fileiras marginais, no sentido de circunscrever a infestação.

Mecanização do cultivo: — Por tudo que já dissemos em capítulos anteriores, ficou, s.m.j., patenteado que grande parte das operações poderá, ser executada por métodos mecânicos. Não pretendemos asseverar que sòmente o plantio em linhas cerradas possibilita maior introdução de máquinas, na lavoura. Mas é evidente que a disposição da cultura é de todo afeita ao trabalho das máquinas, pois tudo será feito em linhas ou fileiras de café, isto é, um todo mais ou menos uniforme, e não em pés isolados, individualizados. O simples fato dos tratores, ou dos ani-

mais de tração ou de tiro, os veículos, etc., só desenvolverem suas atividades numa única direção — a de nível — representa menor número de manobras, menor esfôrço de tração, — em última análise, maior rendimento de serviço. No plantio por nós executado, no qual distanciamos as linhas entre si de apenas 3,20 distância que consideramos limite mínimo — o espaço livre, para ser transitado o trabalhado, será, uma vês formado o cafèzal, provàvelmente de 1m,40 a 1m,80, estritamente suficiente, portanto, para a introdução de um trator leve e seus implementos de cultivo. Essa distância, porem, na grande prática, no Estado de São Paulo, deverá oscilar entre 3m,20 e 4m,00, de modo a sempre se prever **um mínimo** de 1m,40 livres, ás ruas.

Adubações orgânica, química, verde e a calagem: — A adubação orgânica por cobertura do solo, prática que vem ganhando terreno nos meios agronômicos, já foi suficientemente comentada nêste relatório, quando tratamos da formação do cafèzal.

Acreditamos que, mais que qualquer outro método de plantio, o que estamos preconizando possibilita êsse empreendimento, mesmo em casos de extensos cafèzais e sempre dentro das possibilidades econômicas do lavrador. Si se adotar o **enterrio** da massa orgânica — nêste caso, do adubo orgânico, como o estêrco, a palha de café, etc. — êste poderá ser efetuado em sulcos abertos ao longo das linhas, a mais ou menos um palmo da projeção das "saias". Feito de ambos lados, estaremos realmente propiciando fertilizante orgânico a mais da metade do sistema radicular útil das árvores. E de um modo inteiramente exequível. O suplemento de adubo químico será administrado nêsses mesmos sulcos, em mistura com o orgânico e tudo caldeado com a terra removida. No caso de adotar apenas a cobertura do solo, o adubo químico poderá ser colocado em pequenos sulcos abertos rentes às margens das copas, isto logo após a colheita, antes portanto de ser efetivado o encordoamento da massa orgânica. Adubos solúveis, como o salitre do Chile, em geral utilizado em cobertura poderão ser administrados em qualquer época, como é evidente. Já a operação de calagem, quando indicada, deverá, sempre que possível, proceder a construção das "faixas de retenção ou de cobertura". Toda a distribuição de fertilizantes químicos ou de calcáreo, deverá ser feita com o emprêgo das adubadeiras comuns, bastando **canalizar** a saída do material para um dos lados, de modo que os animais ou máquinas pequenas de tração (mulas mecânicas) transitem sem molestar os cafeeiros. Quanto às adubações verdes, quando tratamos da formação de um cafèzal plantado em linhas cerradas, procuramos demonstrar a alta conviniência e practicidade de sua utilização. Na formação do cafèzal ou, em cafèzais já formados, quando, por imposição do barateamento do trato, fôr indicada a intercalação de culturas anuais, será aconselhável a ternar os dois procedimentos: uma rua com adubo verde e a seguinte com a cultura intercalar, fazendo-se constantemente a inversão nos anos subsequentes.

CONSEQUÊNCIA TÉCNICA:— Parece-nos ser lícito concluir que o plantio em "linhas cerradas" conduzirá ao matrimônio das recomendações técnicas com as possibilidades de execução, na grande prática. O divórcio que atualmente se verifica se deve, na maioria dos casos, á

permanente escassês de mão de obra e elevado custo de produção, que vem impossibilitando a adoção mais extensa e intensa dêsses processos modernos de cultivo. Uma vês eliminados êsses dois grandes obstáculos — a falta de mão de obra e o alto custo de produção — os métodos racionais de cultivo passarão ao domínio da grande prática, como simples operações de rotina — o que, aliás, é mister que aconteça, si quizermos ter em São Paulo, dentro de uma ou duas decadas, cafèzais economicamente produtivos.

O PLANTIO EM LINHAS CERRADAS, EM FACE DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO. — Atualmente, estamos praticando, na cafeicultura paulista, um verdadeiro contra-senso em matéria de organização de trabalho. O trato integral do cafèzal, por meio de colonos, tal como é feito nas fazendas paulistas, não sòmente constitua uma anormalidade em face da legislação trabalhista — não se sabendo ao certo si o colono é um empreiteiro ou um empregado, si tem ou não direito ás férias e outros direitos ou deveres — como, por outro lado, não pode mesmo satisfazer economicamente nem ao patrão, nem ao colono. Ao patrão não satisfaz, porisso que o colono, aparentemente independente, requer a mais severa fiscalização, como se fora um intruso — sem a qual as árvores serão sacrificadas por ocasião da colheita, as capinas prejudicarão as raizes, o trato das árvores é pèssimamente executado, a esparramação do cisco é mascarada, enfim, nenhuma operação, a mais banal — apezar da fiscalização — está sendo realizada a contento do proprietário. Há ainda: a imposição do milho intercalar dificultando a adoção de métodos de contrôle á erosão, de combate ás pragas, de adubação racional, etc. e os preços da mão de obra em continua elevação, tudo isso promovendo maior decadência para cafèzais já em si decadentes pela idade, pelos acidentes climatéricos, pelas crises do produto e pelo esgotamento do solo. De 1930 para cá, os cafèzais paulistas decairam assustadoramente, passando de verdadeiros pomares, nos quais o espaço a carpir era diminuto e a terra ainda relativamente virgem, ao que hoje se observa, via de regra: vegetação escassa, muito solo desnudo e mais praguejado, terras erodidas. E nada progredimos em matéria de organização do trabalho. O que era o ideal há meio século, atualmente é quasi um sistema insustentável.

Também ao colono o regime não satisfaz — e não é outra a causa principal da escassês de braços para a cafeicultura e da má qualidade dessa mão de obra, segregada por seleção negativa. A tendência social-trabalhista do mundo é de duas, uma: ou o operário é empregado, com todos os seus direitos e deveres assegurados por leis, ou deverá ser uma espécie de "parceiro", interessado, então, diretamente nos resultados financeiros da emprêza. No caso da cafeicultura, dificilmente interessará ao proprietário o regime de parceria. Teremos, no futuro, que optar para uma organização que poderá pautar pelas seguintes linhas gerais:

a) O café será explorado por conta própria.
b) Sempre que possível, as operações serão mecânicas.
c) Os operários, diaristas ou mensalistas, serão em número reduzido, porem cuidadosamente selecionado.

d) Os empregados "efetivos" receberão no fim da safra, gratificação proporcional á colheita e a eficiência de cada um.

e) Ao lado da cafeicultura, dever-se-á cuidar de outras explorações — gado leiteiro, culturas anuais — **que justifiquem, economicamente, a manutenção da mão de obra indispensável á operação de colheita.** Esta será feita por empreita, para aproveitamento das famílias dos empregados.

Essas considerações vêm á margem do escopo dêste relatório, uma vêz que o plantio "em linhas cerradas" não implica, necessàriamente, na mudança de todo um regime de trabalho arraigado há tanto tempo. Ao contrário, nêsse sistema de plantio, êsse mesmo regime, com pequenas variações superficiais, passaria a ter o mesmo êxito que teve no passado. Havendo bem menor área de terreno a ser capinada, e sendo, como já vimos, mais prática a execução das diversas operações de rotina, o colono poderá cuidar de maior quantidade de cafeeiros, a um preço menor e ganhar mais — resultando dai, para o fazendeiro, o barateamento do custo de produção.

Nosso objetivo ao discutir a possibilidade de uma futura transformação da organização de trato, foi salientar que nenhum cafèzal estará bem preparado a entrar em uma organização semelhante a que sugerimos — ou qualquer outra que objetive satisfazer, a um só tempo, os interesses do empregado e do empregador — quanto um cafèzal que for plantado em linhas cerradas.

O PLANTIO EM LINHAS CERRADAS, EM FACE DOS FATORES DE FRUTIFICAÇÃO DO CAFEEIRO

Proteção mútua das plantas: — O hábito tradicional de formar um "pé" de café constituido por diversas plantas, se fundamenta na necessidade que têm os cafeeiros de se protegerem mutuamente, contra os rigores do frio, contra a insolação excessiva e contra os ventos mais ou menos intensos. Foi êsse um dos atos mais inteligentes praticados pelos iniciadores da cultura cafeeira em São Paulo. Dispondo os lavradores, até ha bem pouco tempo, de terrenos de mata para o plantio do café, não poderia ter ocorrido a ninguém plantar café a não ser em covas, uma vês que as condições do solo não permitiriam outro sistema, pois em geral se tratavam de derrubadas recentes. Desde que a imposição do terreno era no sentido do plantio em "covas", nada mais acertado do que reunir várias plantas numa mesma cova. Experiências relativamente recentes realizadas pelo Instituto Agronômico de Campinas, em que se procurou a viabilidade de se colocar apenas uma ou duas plantas em cada cova, vieram dar plena razão ao processo antigo. É que as plantas, assim isoladas, não resistiram comercialmente ás condições do tempo, tendo vida curta e pouca produtiva.

As circunstâncias, hoje são bem diversas. Em geral plantamos café em terrenos trabalhados, isentos de tocos, pobres em matéria orgânica, já erodidos e sempre menos resistentes á ação dêsse fenômeno, por razão óbvias. Nada nos parece justificar, portanto, o mesmo plantio em "covas" feito no passado, sistema que só vem dificultar a necessidade cada vês maior de conservar o solo, pelo contrôle da ero-

são, pela adubação orgânica e pelo seu sombreamento. A agricultura moderna só justifica o plantio em cova, quando se tratam de árvores e cujos frutos, via de regra de grande tamanho, têm valor comercial como unidade que é. São os casos das plantas cítricas, da bananeira, abacateiro e tantas outras.

O cafeeiro é um sub-arbusto, seus frutos só têm valor a granel, sob pêso. Sua frutificação é intensa, abundante. O racional, portanto, é plantá-lo como se plantam outros arbustos e sub-arbustos de exploração comercial, no mundo: em linhas cerradas, para que o trato e tôda exploração sejam executados "coletivamente".

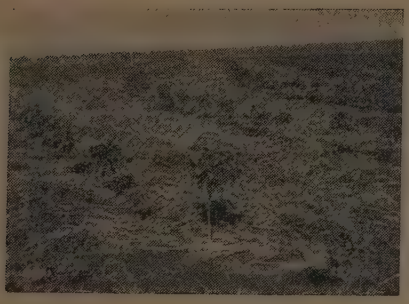
Si o plantio do cafeeiro em mudas isoladas, distanciadas largamente uma das outras, em quadro ou em nível, já ficou demonstrado ser desaconselhável — por inexistir a indispensável proteção mutua, o mesmo não acontece quando dispomos as plantas em sulcos e relativamente próximas entre si. Sem embargo de nos faltar elementos seguros para uma afirmação dessa natureza, desde que a tentativa que executamos tem apenas 6 meses, somos levados a acreditar em sua veracidade por dois motivos: primeiro, o comportamento excelente dêsse cafèzal novo, que se apresenta em magnífico estado vegetativo — apezar de ter sofrido 3 meses de estiagem e forte insolação, períodos alternados de frio intenso e a ação de ventos intensos e frequentes e, mesmo, uma pequena geada; segundo, porque provàvelmente a partir do segundo ano deverá se dar o entrosamento vegetativo entre as plantas vizinhas, não tão grande a ponto de prejudica-las em sua individualidade funcional, nem tão escassa de modo a deixa-las livres e, assim expostas.

O fator mais importante da limitação da frutificação, entre os fatores climatéricos, é sem dúvida o vento frio predominante. Num cafèzal plantado em covas, do modo como até hoje é praticado, cada vêz mais recrudesce a ação dos ventos frios, em consequência da diminuição paulatina da vegetação. A exposição de cada pé ou "cova" de café aos ventos, é progressivamente maior ou, em outros têrmos, cada vês se torna mais livre e intenso o acesso de ventos frios. Esta é, ao nosso ver, uma das maiores causas da queda alarmante de produção que vem se verificando nos cafèzais de São Paulo, a qual, pelo que sabemos, ainda não foi convenientemente destacada. Em geral, nos cafèzais antigos, apenas a metade de cada pé de café produz economicamente. Na face batida pelo vento, 70% da florada não passa de fruto. Nos cafèzais "fechados" de há trinta anos atraz, ou, ainda hoje, em certos cafèzais da Sorocabana (Chavantes) e especialmente do norte do Paraná, a produção se distribue mais ou menos uniformemente por todo o cilindro vegetativo de cada cafeeiro (cova).

No plantio em linhas cerradas, cada fileira de café irá funcionar como verdadeira parede de proteção, anteparos que dificultarão, muito provávelmente, o livre caminhar dos ventos. Apenas os "ponteiros" poderão ser mais castigados. Por outro lado, como os terrenos em regra são irregulares em sua conformação topográfica, e o plantio é feito nível difícilmente coincidirá, permanentemente, a direção dos ventos com as direções das ruas.

A interceptação do vento predominante nos parece argumento em favor de um melhor estudo do sistema de plantio que estamos sugerindo.

É preciso lembrar que o "plantio em renque", já preconizado, embora satisfaça também nêsse particular — não reune contudo o mesmo acervo de vantagens técnicas e práticas que estamos procurando demonstrar como inerentes, exatamente, ao **processo de individualização das mudas;** aquele sistema, precisamente por não adotar essa individualização, apresenta, entre outras, duas desvantagens graves: difícil se torna o trato das árvores, devido à comunhão de troncos e vegetação, e, pelo mesmo motivo, dificulta e onera ainda mais a operação de colheita.



Fotos tiradas em 20-9-52, mostrando a formação do cafèzal em "linha cerradas".

Quanto à proteção mútua das plantas, podemos concluir que ela existirá em pelo menos 75% da superfície produtiva das plantas — e assim mesmo si considerarmos que a vegetação cerrada não constituirá obstáculo seguro contra a ação dos ventos frios.

Sombreamento dos cafeeiros: Em tese, a tendência moderna é sombrear o solo e não as plantas. No caso particular do cafeeiro, porém, um sombreamento racionalmente executado — mámixo de 50% de sombra e plantio direto da árvore de sombra, para evitar traumatismo do "pião" — constituiria poderoso elemento de proteção — fator, portanto, de maior e permanente frutificação. Em se tratando de prática ainda em fase experimental, sua recomendação genérica para cafèzais formados em linhas cerradas, deverá ficar na dependência da palvra oficial a respeito.

Todavia, no caso de plantio em lugares baixos, sujeitos á geada e ao maior frio, a adoção do sombreamento será, até certo ponto, uma imposição fisiológica. A execução do processo em cafèzais plantados em linhas cerradas é muito cômoda e prática. Pode ser sugerido, por exemplo, o plantio do ingàzeiro ao longo das fileiras, nos sulcos, de 20 em 20 pés de café, sacrificando-se um cafeeiro, para cada ingàzeiro. Isso será feito no máximo em ruas alternadas, tomando-se o cuidado de evitar que as árvores de sombra, no sentido de maior declive do terreno, coincidam numa mesma linha, isto é, o interessante será que as árvores coincidam aternadamente, de modo a formar, no sentido do declive, duas linhas de ingàzeiros. Si for assim executada, tal prática implicará na perda de 2,5% de cafeeiros, o que é bastante

Nos casos em que vier a ser indicado o emprêgo do sombreamento, êle poderá ser considerado como fator importante de frutificação.

RESUMOS E CONCLUSÕES

1.º) plantio do cafeeiro, tal como vem sendo praticado, não satisfaz nem do ponto de vista técnico, nem pràticamente, nem do ponto de vista econômico — dado o alto custo de produção, mesmo em cafêzais mais jovens, assim plantados. O plantio de um arbusto ou sub-arbusto, como o café, em covas, como se tratassem de árvores frutíferas, além de não encontrar uma justificativa biológica, só pode concorrer para dificultar o cultivo, elevando o custo de produção. Si tal sistema foi necessário no passado, em solos de mata virgem não destocados, nos quais até o arroz tem que ser plantado em covas, hoje pode ser considerado obsoleto.

2.º) Uma simples mudança do alinhamento — para o de nível — tão recomendado e pouco seguida, si bem constitua um melhoramento ponderável, não resolverá totalmente a questão. Percebendo isso, a maioria dos cafeicultores não se animam a plantar em nível — e dai se agravar cada vês mais o problema da conservação do solo, básico por excelência.

3.º) O plantio por nós preconizado, chamado de "LINHAS CERRADAS", sugere o plantio em sulcos de nível, e mudas individuais convinientemente distâciadas entre si, de modo a conduzir á solução da maioria dos problemas técnicos e práticos, com que hoje se debate nossa cafeicultura. Entre as principais vantagens, destacamos:

a) A operação de plantio torna-se mais prática e menos dispendiosa, possibilitando a utilização de mudas e melhor adubação inicial.

b) a cobertura permanente do solo com m. o. poderá economicamente ser simples operação de rotina.

c) o contrôle da erosão assumirá uma eficiência máxima, bem como sua execução será mais fácil.

d) o combate ás pragas será feito com maior eficiência e maior economia de inseticida, por processos ùnicamente mecânicos.

e) a distribuição das plantas, conduzirá ao trato "coletivo", convidando e justificando amplamente o emprêgo das máquinas.

f) como consequência da maior mecanização, operações como adubação verde, química ou a calagem, ganharão maior exequibilidade.

g) a execução mais fácil e por métodos mecânicos, de muitas operações de rotina, promoverá o barateamento do custo de produção.

h) o problema atual de escassês de braços terá, evidentemente, solução. Contudo, para contornar a necessidade de braços para a colheita, será mister nova organização das fazendas, no sentido de diversificar suas atividades.

i) a aplicação do plantio em linhas cerradas, porém, não implicará necessàriamente na eliminação do regime de colonato vigente, sendo que suas vantagens também são patentes, dentro dêsse regime. Todavia, melhores resultados econômicos poderão ser obtidos si organização mais racional de trabalho agrícola, vier a ser estabelecida.

j) as condições climatéricas de frutificação se foram alteradas, o serão para melhor, constituindo as linhas cerradas obstáculos aos ventos.

k) o processo de plantio em "linhas cerradas" se distingue de todos os demais processos conhecidos, exatamente por preconizar a separação

das mudas dentro dos sulcos de nível; a nosso ver, resulta dessa individualização, a maior soma de vantagem do sistema.

———o———

Observação: — Omitimos, muito a propósito, a discussão de aspectos como a produtividade futura, a precocidade e a longevidade econômica do cafêzal, por entender que êsses pontos fogem á nossa capacidade de **antecipar possibilidades,** em decorrência de um raciocínio objetivo. Tudo o que comentamos e afirmamos nêste relatório, procuramos enquadrar dentro do que é **tècnicamente provável** ou TÉCNICAMENTE ADMISSÍVEL. Si avançassemos mais, estariamos invadindo um terreno essencialmente teórico — constituido por tudo aquilo que pode apenas ser PRESUMIDO.

C.P.M.S. de Ataliba Leonel, 25 de Junho de 1952.

MUDAS DE CAFÉ

bem assim como de plantas frutíferas e ornamentais V. S. encontrará na firma

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo

LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO

Engenheiro - agrônomo, Subdivisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômico de Campinas.

(Continuação)

3.5.2 — Agricultura

O quadro 12 é uma síntese da exportação dos produtos da agricultura de Quênia, no quinquênio 1943/1947. Os seus números revelam os dois produtos líderes da economia da colônia, as fibras de sisal e o café, avantajando-se o primeiro, sôbre o segundo, com pequena margem. Estatísticas mais recentes confirmam a posição dêsses dois produtos e mostram que o sisal vai assumindo importância cada vez maior na economia de Quênia e, senão vejamos: segundo o "East African Economic and Statistical Bulletin" n.º 7, publicado em 1950 pela E.A.H.C., os principais itens da pauta de exportação, pela ordem de sua importância, em 1949, eram os seguintes:

Produtos	Volume		Valor milhar de Cr$	Porcentagem sôbre o total
Sisal	33.934	(ton. métricas)	148.294	37,2%
Café beneficiado ...	132.167	(scs. de 60 kg)	78.510	19,7%
Tanino (extrato casca) ..	22.337	(ton. métricas)	46.218	11,6%
Chá	2.692	(ton. métricas)	37.263	9,3%
Piretro	3.886	(ton. métricas)	31.449	7,9%
Outros	—	———	57.226	14,3%

Segundo a mesma fonte, o valor total da exportação de produtos agrícolas em 1949, foi de 398.960 milhares de cruzeiros. Verificamos ainda que três culturas permanentes, sisal, café e chá, representam 66,3% da pauta exportadora. E se a esta juntarmos a de piretro, cultura semi-perene, constataremos que essas quatro lavouras concorrem com 74,2% da exportação agrícola do país. Curiosa é a verificação

QUADRO 12 — Exportação de produtos agrícolas de Quênia, quantidade e valor verificados no período compreendido entre 1943 a 1947.

Ordem de importância	PRODUTOS	QUANTIDADE					VALOR EM MILHAR DE CRUZEIROS						Percentagem sôbre o Total
		1943	1944	1945	1946	1947	1943	1944	1945	1946	1947	Valor total em 5 anos	
1	SISAL (fibra e estopa) (toneladas métricas	25.248	26.049	27.537	23.828	22.926	28.055	35.398	38.740	43.301	66.576	212.070	19,9%
2	CAFÉ (saco 60 quilos)	132.192	125.861	126.402	162.410	179.557	29.065	27.166	33.251	48.872	67.498	205.852	19,4%
3	PIRETRO (toneladas métricas)	3.671	5.848	5.496	7.562	1.757	23.983	43.435	41.231	60.133	14.144	182.926	17,2%
4	CHÁ (toneladas métricas	4.322	4.190	4.321	4.060	4.348	26.632	26.657	27.687	27.780	47.168	155.924	14,7%
5	MILHO EM GRÃO (sacos de 60 quilos	4.254	2.187	54.724	17.691	63.439	1.490	789	23.831	8.101	34.930	69.141	6,5%
6	TANINO EXTRATO (toneladas métricas)	7.109	9.432	8.695	12.173	11.775	6.471	9.046	8.585	13.174	16.312	53.588	5,1%
7	FARINHA TRIGO (ton. métricas)	5.376	8.060	6.097	9.788	8.437	6.123	8.924	8.005	12.127	11.248	46.427	4,4%
8	ALGODÃO RAMA (fardos de 181 kg)	6.523	5.715	4.023	1.638	3.646	8.191	8.482	5.550	2.116	5.173	29.512	2,8%
9	CASCAS TÂNICAS (toneladas métricas)	6.500	10.977	9.391	7.977	10.414	2.623	4.838	4.651	4.063	6.912	23.087	2,1%
10	LINHO-FIBRA E ESTOPA (toneladas métricas)	965	1.156	655	598	130	5.322	8.910	3.769	3.942	754	22.697	2,1%
OUTROS	——	—	—	—	—	—	3.800	4.347	15.768	12.413	26.023	62.351	5,9%
							141.755	177.992	211.068	236.022	296.738	1.063.575	

FONTE: — "EAST AFRICAN AGRICULTURE", editado por J. K. Mathenson, 1950, Londres.

de que essas culturas chaves da economia da colônia, não estão em mãos dos indígenas, mas representam atividades de agricultores europeus. Êstes cultivam sisal na costa e se ocupam das demais no "Highlands". Os hindús vêm manifestando interêsse pela produção de açúcar de cana porém, fora do "White Highlands". O produto agrícola que mais se valorizou no país, nos últimos anos, foi o sisal. Em pouco mais de um ano, a contribuição dessa fibra para a exportação, que era de 19,35% (período de 1943/47), passou para 37,18% sôbre o valor total da pauta de 1949.

A agricultura indígena não difere, em seus métodos, da de Uganda. A contribuição da produção nativa para a exportação da colônia é significativamente modesta. Ocupam-se os outoctónes da cultura algodoeira e da agricultura de produtos alimentares. Dentre os 10 principais artigos produtores de divisas para o país, os nativos só concorrem com as cascas tânicas. A casca é proveniente da **Acacia** sp., e constitui, na verdade, mais uma atividade extrativa silvícola que, pròpriamente, um produto da agricultura. O algodão, que em Uganda é o principal produto de exportação, na pauta exportadora de Quênia, ocupa um modesto 8.º lugar.

3.5.2.1 — Cultura do Chá

Antes da última guerra mundial, o consumo anual de chá, na Grã-Bretanha, ultrapassava a casa das 180.000 toneladas métricas. Durante o conflito e nos anos que o sucederam, o consumo foi severamente reduzido pelo programa da austeridade imposta ao povo britânico pelo seu governo. Entretanto, as restrições do uso da saborosa infusão vem sendo amenisadas e tudo indica que os índices usuais de consumo do chá serão restabelecidos na Inglaterra dentro de mais um ou dois anos, não obstante o empobrecimento a que o povo inglês se viu reduzido pela guerra. E acontece que o aumento da demanda vem coincidir com a redução das áreas cultivadas com chá na Ásia. As notícias procedentes do Oriente revelam que há acentuado movimento tendente a reduzir, ali, as plantações de chá em favor do aumento da rizicultura, cujo produto constitui a base alimentar dos povos daquelas regiões. As informações são procedentes, porque é de todos conhecida a gravidade da questão alimentar no Oriente, demogràficamente saturado. É de se crer, pois, que aquêles países, muitos dos quais livres da tutela européia, passem a cuidar mais da própria sorte, procurando resolver seus angustiantes problemas de alimentação sem a preocupação, que há mais de séculos lhe vinha sendo imposta, de não deixar faltar chá à dieta do inglês. O fato tem para nós, grande importância, uma vez que o Brasil já é exportador de chá. Sem prejuízo para a nossa exportação cafeeira, não devemos perder de vista a perspectiva de ir conquistando o mercado britânico de chá. E, para fazê-lo, pensamos que o segredo reside na melhoria das qualidades gustativas do nosso produto. A produção de chá da África Oriental Inglêsa acha-se mais ou menos estacionária desde 1941, conforme denuncia a seguinte estatística:

Anos	Toneladas métricas	Anos	Toneladas métricas
1941	5.454	1945	5.649
1942	6.368	1946	5.304
1943	5.239	1947	5.897
1944	5.171	1948	4.220

No Brasil, a cultura do chá se expressa pelos seguintes números, extraídos do Anuário Estatístico do Brasil, de 1950, publicado pelo I. B. G. E.:

Anos	Área cultivada (em hectares)	Pés em produção (em milhares)	Produção (ton. met.)	Rendimento (kg/ha)	Valor em milh. de Cr$
1947	1.572	8.073	720	458	12.717
1948	1.581	8.113	676	428	12.060
1949	1.581	8.113	703	445	12.292

Como se vê, a produção da África Oriental Inglêsa é insuficiente para abastecer a Inglaterra, a diminuição da produção do oriente há de progredir cada vez com maior intensidade, pelas razões expostas e o Brasil tem possibilidades para produzir chá. Faltam qualidades ao produto. A cultura da teácea foi a ponta de lança no redesbravamento e valorização do litoral paulista. Há ainda a produção do Ouro Prêto em Minas Gerais. A extensão da cultura em São Paulo e produção respectiva, representam 85% da do Brasil. Por mais esta razão, julgamos oportuno transcrever neste artigo, os apontamentos tomados durante a nossa visita ao Instituto de Pesquisas do Chá, às suas racionais culturas e, sobretudo, às suas extraordinárias usinas de preparo do chá — as mais bem aparelhadas do mundo, assim reputadas pelos próprios inglêses e por êles consideradas superiores a tudo quanto ainda possuem em Ceilão.

a) **Histórico.** Prevendo a perda das colônias no Oriente, os produtores britânicos de chá, no Ceilão, voltavam-se para a África. Embora os preços fôssem compensadores, há cêrca de uma década, a produção vinha se mantendo estacionária em Quênia, por causa das restrições impostas à expansão da cultura pelo Conselho Internacional do Chá, que visava evitar super-produção. Mas acontece que o referido Conselho não está criando mais embaraços ao aumento da produção. A nova política daquêle organismo disciplinador da economia da teácea, deverá ser mesmo em sentido inverso agora, diante das limitações à produção teifera do Oriente determinada por outra ordem de fatôres. Acontece, entretanto, que a exploração do chá é do tipo agro-industrial e requer vultuosa inversão de capital A formação da lavoura permanente obriga a existência de "prazo morto" não inferior a 4 anos, para o retôrno do capital investido, que vai do início da plantação à usinagem da primeira safra. Juntam-se os onus da montagem da usina e ter-se-á um tipo de emprêsa que a empobrecida iniciativa privada

inglêsa não se sente com fôrças para realizar. A primeira notícia da cultura do chá e respectiva industrialização, refere-se a uma lavoura estabelecida em Natal, em 1878. Entretanto, a história revela que a introdução da teácea no Continente Negro, data de 1851, quando ela foi levada de Assam, na Índia, para o Jardim Botânico de Durban, também em Natal. Em 1900 foi o chá levado para o Jardim Botânico de Entebe, em Uganda. Além de Quênia, já há, hoje, culturas do chá naquêle país e em Tanganica. O "East African Agriculture, Matheson and Bovill", Londres, 1950, consigna, segundo a estatística de 1947, as seguintes áreas de cultura do chá na África Oriental Inglêsa. Quênia — 6.600 ha, Tanganica — 3.150 ha e Uganda — 2.100 ha.

b) **A cultura do chá em Quericho. Solo** — vermelho, rico, profundo, ácido pH — 5,2 a 6,0. A teácea requer solo nítidamente ácido. Para referência, organizamos a relação abaixo, pela qual se poderá verificar a identidade ou diversidade da zona do chá em Quênia e no nosso Estado:

Especificações	"Quericho"	Registro
País	Quênia	Brasil
Estado ou Província	Prov. Nianza	Est. de S. Paulo
Latitude Sul	0°4'	24°28'
Longitude	35°20' L. Gr	47°50' O. Gr
Altitude	1980 m	25 m
Chuvas (1) janeiro	56,25	240
" fevereiro	96,25	209
" março	156,50	157
" abril	250,50	89
" maio	238,25	56
" junho	158,25	50
" julho	91,00	54
" agôsto	186,75	68
" setembro	147,25	112
" outubro	127,75	126
" novembro	120,00	134
" dezembro	83,50	162
" Total	1.712,25	1.457

(1) Dados de chuvas de "Quericho" representam média de 43 anos e os de Registro, de 6 anos.

FONTE: — Dados de Quericho — "East African Agriculture" — "Matheson and Bovill, 1950. Dados de Registro — Clima do Estado de São Paulo — José Setzer, 1946, A situação geográfica é a da Estação Meteorológica de Iguape, que pouco difere da de Registro.

Segundo os técnicos de "Quericho", a mínima e máxima ótimas de chuvas anuais para o chá, são respectivamente, 1.500 m/m e 2.500 m/m. Segundo os mesmos informantes, a coluna d'água e número de dias chuvosos na África Oriental Inglêsa, onde há culturas de chá e no Ceilão, são os da relação seguinte:

País	Localidade	Coluna d'água	Dias chuvosos
Quênia	Quericho	1.712,25 m/m	211
Quênia	Sotique	1.400 m/m	210
Tanganica	Mufindi	1.250 m/m	110
Uganda	Quiagve	1.400 m/m	110
Índia	Ceilão	2.500 m/m	?

Variedades — As culturas de chá de Quênia são uma mistura de híbridos da var. **Assam** e dos "Híbridos Manipuri", importados da Índia. **Viveiros** — Cava de 50 cm, canteiros com 1,25 de largura, plantação 15 cm x 15 cm em triângulo. Sombra, como no caso do café.

Material para multiplicação — Estacas de galhos terminais novos, de um internódio com 1 gema e uma fôlha. A planta-mãe é escolhida na lavoura pela sua boa produção e não é podada, a fim de que se desenvolvam as hastes terminais. As estacas levam 18 meses para enraizar e, ao fim do 24º mês, vão para o lugar definitivo. Podem ter 2 gemas, mas devem ficar com uma fôlha sòmente, entretanto, estacas de 1 só gema, representam grande economia de material de multiplicação.

Preparo da muda — O pequeno pé de chá, 2 a 3 semanas antes de sair do viveiro, para o lugar definitivo, é podado a 10 cm de chão, sendo esta a primeira operação de poda para formação da planta.

Melhoramento — A hibridação é muito demorada e constitui tarefa para gerações de melhoristas.

Compasso no terreno definitivo — 1,30 m x 1,30 m a 1,60 m x 1,60 m em quadro ou em triângulo. A plantação que visitamos, estava plantada em triângulo e sem qualquer providência para defesa do terreno contra a erosão.

Poda de formação — A muda, plantada no terreno definitivo, é deixada à vontade até atingir 75 cm de altura, quando então é seccionada a 40 cm acima do chão. A operação tem por fim provocar a emissão dos ramos laterais, que formarão a "moita" ou o pé de chá. Êste é novamente deixado à vontade, até que os ramos secundários atinjam 25 cm, quando então serão seccionados a 15 cm acima da última poda. Nesta operação, os galhos muito vigorosos são eliminados e procurar-se-á dar à jóvem planta a formação de vaso, arredondando-se a copa. Com esta última operação, o pé de chá deverá estar formado para produzir durante 4 a 5 anos.

Poda de produção — Após o 4º ou 5º ano de produção, procede-se à poda de produção ou de renovação, que consiste na substituição dos galhos laterais velhos por outros novos. O primeiro seccionamento desta poda deverá ser feito sempre 15 cm abaixo do último corte da poda de formação. O corte dos ramos laterais velhos atinge 2/3 da planta, conservando-se 1/3 a fim de não interromper a produção. A eliminação

deve ser uniformemente distribuida, afim de não alterar a formação de vaso que, inicialmente se deu à planta. Logo que os ramos novos entram em plena produção, são eliminados os velhos remanescentes. Em Quênia, Tanganica e Uganda, não há hibernação da planta e a poda pode ser feita em qualquer época do ano. De qualquer forma, o pé de chá deve ser mantido abaixo e nunca acima de 60 cm do chão.

Sombreamento — É uma prática controvertida ainda, na opinião do Dr. Eden, técnico do Instituto de Pesquisas do Chá de Quericho. Segundo êle, a sombra teria a virtude de conter a erosão e a planta indicada seria uma leguminosa, mas acontece que o solo é ácido e aí reside a dificuldade de se encontrar a leguminosa ideal. A sombra ainda poria o pé de chá a coberto dos desequilíbrios funcionais, que a grande amplitude térmica provoca naquelas paragens altas, pois, diferenças de 20º C entre as temperaturas máxima e mínima, nas 24 horas do dia, são comuns. Segundo o Dr. Eden, a bebida do chá sombreado é significativamente inferior que a do chá cultivado a pleno sol. De qualquer forma árvores nos carreadores para quebra-vento, são indispensáveis. As culturas que visitamos possuem talhões moderadamente sombreados e outras só com os carreadores plantados com árvores para o fim de anular o efeito do vento. A árvore usada era a grevilea **(Grevillea robusta).**

Adubação — Como o chá é produto das fôlhas termais, da planta, a adubação mais indicada é o azôto, na forma do sulfato de amôneo. As quantidades dependem da riqueza do terreno.

Pragas e moléstias — A moléstia de significação econômica na África é o "mal da raiz", ocasionado pelo fungo **Armillaria Mellea,** que também aparece em Uganda, atacando o sistema radicular do Café Robusta. Segundo o Dr. Eden, as culturas de chá do Ceilão e outras partes da Índia, estão sendo intensamente atacadas por um fungo ainda não identificado.

Colheita — O melhor chá é o resultante das duas fôlhas termais e do respectivo grelo. O produto colhido é recolhido em cestos, suspensos à tiracolo pelos colhedores, que assim os transportam para a usina. A colheita só é feita nos ramos verticais, deixando-se os horizontais, a fim de que a planta cresça lateralmente e "feche o terreno". Um bom colhedor apanha, em média, de 30 a 35 quilos de fôlhas verdes por dia.

Usinagem — O preparo do chá é operação delicada, que nas usinas de Quericho obedece às seguintes fases, em ordem cronológica: murchamento, rolamento, fermentação, esterilização, secagem, classificação e embalagem. a) **Murchamento** — Processa-se em taboleiros, dentro de salões da usina, onde as fôlhas permanecem de 16 a 22 horas, sob a ação de uma corrente de ar quente. Nesta operação, o material verde perde de 27% a 40% do seu pêso, por evaporação da água de constituição celular; b) **Rolamento** — A operação é feita em máquinas especiais, fundidas em bronze, nas quais à massa de fôlhas murchas é submetida a uma compressão de 180 quilos, por meio de uma peça, animada de movimento horizontal excêntrico, que rola a massa, sôbre uma mesa circular. Esta parte da máquina é dotada de ranhuras de bordos arredondados, que provocam o rompimento das paredes celulares das fôlhas, para saída do excesso de tanatos, sem, porém, produzir-lhes dilaceramento e pelas quais escorre o caldo resultante da compressão.

A eliminação do excedente dos compostos tânicos do chá é fator decisivo para a qualidade da bebida do produto. Vale aqui uma observação, com relação às máquinas de rolamento dos nossos produtores de chá de Registro. As que temos visto ali, são antiquadas e a pressão não vai além de 40 ou 50 quilos. Enquanto nas usinas de Quericho, as mais modernas do mundo, o chão fica alagado do líquido que verte da massa de fôlhas roladas, das máquinas em funcionamento, em Registro, não se vê escorrer uma gota de líquido. Acreditamos que com roladeiras iguais às das usinas de Quericho, e uma colheita só dos 2 últimas fôlhas termais de cada haste, o nosso Chá da Ribeira ganharia muito em qualidade. c) **Peneiramento** — Da máquina de rolamento a massa de fôlhas passa para um sistema de peneiras, que tem movimento oscilatório horizontal, onde se dá a separação, mesmo a úmido, do material miúdo e graúdo. Êste volta às máquinas de rolamento para nova compressão, porque ainda contém excesso de tanatos, que deve ser eliminado, enquanto o primeiro segue para a operação subsequente. d) **Fermentação** — O material miúdo, com baixo teor em tanatos, é recebido em taboleiros e vai para uma sala à parte, na qual permanece de 3 a 5 horas, sob a ação de intenso nevoeiro, que satura a atmosfera de umidade e a 21° C, para o processamento da fermentação. O ponto ótimo desta operação, que é também da mais alta importância, é dado pelo aroma do produto fermentado, que é característico. e) **Esterilização** — Em seguida, o chá fermentado vai para estufas aquecidas a 82° C, onde permanece por 40 minutos, para extermínio do fermento. f) **Repicagem** — A operação seguinte é executada pelos picadores, que uniformizam o tamanho do material. g) **Ventilação** — Operação comum, por meio da qual a massa sêca é submetida à ventilação, para livrá-la da moínha de chá. h) **Embalagem** — É a operação final do processo, por meio do qual o produto é acondicionado em caixas de madeira, padronizadas, forradas de papel grosso e com pêso de 24 quilos.

Médias de produção — Em Quericho, a produção é de 4.500 quilos de fôlhas verdes por hectare, que correspondem a 1,120 quilos de chá exportável p/ha e por ano. A quebra no pêso é pois, de 25%. Embora esta produção seja considerada pelos inglêses como mediana, está incomparàvelmente acima do rendimento médio p/ha conseguido no Brasil e, senão vejamos: Registro (SP) 621 kg p/ha, Ouro Prêto (MG) 92 kg p/ha (média dos anos de 1947/48/49).

Qualidade do chá — Segundo o Dr. Eden, a qualidade do chá de Quericho é a grande incógnita do produto africano, devido à latitude em que se acham as plantações (0°,5 LS), pràticamente sob o Equador. Aquêle grande especialista julga o Ceilão a melhor região do mundo para a produção de chá, porque, além do volume ótimo das chuvas e respectiva distribuição, acha-se a 8° LN'.

Importância da emprêsa visitada — A organização pertence atradicional firma britânica, produtora de chá no Ceilão. A área coberta com as plantações em Quericho é de 2.800 ha (1.157 alqueires), dividida em 4 secções de 700 ha. Cada secção possui usina própria e é administrada por 3 britânicos. A produção anual gira ao redor de 3.000 toneladas métricas. Pelo quadro 12, pode-se verificar que em 1947, Quênia exportou 4.348 toneladas métricas do chá com o valor de Cr$ 47.168.000,00.

Com base em tais dados, pode-se apreciar o vulto da receita da emprêsa produtora de chá de Quericho, que em 1947 teria atingido a Cr$... 32.550.000,00. A mesma emprêsa possui outras plantações em Quênia, Uganda e Tanganica, numa extensão de 9.356 ha, perfazendo a área de suas culturas no East African, pouco mais de 12.000 ha, ou sejam, mais de 5.000 alqueires paulistas plantados com chá.

Mão de obra — Todo o trabalho agrícola é executado pelos nativos e se resume em capinas, feitas por meio da manchete, poda, adubações, colheita e transporte do produto para a usina. A relação homem/área é de um prêto para cada "ACRE", ou seja, para cada 4.052 m² ou 2,5 operários p/ha. Incluindo-se a usinagem, a relação passará a ser de 3,5 prêtos p/ha.

Custo de uma instalação moderna para usinagem do chá — A instalação de uma usina moderna na África, com máquinas inglêsas, para preparo da produção de 1.000 "ACRES" — 405 ha — incluindo favores alfandegários que, em tais casos, são concedidos à colônia, ficará em Cr$ 800.000,00. **Destino do chá** — A produção da África Central Inglêsa é exportada para a Inglaterra, África do Sul, Egito e Sudão.

Associação de Produtores de chá — Os plantadores de chá da África Oriental Inglêsa se agrupam sob a "Associação de Produtores de Chá da África Oriental", que se incumbe da embalagem do chá para o comércio de varêjo. A distribuição do produto desta emprêsa está a cargo de entidade comercial especializada no ramo, que é a "Brooke Bond (East Africa) Ltd.".

Custo da produção — O custo médio de produção do chá exportável de Quênia, Tanganica e Uganda, girou, em 1949, ao redor da média de Cr$ 6,60 por quilo.

Médias de produção nos três países — Nos últimos 5 anos, a média de produção de chá exportável p/ha, vem sendo a seguinte: produção regular — 890 quilos, boa produção — 1.340 quilos, ótima produção 2.230 quilos.

(Continúa)

RESTAUREM SEUS CAFÈZAIS COM AS MISTURAS "POTAC"

FOSFATO BICÁLCICO
38/42% P205

Adiantem sua primeira colheita adubando a plantação com as misturas especiais "POTAC".

ADUBOS POTAC

CIANAMIDA CÁLCICA
20/21% N.

Enriqueçam seu composto com CIANAMIDA CÁLCICA, FOSFATOS E POTASSA.

POTASSA E ADUBOS QUÍMICOS DO BRASIL S. A.
Rua Florêncio de Abreu, 36 — 5.º andar — Telefone: 36-6163 — São Paulo

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

(Continuação)

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

III

Título SERVIÇOS DE ANIMAIS:

Como se estuda o trabalho humano (Mão de Obra) deve-se também estudar o trabalho dos animais (Serviços de Animais), bem como o trabalho dos motores (Serviços dos Motores).

Êste título do Razão agrupa tôdas as despesas e as receitas feitas com os animais de trabalho (para o custeio) da fazenda.

Os sub-títulos preconizados no Livro Auxiliar são:

Bovinos de trabalho — conta custeio
Muares e Cavalares — " "
Carretos.

Para saber o preço de custo da hora de boi ou de muar, deve-se tomar nota diàriamente das horas de trabalho, conta por conta, no Livro Ponto dos animais.

Os dois primeiros sub-títulos são debitados:
pelo valor dos ordenados e da mão de obra gasta;
" " do material gasto;
" " da desvalorização feita em Semoventes (no fim do ano).

Êles são creditados:
pelo valor dos carretos debitados a terceiros;
" " da valorização eventual em Semoventes (no fim do ano);
" " por saldo, dos serviços prestados às diferentes culturas, etc.

Carretos — Serviços de animais:

Êste sub-título é debitado pelo valor de:

1.º) Mão de obra: salários dos carroceiros e carreiros, no tempo que fazem carretos para os operários ou para terceiros;

2.º) Material: impostos com as chapas das carroças e carros e cartas de cocheiros;
parte das despesas de conservação e depreciação dos arreios e veículos;
despesas de conservação dos ranchos especiais para carros e carroças.

3.º) Animais: valor do total das horas de animais gastas nos serviços de carretos.

é creditado:

pelo valor preestabelecido dos carretos feitos para os seguintes títulos:
1 Capitalização (todos)
2 Conservação: Cêrcas
Pastos e Invernadas
3 Material (todos)

cadamente, num Livro Ponto, que poderá ser o mesmo do usado para os animais.

Para o serviço por quilômetro, existem os velocímetros fornecidos com os carros. Há também aparelhos de medição adaptáveis a cada

4 Serviços de Motores: moinho
5 Culturas diversas relacionadas com os animais:
Batatal
Canavial
Mandiocal
6 Despensa
7 Negócios diversos
8 Contas Correntes (terceiros)
9 Empregados (carretos, aluguel de animais).

NOTA: estas contas fazem exceção a serem debitadas pelo custo das horas de serviço utilizadas:

as cinco primeiras por ser preciso liquidá-las antes de se poder saber o custo da hora de serviço, na ocasião do fechamento anual da contabilidade;

as três seguintes por serem um tanto estranhas à fazenda e precisarem apresentar logo o custo total;

a nona, por reger-se por preço geralmente estabelecido anualmente.

Êste sub-título é saldado:
pelo sub-título de Despesas Gerais: Colonização,
já que o prejuízo (ou o lucro) desta conta representa a diferença de preço dos carretos feitos para os empregados (os mais numerosos) por um preço preestabelecido, ou quiçá gratuitamente.

Êste título SERVIÇOS DE ANIMAIS poderia também funcionar como o seguinte "Serviços de Motores".

Após um ano de estudo, como explicado acima, estabeleça-se um preço aproximado por hora de serviço de animal. Mensalmente credita-se êste título pelo número total de horas fornecidas, debitando-se os usufruidores. A diferença, no fim do ano agrícola, representará a variação de valor em Semoventes (desvalorização ou valorização).

Dêste modo, as contas de exploração terão, o ano todo, um débito mais aproximado da realidade; e o preço certo da hora de trabalho dos animais também poderá ser calculada com precisão, para o Relatório Agrícola.

Título SERVIÇOS DE MOTORES:

Êste título do Razão agrupa tôdas as despesas e receitas feitas com motores da fazenda.

Os sub-títulos preconizados no Livro Auxiliar são:

Automóvel
Caminhão
Moinho
Oficina
Secador
Serraria
Trator A

Trator B

Para saber o preço de custo da hora, ou do quilômetro deve-se tomar nota diàriamente das viagens feitas, ou das horas de trabalho, especificamente, num Livro Ponto, que poderá ser o mesmo usado para os animais. Para o serviço por quilometro, existem os velocimetros fornecido com os carros. Ha também aparelhos de medição adaptaveis a cada veículo, dando em diagramas todos os detalhes da marcha, como a velocidade, minutos de trabalhos, marchas a ré, etc.

Automóvel — Serviços de Motores
Caminhão — Serviços de Motores

Êstes sub-títulos serão debitados por:

1.º) Mão de obra: ordenados do chofêr;
serviços mecânicos;
2.º) Material: gasolina (n.º de litros e preços)
óleo Diesel (n.º de litros e preço)
lubrificantes (n.º de quilos e preços)
pneumáticos
peças
depreciação do veículo (no fim do exercício)
3.º) Impostos
4.º) Diversas despesas (multa — acidentes)

serão creditados:

pelos valores do custo das viagens feitas, baseados no número de quilômetros, na base do que cobraria um carro de aluguel, por exemplo;

serão saldados:

por Perdas e Lucros, ou por Despesas Gerais, conforme a utilização maior do auto ou do caminhão.

Moinho — Serviços de Motores:

Êste sub-título é aqui classificado quando êstes maquinários se destinam ao serviço de interêsse da fazenda e dos seus moradores.

Se fôsse uma indústria destinada a vendas para fóra, com fim de lucro, êste título seria classificado no Razão, entre as Contas de Exploração, saldadas por Perdas e Lucros.

Neste título incluem-se tôdas as máquinas movidas pelo mesmo motor, ou que estejam na mesma sala.

Êste sub-título é debitado por:

1.º) Mão de obra: salários do encarregado e ajudantes;
serviços mecânicos;
2.º) Material: fôrça;
óleos e graxas;
peças;
maquinários — conservação
" — depreciação (no fim do exercício)
diversos
3.º) Prédio: conservação (no fim do exercício)
depreciação (no fim do exercício)
4.º) Produtos para transformação:
cargueiros de milho (número e valor)

litros de milho debulhado (número e valor)

5.º) Carretos

Êste sub-título é creditado por:

1.º) Material — produtos: pela debulha do milho, a tanto por saco, que poderá ser arbitrado após 1 ou 2 dias de contrôle;

2.º) Caixa ou Contas Correntes: pelo valor de algumas vendas feitas.

Êste sub-título é saldado por:

Serviços de animais e Criações: pelo valor do:
fubá (número de litros e valor)
fubá grosso (número de quilos e valor)
farelão (número de quilos e valor)
milho e quirera (número de litros e valor)
corte de cana (serviço)
corte de raízes (serviço).

Peculiaridades desta conta:

É pràticamente muito difícil o contrôle certo do número de cargueiros (*) de milho de cada variedade que entram no moinho, e é pràticamente impossível diferenciá-los por destino (debulha para venda, moagem, trituração etc.). Tanto mais que, em caso de grande venda de milho debulhado, o milho miúdo, ou refugo, é o destinado ao consumo dos animais.

Acrescentaremos ainda que o mais econômico é o armazenamento do milho num paiol colocado num andar superior ao moinho ou ao debulhador, para evitar baldeações custosas. O milho em espiga é então despejado a granel para o debulhador.

Assim o processo da contabilização é o seguinte:

Toma-se nota **diàriamente:**

do n.º de litros de milho "trocado" por fubá (costume roceiro)
" " " " ou de quilos de milho ou quirera entregue aos animais e vendido;
" " " " " " " de fubá entregue aos animais ou vendido;
" " " quilos de fubá grosso entregue aos animais ou vendido;
" " " " de farelão entregue aos animais ou vendido;

Os dois primeiros podem ser expressos em litros, por terem um peso específico relativamente regular por variedade.

Os dois últimos devem ser expressos em quilos por terem um peso específico muito variável.

Para simplificação do serviço e melhor contrôle, o fornecimento dêsses produtos poderá ser feito às diversas secções, por partidas semanais.

Deve-se ainda tomar nota diàriamente do:

número de horas de serviço de motor na debulha, por variedade de milho, se convier;

(*) Um cargueiro de milho corresponde a 4 jacás de 2 mãos, tendo cada mão 5

duzias de espigas escolhidas, ou 60 espigas cada uma, sendo 30 espigas "de cima" (grandes) e 30 espigas "do meio" (médias). O volume dêsse cargueiro varia naturalmente conforme a variedade e conforme a qualidade ("grossuro") do milho. A tendência atual é para usar a medida do "Campcão" ou seja uma certa medida de milho em palha, necessária para dar 100 lts. debulhados.

números de horas de serviço de motor na desintegração;
" " " " " de motor na moagem;
ou em outra qualquer máquina existente.

Conhecendo as quantidades totais produzidas, estas serão transformadas em "cargueiros de milho em palha pelas equivalências seguintes, feitas para milho mole de boa qualidade (Dente da Cavalo, ou Amarelão)

1 cargueiro de milho em palha mede 460 litros
1 " " " " " pesa 130 quilos (115 a 150)
1 " " " " " dá 120 lts. de milho debulhado
1 " " " " " " 130 quilos de farelão
1 " " " " " " 156 lts. de fubá fino ou grosso
100 kg. de farelão equivalem a 260 lts. de farelão (variável)
100 kg. de fubá grosso equivalem a 166 lts. de fubá fino (catêto)
100 kg. de fubá grosso pesam de 60 kg. (a 50 kg.)
100 kg. de milho debulhado equiv. a 130 lts de milho
100 lts. de milho debulhado equiv. a 130 lts. de fubá fino ou grosso, com 78 kg.

Exemplo duma conta de milho, no Moinho:

Fubá feito: vendido 2.950 lts.
trocado por milho: 10.545 lts.

13.495 lts. corresponde a $\frac{13.495}{130}$ =

= 10.380 litros de milho.

Sobrou do milho trocado por fubá: 10.545 — 10.380 = 165 lts. que deram 165 × 1,3 = 210 lts. de fubá grosso.

Fubá grosso gasto: 6.840 lts. que, menos 210 lts. correspondem a 6.630 : 156 = 42,5 cargueiros.

vendido: 26.300 kg.

Farelão: gasto: 2.950 kg.

29.250 kg. que correspondem a 29.250 : 130 = = 225 cargueiros.

Total do milho entrado no moinho: 42,5 + 225 = 267½ cargueiros.

Si o saldo devedor da conta "Moinho", compreendido o valor do milho, é por exemplo Cr$ 9.515,50, isto representará uma despesa por cargueiro de Cr$ 35,56, ou seja, por 100 lts de fubá grosso

$\frac{35,56 \times 100}{156}$ = 22,80 aproximadamente; e por 100 kgs. de farelão

$\frac{35,56 \times 100}{130}$ = 27,34 aproximadamente.

Calcula-se depois os valores a debitar aos animais.

Oficina — Serviços de Motores:

Êste sub-título só convirá no caso de existir uma ou mais oficinas importantes, com máquinas grandes (serras, plainas, tornos, furadeiras, etc.).

Assim sendo, os consertos feitos para as diversas secções da fazenda, ou para terceiros, deverão ter seu preço estimado (calculado).

Não existindo tais máquinas, mas apenas o oficial, não existirá êste sub-título.

Êste sub-título é debitado por:

1.º) Mão de obra: salários e ordenados;
serviços de consertos;

2.º) Material: fôrça;
óleos e graxas;
carvão;
peças (para consertos do próprio maquinário);
maquinário — conservação;
" — depreciação (no fim do exercício);
diversos.

3.º) Prédio: conservação (no fim do exercício);
depreciação " " " "

4.º) Matéria prima: bronze) sendo debitado a diferença de peso entre
ferro) a entrega e a devolução do resto ao almo-
madeira) xarifado.

5.º) Carretos

Êste sub-título é creditado:

pelo valor dos serviços prestados a:
Capitalização
Conservação
Despesas gerais
Serviços de animais
Serviços de motores
etc., etc.

Êle é saldado:

por Perdas e Lucros.

Secador — Serviços de Motores:

Êste sub-título será semelhante ao anterior, saldando-se pela cultura que o utilizou.

Serraria — Serviços de Motores:

Êste sub-título será semelhante ao Moinho, sendo debitado por:

1.º) Mão de obra: salários, serviços mecânicos;

2.º) Material: fôrça ou lenha;
óleos e graxas;
peças;
maquinários — conservação;
" — depreciação (no fim do exercício);
diversos.

3.º) Prédio: conservação (no fim do exercício);
depreciação " " " "
4.º) Matéria prima: pelas espécies de madeiras: cubicagem
valor
5.º) Carretos.

Êste sub-título é creditado e saldado pelo:

Material — Madeiras, quantidades, dimensões e valor dos produtos entregues (inclusive os vendidos, sempre contabilizados pelo título Material).

Esterqueira, ou Culturas, dando-se um valor à serragem entregue ou Criações.

Se a Serraria fôsse uma exploração industrial, êste título seria classificado no Razão, entre as Contas de Exploração, saldadas por Perdas e Lucros.

Trator A — Serviços de Motores:

Êste sub-título é debitado por:

1.º) Mão de obra: ordenados dos tratoristas;
serviços mecânicos;
2.º) Material: Combustíveis:
óleo Diesel litros
valor
querosene litros
valor
gasolina litros
valor
álcool litros
valor
Lubrificantes:
p/carter litros
valor
p/pinos e diferencial litros
valor
p/instrumentos kgs.
valor
Material:
peças para trator;
diversos para trator
depreciação do trator (no fim do exercício);
peças para instrumentos;
depreciação dos instrumentos (no fim do exercício);
ranchos — conservação (no fim do exercício);
" — depreciação " " " "
viagens de auto.
3.º) Serviços de animais: custo dos carretos.

E' creditado:

pelo valor dos vários serviços feitos, debitados a cada parcela de cultura, de acôrdo com a área, o que implica na medição, no fim de cada serviço feito pelo trator.

O acêrto de conta poderá ser feito pelos valores de depreciação do

trator e das máquinas (implements). Não sendo suficiente essa depreciação no primeiro ano, o custo dos serviços serão aumentados o ano seguinte. Essa depreciação é, em geral, indicada pelo número de horas de vida que o fabricante garante para o trator.

Título ESTERQUEIRA:

Estabelece-se o princípio de que a esterqueira recebe a matéria prima na sua porta e entregue o estêrco pronto ou o suco (purina ou chorume), também na porta.

Caso se corte capins etc., especialmente para fabricação de estêrco artificial, êste serviço será incluido no custo.

Êste título terá sua conta auxiliar no Livro Auxiliar.

Êle é debitado por:

1.º) Mão de obra: salários (manipulações na esterqueira);
" (corte de material, diretamente para a esterqueira);
serviços mecânicos (consertos);

2.º) Material: fôrça (se houver motor elétrico);
óleos e graxas;
peças;
ferram. e utensílios — depreciação (fim do exercício);
madeiras — gastas.

3.º) Prédio: conservação (no fim do exercício);
depreciação " " " "

4.º) Matéria prima: camas usadas — valor estimativo;
tortas incorporadas no composto (valor e quant.);
resíduos diversos incorporados (valor e quant.);
cinzas incorporadas (valor e quantidade);
e qualquer produto que entrar na confecção do estêrco.

5.º) Carretos (no caso de material cortado especialmente).

Êste título é creditado:

pelo débito das culturas que receberam o estêrco ou a purina, pelo custo global ou por metro cúbico.

A retirada do composto da esterqueira, deverá ser feita sempre em cortes verticais (fatias) de modo a se poder estimar o volume retirado para cada parcela. A contagem das "carroçadas" não oferece dados seguros:

1.º) pelo aumento do volume do estêrco ao ser manipulado,
2.º) pelo volume variável de cada veículo,
3.º) pela quantidade variável carregada em cada viagem, de acôrdo com o tempo (sol ou chuva) e com a coragem do condutor.

Título MÃO DE OBRA:

Êste título de Razão não requer sub-título no Livro Auxiliar. É um título intermediário que mensalmente é saldado.

O interêsse dessa conta está em se saber:

1.º) o total gasto na fazenda, em mão de obra;
2.º) o total de dias de serviços gastos;
3.º) os dias gastos, por hectares, de cada lavoura;

4.º) a repartição dêsses gastos entre Jornaleiros, Mensalistas e Empreiteiros.

Êste título é debitado:

pelo valor dos salários escriturados no "Livro Ponto";
" " dos ordenados dos mensalistas, em geral de ocupações especializadas (cocheiro, campeiro, chofêr, almoxarife, administrador, guarda-livros, etc.);
" " dos serviços contratados e pagos aos empreiteiros;
" " das férias ou outras regalias de lei.

é creditado e saldado mensalmente:

pelos débitos das contas que utilizaram a mão de obra;
pelo débito de Despesas Gerais — Colonização, pelo valor das férias e outras regalias de lei.

Na segunda parte, Escrituração dos Livros, veremos minuciosamente o funcionamento dos lançamentos.

Título MATO:

Êste título do Razão é classificado como Conta de Repartição, e não de Exploração, porque a derrubada da mata nunca é um "lucro" para a propriedade.

A mata é um legado da natureza; é uma acumulação de reservas durante meio século ou um século, que se explora d'uma vez.

O desaparecimento das matas provoca grandes modificações para pior, sôbre o clima e a hidrografia local e visinha.

Assim, o saldo em dinheiro apurado da venda das matas, deve ir a IMÓVEIS, em pagamento da depreciação que as terras sofreram.

Êste título terá no Livro Auxiliar os seguintes sub-títulos:

Lenha
Madeiras
Carvão

Em todos êstes sub-títulos deverão sempre constar as quantidades e os valores, em geral conhecidos, pois todos os serviços de exploração do mato são (e convém que sejam) feitos por empreitada.

Lenha — Mato:

Êste sub-título é debitado por:

1.º) Mão de obra: corte — número de metros;
valor
carreto: número de metros;
valor
carregamento: número de metros;
valor
fiscalização.
2.º) Material: valor da lenha, conforme Inventário.
3.º) Diversos: diversas despesas;
impostos;
despesas gerais — sua quota.

É creditado:

pelo número e valor dos metros de lenha vendidos;
" " " " das carroças de lenha vendidas;
" pagamento em devolução, de certas despesas (carregamento p.ex.).

Convêm ainda anotar na conta o número de metros descontados eventualmente pelo comprador (estrada de ferro).

Madeiras — Mato:

É debitado por:

Toras: corte (despesas de);
carreto à serraria (pago pelo);
despesas gerais (sua quota);
valor da lenha (a calcular estimativamente).

Dormentes: corte (pago pelo);
carreto " "
despesas gerais (sua quota);
valor da lenha (a calcular estimativamente).

Moirões: corte (pago pelo)
carreto " "
despesas gerais (sua quota)
Valor da lenha (a calcular estimativamente)

Postes: corte (pago pelo);
carreto " "
despesas gerais (sua quota);
valor da lenha (a calcular estimativamente).

Taboas: despesas de serragem;
carreto (pago pelo);
despesas gerais (sua quota);
valor da lenha (a calcular estimativamente).

É creditado pelos valores de

Toras — número e valor
Dormentes " "
Moirões " "
Postes " "
Taboas " "

Carvão — Mato:

É debitado por:

feitio: número de sacos e valor,
carretos: " " "
sacos " " "
barbante " " "
fréte " " "
diversas despesas;
lenha (valor da).

É creditado pelo:

líquido apurado da venda — número de sacos e valor.

(Continua)

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado ..... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Biriguí
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est.Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabí
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

AS ABELHAS E A POLINIZAÇÃO DO CAFEEIRO

Desde há algum tempo se promovem em Piracicaba e Campinas estudos minuciosos a respeito da influência da abelha na polinização do cafeeiro. As primeiras informações sôbre o assunto, resultantes de um trabalho do Instituto Agronômico de Campinas relativo à biologia da flor do cafeeiro, revelavam que, em média, é de cêrca de 50% a porcentagem de polinização cruzada do cafeeiro, cabendo às correntes aéreas, aos insetos e à força da gravidade um papel importante no processo. Os casos de autofecundação, isto é, fecundação da flor do cafeeiro pelo polen da mesma planta, estão na proporção de 30 a 40%.

Êsses dados foram corroborados por experiências realizadas em outros países, onde se provocaram até movimentos aéreos para ampliar a proporção da polinização cruzada. Ela poderá, também, ao que parece, ser estimulada pelo emprêgo dos sistemas de hélices, que nos pomares da Califórnia servem para agitar a atmosfera, abvindo assim aos efeitos daninhos das geadas.

Quanto à influência das abelhas, dois professores da Escola Superior de Agricultura Luis de Queirós a estão estudando nos cafeeiros da variedade "Caturra". Já na atual florada disporemos de dados a êsse respeito. Antes das experiências em curso, afirmava-se que, em condições normais, são de 6,1 a 21,9% os casos de autopolinização, respondendo os insetos por 1,9% da polinização dos cafeeiros. Para a experiência citada empregaram-se cafeeiros de aparência uniforme, distantes 2,5 metros uns dos outros, em linhas separadas pelo mesmo espaçamento. Entre êles, colocou-se uma colmeia, distante, por sua vez, cem metros do epiário da Escola. O movimento das abelhas durante a florada foi intenso, e sòmente quando não existiam mais flores se retiraram as armações de madeira cobertas de filó, colocadas sôbre as plantas que deveriam servir de termo de comparação com os cafeeiros desprotegidos.

Verificou-se que êstes produziram 4.704 sementes, ao passo que os cobertos com as telas de filó produziram apenas 3.379. Assim, as abelhas aumentaram de 39,2% a produtividade dos cafeeiros, o que representa uma elevação superior à assinalada pelos técnicos até êste momento. Estas informações, embora iniciais, mas que serão provàvelmente confirmadas pelas pesquisas promovidas em outros países, demonstrarão que, por maiores que sejam as despesas com a instalação de um apiário num cafèzal, elas estarão de muito cobertas pelo aumento da produção resultante da medida. Não se esqueçam, por outro lado, os lucros provenientes do mel e da cera das colmeias.

Estamos, pois, diante de um recurso poderoso para aumentar a produtividade da nossa principal planta, recurso que deverá ser conjugado com a adubação orgânica, a irrigação, a melhora das variedades plantadas, o espaçamento adequado e o combate à erosão.

(Do "O Estado de S. Paulo", 17-8-52)

ENCARECE A PRODUÇÃO DO CAFÉ

Ninguém ignora que as carpas na lavoura de café são as que mais pesam no custo da produção. Quando, na safra de 1948-49, a Secretaria da Agricultura promoveu em todo o Estado a determinação do custo de produção, viu-se que as carpas representavam 36,2% em média das despesas diretas de uma lavoura cafeeira. Naquela época foram encontradas lavouras que faziam de quatro a dez carpas durante a safra, inclusive a arruação e a esparramação. De um modo geral, cinco ou seis carpas era (e ainda é) a média geral, a Cr$ 1.600,00 por mil pés. Mas observou-se que em determinadas regiões do Estado muitos contratos eram peitos por preço menor, apesar de os acima citados representarem os dominantes nos centros cafeeiros mais importantes pelo número de pés explorados e pelo volume da produção. Assim, há três safras, cada carpa custava, nas lavouras paulistas, de Cr$ 200,00 a Cr$ 270,00 por mil pés, em cifras redondas.

Agora estamos na época de novos contratos, e por isso aproveitamos uma visita que fizemos à região da Araraquarense para verificar as condições contratuais que predominarão de 1952 a 1953. Concluimos que o problema se agravou. Grande é a falta de famílias de colonos; as cláusulas dos contratos findantes não são mais aceitas por êstes, embora com salários razoàvelmente alteados; e os fazendeiros, tampouco, se animam a abrir propostas. Uma das grandes fazendas daquela zona está oferecendo agora contratos na base de empreitada por carpa, ao invés de trato de mil pés, e nota-se que começa a generalizar-se o sistema de pagar na base do espaçamento. Assim, sendo a carpa por mil pés, no espaçamento menor de 16 palmos, o empreiteiro recebe Cr$ 300,00, ao passo que no espaçamento maior de 18 palmos já o preço se fixa em torno de Cr$ 315,00. Trata-se de propriedade agrícola que cobre vasta extensão de terra arenosa; mas nas suas terras roxas misturadas, o preço por carpa no espaçamento de 16 palmos é de Cr$ 330,00. Dessa forma, consideradas tais bases, vê-se que de três safras para cá o trato de mil pés de café — quatro carpas, e mais a arruação e a esparramação — se elevou dos preços atrás citados para Cr$ 1.600,00 a Cr$ 1.980,00.

Mas não é só. Um dia de trabalho humano também está sendo pago de Cr$ 28,00 a Cr$ 32,00, e há tendência ainda de aumento. Se juntarmos a isso o crescente encarecimento das ferramentas, dos formicidas e outros inseticidas, fertilizantes, sacos e panos de colheitas — encarecimento inversamente proporcional à queda da produtividade — chegaremos à conclusão de que ao café está reservado o mesmo destino de todos os nossos principais produtos agrícolas: algodão, cana-de-açúcar, arroz e milho. E' o custo desmedido da produção. Note-se que as fazendas agora arcam com novas e amplas despesas, tais as realizadas com transportes, escolas, clubes, cinemas, postos de puericultura, assistência médica, dentária e farmacêutica, bem como armazéns ou cooperativas perfeitamente sortidas.

Para agravar a situação há municípios da Araraquarense e da Alta Paulista, onde faz mais de um mês e dez dias que não cai uma gota d'água. De modo que os cafeeiros, afetados pela colheita, estão perdendo

as folhas em maior proporção do que seria justo esperar, com risco de aniquilarem as boas floradas. Para os que aguardam sempre o mês de agôsto por ser o de melhor florada, o tempo seco, que persiste há mais de um mês em grande zona do Estado, é mais uma perspectiva pouco animadora, que se abre à sobremaneira encarecida safra cafeeira de 1953.

(Do "O Estado de S. Paulo", 5-8-52)

FINANCIAMENTO DO ESTADO NA IRRIGAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

150 milhões de cruzeiros destinados a financiamento aos agricultores

Teve a aprovação da Assembléia Legislativa, na sessão ordinária de ontem, o projeto de lei de iniciativa do deputado Placido Rocha, que autoriza o financiamento dos serviços de irrigação da lavoura cafeeira em São Paulo. Dispõe, o projeto mencionado:

Artigo 1.º — Fica o Poder Executivo autorizado a promover o financiamento dos serviços de irrigação da lavoura cafeeira do Estado.

Artigo 2.º — Para atender ao financiamento de que trata o artigo anterior, fica na Secretaria da Fazenda à Secretaria da Agricultura, um crédito especial de Cr$ 150.000.000,00 (cento e cincoenta milhões de cruzeiros).

Parágrafo único — O valor do presente crédito será coberto com recursos provenientes do produto de operações de crédito que a Secretaria da Fazenda fica autorizada a realizar, entrando, para tanto em entendimento com o Banco do Estado de São Paulo.

Artigo 3.º — O funcionamento, concedido mediante garantia hipotecária das terras e benfeitórias onde se proceder a irrigação, vencerá juros de 8% (oito por cento) ao ano será feito pelo prazo de três anos e amortização em três quotas iguais pagas anualmente.

Artigo 4.º — A Secretaria da Agricultura determinará as normas contratuais que devem regular as transações autorizadas pela presente lei, cabendo prorrogar por mais um ano, se necessário, o prazo para o pagamento de que trata o artigo anterior.

Artigo 5.º — Terá prioridade para adquirir financiamento o lavrador que apresentar a melhor lavoura cafeeira.

Artigo 6.º — A Secretaria da Agricultura, através de seus serviços especializados, prestará aos agricultores assistência necessária ao fim colimado na presente lei.

Artigo 7.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Do "Diário Comércio e Indústria" S. Paulo 14-8-52)

PRIMEIROS RESULTADOS DA IRRIGAÇÃO DOS CAFÈZAIS DE SÃO PAULO

EDGAR FERNANDES TEIXEIRA

As experiências promovidas na Estação Experimental de Ribeirão Preto, sôbre irrigação dos cafèzais, mostraram que três fatores pelo menos são profundamente afetados, desde que se coloque à disposição do cafeeiro água a mais do que a pouca que cái com as chuvas no período de maio a setembro. Assim, a irrigação permitiu aumentar de cento e dezenove por cento (119%) a produção, em 17% o rendimento do café benificiado em relação ao café em côco, e favoreceu sobremodo a maturação, antecipando-a de quase um mês.

O clima de Ribeirão Preto é típico de uma vasta região de São Paulo e Minas Gerais, mas seu característico principal está na má distribuição das chuvas, como também se nota em quase todo o planalto paulista, de modo que o período chuvoso, que vai de outubro a março, é em geral seguido por outro muito sêco, de abril a setembro. Dessa forma, uma planta perene, como o cafeeiro, sofre fortemente nesse período, por duas razões: pela falta de chuvas que permitam sua alimentação normal e pela colheita mediante a derriça que, como ninguém ignora, é fator dos mais sérios no desgaste dos cafeeiros. Ademais, como há anos em que a estiagem ou falta de chuvas se prolonga pelos meses que geralmente são chuvosos, então os cafèzais se despem por completo de suas folhagens, verificando-se um desequilíbrio difícil de remediar. Essa desigualdade na distribuição das chuvas pode ser perfeitamente avaliada diante dos dados que a seguir apresentamos, relativos às chuvas em Ribeirão Preto, segundo verificações do Serviço Federal de Meteorologia, as quais abrangem 40 anos, e observações do pluviometro instalado na Estação experimental, durante um período menor, de 15 anos, isto é, de 1937 a 1951. As médias se assemelham muito e dão nítida idéia dos dois períodos — o das chuvas e o das secas. Ei-los:

Meses	Serviço Federal	Estação Experimental
Janeiro	273	301
Fevereiro	188	212
Março	170	175
Abril	87	65
Maio	39	30
Junho	40	15
Julho	20	12
Agôsto	26	8
Setembro	68	38
Outubro	115	114
Novembro	160	176
Dezembro	229	250
Médias	1.415	1.397

Como se vê, há nos dados acima um perfeito equilíbrio quanto à média anual das chuvas, mas, segundo observou a Estação Experimental nos últimos 15 anos, tem-se a impressão de que, justamente nos meses de mais falta de água, foi que se rompeu o equilíbrio, sendo o período de março a setembro atualmente o mais sacrificado. Mas isso seria assunto para outra conversa, que escapa ao comentário que pretendemos fazer sôbre a irrigação dos cafèzais. Parece-nos, no entanto, que, considerando essa anomalia, num trabalho de irrigação do cafeeiro, a água a ser distribuida deveria ser a diferença entre a média mensal obtida pela soma das precipitações dos meses chuvosos menos a média de cada mês sêco. Dessa forma, poder-se-ia estabelecer um critério prático sôbre a quantidade de água ou de uma instalação para irrigar 20, 50, 100 ou 200 mil cafeeiros. Talvez a irrigação devesse ser igual à diferença entre o volume da chuva de cada mês sêco e o máximo do mês mais chuvoso. E isso porque outras experiências já promovidas, quanto à quantidade de água transpirada pelo cafeeiro cultivado a pleno sol, mostraram que, "nos meses de maio a setembro, em ótimas condições de umidade, o cafeeiro transpira o equivalente a chuvas ou precipitações pluviométricas mensais de 230 milímetros. Isso sem computar a evaporação direta do solo, transpiração das ervas daninhas e outras perdas de água".

O ensaio promovido em Ribeirão Preto abrangeu as safras de 1944-45 até a de 1950-51, sôbre irrigação por infiltração, ou seja, por um sistema de corregos que leva a água até a uma bacia improvisada em roda do cafeeiro e tem o grande mérito de colocar à disposição dos nossos lavradores os primeiros dados de experiências feitas em nosso meio, pois, até agora, sòmente se possuiam informações muito vagas acerca dos resultados da irrigação dos cafeeiros, umas muito otimistas, outras algo desencorajadoras, sôbre a vantagem ou não de empregar elevadas verbas na compra de instalações para a irrigação artificial.

Nas suas conclusões, diz o trabalho a que nos referimos: "A prática de irrigação se reveste de grande importância para as condições atuais da nossa cultura cafeeira, podendo mesmo mudar o panorama das chamadas zonas velhas, produtoras de cafés finos, que terão na irrigação um modo seguro de aumentar a produção dos cafeeiros. Embora o processo usado fosse o de infiltração, podem-se esperar resultados semelhantes e, possìvelmente, melhores, nas terras roxas, com o processo de aspersão, tècnicamente mais eficiente, já usado em larga escala em diversos países e que nesta zona alguns lavradores experimentaram com ótimos resultados. Observações com as plantas irrigadas indicam que, quando elas se acham definhadas, mal conformadas, ainda produzem mais que outras em igualdade de condições não irrigadas, porém o aumento da produção provàvelmente não será econômico. Como o trabalho de irrigação é relativamente caro, somos de opinião que só se deva executá-lo em cafeeiros de boa constituição, capazes de produzir safras grandes, e em condições de trato e adubação corretas. Evita-se assim o esgotamento do solo e da planta. Esta, depois de uma grande produção, forçada pelo acréscimo de água no período sêco, se não encontrar elementos nutritivos suficientes no solo, estará em más condições para suportar uma nova produção. Pelos dados de maturação, embora determinados em um ano

apenas, é de supor que a irrigação venha obrigar a antecipação da colheita de cerca de um mês e mesmo a necessidade de se fazer mais ràpidamente a colheita, para evitar perdas de café caido, o que criará algumas dificuldades para as fazendas. Em dois anos de determinações, houve patente melhora de rendimento no benefício, devido à irrigação, sendo em média (a melhora) de 17%, o que é considerável. Assim, por exemplo, numa lavoura em que o rendimento fôsse de 17 quilos de café beneficiado, por saco de café em côco, se teria, com a irrigação, elevado êsse rendimento para quase 20 quilos. Ainda que julguemos, em princípio, dever incentivar a irrigação da cultura cafeeira, sem temor de malogro, reconhecemos estar a experimentação apenas iniciada, faltando esclarecer ainda muitos pontos".

Apesar da reserva acima feita, não padece dúvidas que a irrigação é capaz de proporcionar aos cafèzais de São Paulo indiscutíveis vantagens. Mas ùnicamente a irrigação não trará a solução do problema de restauração das lavouras cafeeiras. Ela deve conjugar-se à adubação orgânica, por meio do "composto", ao combate à erosão, ao plantio de variedades selecionadas, à replanta sistemática, enfim, a todas essas medidas que, reunidas, representam a sistematização racional da lavoura cafeeira. Ainda há pouco, vimos uma experiência de irrigação de cafeeiros novos, que representou verdadeiro desastre. Era a primeira carga econômica ou primeira safra, e nele se fez uma irrigação abundante, de modo que o cafeeiro se apresentou viçoso e com uma produção espetaculosa. Mas em consequência de uma colheita excepcional para cafeeiros de 4 anos, as plantas perderam todas as folhas, muitas delas morreram e as que se salvaram ficaram prejudicadas por muitos anos. Mesmo continuando a irrigação, é possível que êsses novos cafèzais em pleno desenvolvimento tenham sido prejudicados.

Por isso, deve-se ter tôda a cautela. A irrigação apresenta indiscutíveis vantagens. Mas urge utilizá-la com o maior cuidado, sem o que poderá ser mesmo perigosa. Como disse o chefe da Estação Experimental de Ribeirão Preto, há muitas questões ainda por resolver. A irrigação de cafèzais velhos reveste-se de um aspecto e, a dos novos, de outro. A quantidade de água a ser empregada ainda não está bem determinàda, de modo que é preferível irrigar a menos do que a mais. Mas, por isso mesmo, êsses primeiros resultados de irrigação de cafèzais em Ribeirão Preto já permitem enxergar bem mais distante do que há poucos anos. O resto virá com o tempo, pelo trabalho experimental e pela observação prática dos lavradores que instalaram serviços de irrigação em suas lavouras.

(Do "O Estado de S. Paulo", 6-8-52)

POR QUE PLANTAR 4, 5 OU 6 PÈS DE CAFÉ EM CADA COVA?

Sugestões para a melhoria da Cultura Cafeeira em nosso país

JOSÉ FERREIRA VELOSO
(Engenheiro Agrônomo)

Essa pergunta certamente ficará sem uma resposta, apesar de ser êsse sistema o único usado entre nós para a formação de um cafèzal. Sem dúvida, o empirismo e a rotina foram os seus criadores. Assim se iniciou a lavoura de café no Brasil e assim ela continua a ser executada.

O caminhar incessante em busca de terras novas e o consequente abandono das "zonas velhas" com suas terras "cansadas" é a prova evidente de que graves erros se acumulam no cultivo dessa preciosa planta; a lavoura de café, tal qual é praticada em nosso país, é mais um dos processos de destruição da natureza pela mão do homem.

Embora o fenômeno da erosão das terras seja apontado como o inimigo número um das lavouras de café no Brasil, outros fatores ou métodos de cultura são também responsáveis pela baixa constante e invariável na produção por pé ou por unidade de área. A exposição do solo aos raios solares é, por seu lado, outro fator altamente responsável pelo esgotamento das terras, pois, calcinando-as, destrói ràpidamente a matéria orgânica tão necessária à fertilidade do solo. E uma terra exposta ao sol, durante anos seguidos, vira tijolo ou coisa parecida; haja vista os terreiros para o café de terra batida.

O cafeeiro, não resistindo a êsses métodos de cultivo, vai definhando a ponto de a sua cultura não ser mais lucrativa. Daí o seu abandono. E' comum verem-se lavouras de café numa extrema miséria orgânica, quase reduzida a varas, com uma produção insignificante, onde outrora vegetaram grandes arbustos, enfolhados e bastante produtivos.

Se êsses fatores são os maiores responsáveis pelo envelhecimento precoce dos cafeeiros, o antigo método de se plantar moitas de café não deixa de ter a sua parcela de culpa no decréscimo de produção ou no esgotamento antecipado dos nossos cafèzais. Êsse processo é muito parecido com o método selvícola de plantar milho: 4,5 ou 6 grãos em cada cova, numa concorrência louca, que dá como resultado uma produção heterogênea: espigas bem formadas ao lado dos rastolhos. Como poderão vegetar bem 4, 5 ou 6 indivíduos apertados num espaço mínimo e explorando o mesmo bloco de terra que lhe foi reservado

Se plantarmos duas árvores ou 2 arbustos muito próximos um do outro, o resultado será cada um dêles ter apenas meia copa, pois os ramos internos morrem por não receber insolação suficiente nas suas folhas. Se plantarmos 3 ou 4, o resultado será o mesmo, isto é, cada um só terá a terça ou quarta parte de suas copas.

O cafeeiro plantado em moitas apresenta, quando novo (3-4 anos), um aspecto muito bonito, pois é uma touceira maciça, de um verde carregado e lustroso, com os ramos interiores todos "entrelaçados". Aos 6, 7 ou 8 anos êsses ramos internos não mais existirão. Resultarão 4 pés deformados, ocupando cada um o seu setor de apenas 90°. Êsse processo, indubitàvelmente, contraria o crescimento normal dos indivíduos aí plantados e mais se assemelha a um método-suicida do que a um processo racional de cultura. A tendência natural de toda árvore que cresce a céu aberto e sem obstáculos laterais é ter o caule na posição vertical e perfeitamente "equilibrado", isto é, o pêso dos ramos de um lado pràticamente igual ao peso dos ramos do lado oposto. No caso do cafeeiro tudo isso é mais perfeito, pois os ramos são dispostos de maneira simétrica ao redor do caule. Quando êsse equilíbrio é rompido por qualquer motivo, a árvore esforça-se por restabelecê-lo, quer emitindo novos ramos, quer paralisando o crescimento de outros até corrigir ou atenuar o mal. Como, porém, efetuar isso numa touceira de café?

Se no ar as cousas se passam dessa maneira, no solo tudo será mais ou menos idêntico. Que longevidade ou que capacidade produtiva poderão ter pés de café assim deformados? Em lugar de agrupar 4 pés numa cova, porque não distribui-los em linha? Dêsse modo estarão mais separados um do outro 1m20 a 1m50) e seu desenvolvimento será mais normal. As linhas guardarão as distâncias antigas de 14, 16 ou 18 palmos.

Aos 4 ou 5 anos os pés individuais encontrar-se-ão apenas com os seus vizinhos de linha. Os outros dois lados ficam livres para a ramificação e frutificação contrabalançadas.

As linhas dêsse cafèzal, quando formado, constituirão verdadeiras cercas vivas em curvas de nível, onde tudo será mais fácil de ser executado, desde as pulverizações até a colheita. Os pés, sendo individuais, não apresentarão aquele emaranhado de galhos que tanto dificulta o repasse e outras operações. As águas das chuvas serão mais aproveitadas pelos cafeeiros e se infiltrarão melhor no solo. Quanto à longevidade e à melhor produtividade, é indiscutível que pés de café bem formados não só terão maior duração, como aproveitarão melhor os bons tratos recebidos para retribuí-los em maior proporção.

(Da Fôlha da Manhã, de 4-10-1952)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais de Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 797 CARTA SEMANAL DO MERCADO 3 de Outubro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: A imprensa, nestes dias, dedica sua maior atenção à campanha eleitoral e ao campeonato nacional de "baseball" relegando para plano secundário os acontecimentos econômicos os quais, aliás, continuam em seu rumo normal previsto em cartas anteriores. Segundo observa, a-propósito, o boletim mensal do National City Bank, desta cidade, são unânimes as opiniões a respeito das boas perspectivas para os negócios em geral até a primavera do ano seguinte, sendo tais opiniões baseadas nas despesas do Govêrno Federal com o programa de rearmamento e defesa que implica maior expansão industrial, maior atividade na construção civil e crescente volume das atividades manufatureiras do país. Consequentemente os índices gerais dos mercados deverão se manter dentro de limites relativamente pequenos e suas oscilações deverão obedecer a fatores de natureza predominante estável.

MERCADO DE CAFÉ: A falta de interêsse por parte dos torradores relativamente a novas compras tornou-se mais evidente durante a semana que hoje termina, sendo essa situação devida, naturalmente, ao fato de que neste momento os torradores encontram-se bem abastecidos à vista das compras substanciais que fizeram por ocasião da ameaça de greve marítima. Como é óbvio, o estímulo que proporcionariam umas duas semanas de frio seria suficiente para fazê-los reentrar no mercado de forma ativa. Entrementes, os preços do café no mercado físico voltaram a sofrer debilidade em face da ausência de procura principalmente nos disponíveis e embarques imediato.

Em contraste com as cotações no mercado do grão, os preços na Bolsa local para o Contrato "S" mostraram maior firmeza e para o encerramento de ontem registravam ganhos de 24 a 43 pontos segundo as posições, a-despeito do fato de que a atividade foi muito limitada, pois foram negociados apenas 201 lotes em comparação com 346 lotes na semana passada. O posição aberta, porém, aumentou em 23 lotes e se tal tendência continuar isso significaria que os importadores nesta praça estão interessados em café para entregas distantes .

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No que respeita ao Brasil, poder-se-ia dizer que o tipo Santos 4 é cotado ao redor de 51,25c/ FOB, havendo pouca procura simultaneamente com a ausência de pressão nas ofertas. Os cafés colombianos mostraram certa debilidade até ontem, mas as últimas notícias aqui recolhidas indicam que o tom do mercado melhorou. Como resultado, certas ofertas foram retiradas e as poucas que restam indicam uma tendência mais firme. No que respeita aos cafés sôbre água e para embarque imediato, os preços hoje mencionados eram de 57-1/2c/ a 57-3/4c/.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminadas em:	Unidos	Europa	Outros	Total
COLÔMBIA**	27-9-1952	128.789	8.911	6.953	144.653
	20-9-1952	65.932	1.237	2.791	69.960
	29-9-1951	86.247	23.546	2.929	112.722

BRASIL*	27-9-1952	187-000	132.000	18.000	337.000
	20-9-1952	209.000	168.000	33.000	410.000
	29-9-1951	252.000	124.000	41.000	417.000

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semana terminada em: 27-9-1952	20-9-1952	29-9-1951
BRASIL*	Santos	1.779.000	1.699.000	1.462.000
	Rio	299.000	281.000	373.000
	Vitória	60.000	67.000	95.000
	Paranaguá	1.532.000 a	1.539.000 %	647.000
	Pernambuco	6.000	6.000	10.000
	Bahia	25.000	23.000	23.000
	Angra dos Reis	36.000	43.000	26.000
	TOTAL	**3.737.000**	**3 658.000**	**2.636.000**
COLÔMBIA**	Baranquilla	136.143	130.080	184.532
	Cartagena	90.456	87.647	75.004
	Buenaventura	81.661	124.324	78.064
	Cucuta	144.057	144.057	92.637
	TOTAL	**452.317**	**486.108**	**430 237**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK§

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
27-9-1952	74.496	149.739	125.545	349.780
20-9-1952	78.638	142.762	127.579	348.919
29-9-1951	25.805	103.231	24.114	153.150

§ Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** Dados da Federação Nacional de Cafeiros de Colômbia
a Das quais 370.000 liberadas e 1.162.000 por liberar.
% Das quais 455.000 liberadas e 1.084.000 por liberar.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Venezuela: Do boletim da Embaixada reproduz-se a seguinte: "Segundo informa a Associação Venezuelana de Cafeeiros, Finlândia propõe-se comprar café de Vene-

zuela no valor de duzentos mil dolores. Firmas daquele país nórdico acabam de escrever à referida entidade pedindo cotações e amostras dos cafés disponíveis com o fim de comprar uma quantidade no valor de $200,000. A Associação vendeu há pouco um lote a firmas de Londres ao preço aproximado de 178 bolivares por quintal, superior à oferta das mesmas firmas de 174 bolivares, fato que indica as boas possibilidades do café venezuelano nos mercados europeus."

Guatemala: Do boletim de George Gordon Paton transcreve-se a seguinte nota: "31.000 quintais de café das plantações administradas pelo Govêrno foram vendidos ontem em leilão. Um comprador europeu ofereceu o preço mais alto: $58,94 e o preço mais baixo foi pago por um comprador do Canadá: $54,50. A média dos preços foi de $57,28 por 100 lbs. FOB incluindo um imposto de exportação de $8. Essa média foi a maior na história da indústria local. Diz-se que os compradores dos Estados Unidos mostraram desejo de obter café para embarque imediato, devido à ameaça de greve anunciada no fim do ano."

EUROPA

Inglaterra: O total de café importado nesse país nos primeiros sete meses do ano em curso subiu a 501.452 sacas de 60 quilos, o que representa um aumento de aproximadamente 5% sôbre o volume importado do mesmo período do ano passado. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações distribuidas por países de origem:

País de origem	Jan./julho 52	Jan./Julho 52
Brasil	125.395	177.295
Tanganyika	109.449	94.976
Kenya	75.422	53.622
Uganda	68.136	98.757
Congo Belga	61.529	30.912
África Portuguesa	40.915	2.503
Indonésia	5.644	3.046
Índia	5.528	—
Guatemala	3.771	—
Jamaica	1.615	5.553
Aden	1.553	—
Honduras	1.150	—
Colômbia	917	1.013
Holanda	332	—
Venezuela	85	169
Outros países	—	11.176
TOTAL	501.452	479.022

Alemanha Ocidental: No primeiro semestre do ano em curso a Alemanha Ocidental importou 423.590 sacas de café cru, ou sejam 42% mais que o volume importado nos primeiros seis meses de 1951. As importações de Junho atingiram 77.625 sacas, das quais 38.198 procedentes do Brasil, ou seja uma procentagem de 49 daquele total. O café importado em Junho (em volume superior a 1.000 sacas) veio dos seguintes países: Brasil, Colômbia, Kenya-Uganda, Indonésia, Costa Rica, O Salvador, Guatemala e Holanda.

CANADA

Importações: O Canadá importou em Julho 52.706 sacas de café cru com as quais o total para os primeiros sete meses do ano sobe a 419.936 sacas. Essa cifra representa um aumento de 5,9% sôbre as importações durante o mesmo período de 1951, as quais foram de 396.450 sacas.

N.º 798 CARTA SEMANAL DO MERCADO 10 de Outubro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Segundo mostra o curso dos índices que refletem em geral a vida econômica do país, está decorrendo normalmente a expansão da atividade que sempre ocorre nesta época do ano. O número total de pessoas empregadas continuam em aumento e consequentemente até aumentando também o poder de compra do público.

A-propósito são de interêsse os dados que acaba de divulgar o Banco Federal de Reserva sôbre o volume de vendas no varejo, os quais registram um aumento de 5% durante a semana terminada a 4 do corrente em comparação com o nível referente ao mesmo período do ano passado. É significativo, porém, como indicativo do otimismo econômico atual que a expansão no volume de vendas no varejo ocorreu em 11 dos 12 distritos em que está dividido o país para efeitos daquele índice, sendo a única exceção o distrito de Nova York no qual não houve alteração entre os dois períodos comparados.

Ao passo que o mercado de valores continua em seu curso horizontal na expetativa sôbre o resultado eventual das eleições presidenciais de 4 de Novembro próximo, durante a semana observou-se uma certa debilidade no índice dos mercados de produtos primários causada pelo fato de os últimos dados publicados pelo Govêrno revelaram uma safra de algodão maior da que se esperava a despeito da seca sofrida pelas regiões produtoras daquela fibra no verão passado. Contudo, essa baixa nas cotações do algodão causou alarme de vez que ela foi interpretada como um reajustamente da alta que ocorreu por ocasião da seca devido ao receio de que a safra seria menor.

MERCADO DE CAFÉ: Os círculos cafeeiros nesta cidade estão comentando sôbre o fato de que as vendas no varejo já atingiram bons níveis como resultado do maior consumo ocorrido nestes dias de temperaturas mais baixas. Consequentemente espera-se de um momento para outro um aumento da procura por parte dos varejistas a qual seria naturalmente traduzida por uma expansão na atividade do mercado. Com efeito, o interêsse dos torradores, após semanas de uma fase limitada, parece agora estar dando sinais de maior amplitude. Portanto, durante os últimos dois dias tem-se notado uma certa melhoria no ambiente bem como uma nascente firmeza nos preços, os quais regressaram, de uma maneira geral, aos níveis da semana passada depois de haverem mostrado certa debilidade nos primeiros dias da corrente semana.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York o volume de operações atingiu um total de 246 lotes, ou seja um aumento de 45 lotes sôbre as cifras correspondentes à semana anterior. As cotações permaneceram dentro de margens estreitas e para o encerramento de ontem elas não mostram qualquer variação de consequência quando comparadas com os preços de quinta-feira da semana passada. A posição aberta continua em expansão gradual, sendo esta manhã de 2.202 lotes, isto é, um aumento de 32 lotes durante a semana em revista.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Como já dissemos os níveis gerais de preços dos cafés no mercado físico, depois da debilidade inicial da semana em revista, mostraram mais firmeza ultimamente. Os cafés brasileiros na base FOB não se conseguem aqui a menos de 51,30c/ ao passo que os colombianos o preço mais mencionado flutua entre 57,50c/ e 57,75c/ na base ex-doca Nova York e para embarque imediato.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	4-10-1952	189.000	191.000	10.000	390.000
	27-9-1952	187.000	132.000	18.000	337.000
	6-10-1951	279.000	169.000	10.000	458.000
COLÔMBIA**	4-10-1952	51.597	6.437	462	58.496
	27-9-1952	128.789	8.911	6.953	144.653
	6-10-1951	106.479	20.708	2.283	129.470
	Dados Mensais				
BRASIL*	Setem. 1952 (&)	1.045.000	493.000	63.000	1.601.000
	Agos. 1952	924.000	400.000	131.000	1.455.000
	Setem. 1951	962.000	416.000	104.000	1.482.000
COLÔMBIA**	Setem. 1952	418.262	30.660	13.098	462.020
	Agos. 1952	374.125	34.214	12.954	421.293
	Setem. 1951	351.510	51.805	9.764	413.079

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semana terminada em: 4-10-1952	27-9-1952	6-10-1951
BRASIL*	Santos	1.798.000	1.779.000	1.520.000
	Rio	290.000	299.000	311.000
	Vitória	42.000	60.000	106.000
	Paranaguá	1.588.000 a	1.532.000 %	634.000
	Pernambuco	6.000	6.000	8.000
	Bahia	26.000	25.000	23.000
	Angras dos Reis	40.000	36.000	22.000
	TOTAL	**3.790.000**	**3.737.000**	**2.624.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	128.559	136.143	188.681
	Cartagena	94.073	90.456	61.741
	Buenaventura	105.577	81.661	51.734
	Cucuta	144.056	144.057	92.637
	TOTAL	**472 265**	**452 317**	**399 793**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK§

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
4-10-1952	83.977	152.587	111.266	347.830
27-9-1952	74.496	149.739	125.545	349.780
6-10-1951	24.567	98.583	23.806	146.956

---

* Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
& Dados preliminares sujeitos a retificação.
a Das quais 431.000 liberadas e 1.157.000 por liberar.
% Das quais 370.000 liberadas e 1.162.000 por liberar.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAISES PRODUTORES **10 Outubro de 1952**

Guatemala: Da revista "Coffee and Tea" reproduz-se a seguinte nota sôbre a safra 1952/52: "Funcionários da Oficina Central del Café, de Guatemala, calculam que a próxima safra será abundante. A safra passada foi considerada como uma das melhores na história do país. Quatro quintos do café produzido em todo o país provêm de 1.500 plantações divididas entre 1.300 proprietários os quais usam um total de 426.000 trabalhadores. A área total sob cultura é de uns 337.980 acres e o número de árvores aproximadamente de 138.000.000, das quais 85% estão em produção. O rendimento médio das árvores é estimado em umas 515 lbs. por acre".

O Salvador: A mesma revista dizia o seguinte sôbre a safra 1952/53 no Salvador: "Salvo acontecimentos imprevistos a safra 1952/53 será superior uns 25,5% à safra anterior, segundo calcula a Oficina General de Estatística y Censo de San Salvador. Essa estimativa é baseado no conjunto de opiniões recolhidas entre os lavradores através do país. A safra do ano passado sofreu uma redução substancial devido aos prejuízos causados por um inseto desconhecido a que se deu o nome "chacuatete". O inseto reapareceu este ano em várias zonas produtoras mas o Ministério de Agricultura tomou as medidas necessárias para ajudar os lavradores a combatê-lo. Não se sabe exatamente qual o prejuízo que o inseto vae causar este ano. As chuvas apareceram, este ano, mais cedo que no ano passado e foram, de uma maneira geral, mais copiosas. Os lavradores atribuem a esse fato as boas prespetivas para a nova safra".

Brasil: Segundo informa a revista "Foreign Commerce Weekly", de 22 de Setembro último, o Brasil e a Checoslováquia acabam de emendar o tratado assinado a 17 de Maio de 1950. Segundo o novo acôrdo. O Brasil vae realizar um intercâmbio de produtos com aquele país europeu no valor de $15.000.000 dos quais $2.800.000 serão para cobrir exportação de café.

ESTADOS UNIDOS

O Café nos Hospitais: Da revista "Coffee and Tea", do mês passado, reproduz-se a seguinte notícia: "Mais de 77% dos hospitais do país adotaram o costume de pausas diárias para os médicos e enfermeiros tomar café. Nalgumas regiões já havia o costume da pausa para o café. Em Detroit, por exemplo, mais de 14 hospitais desde há muito que a pausa para o café constitue hábito corrente. Praticamente todos os hospitais do Estado de Michigan adotaram essa medida de acôrdo com um programa apoiado pela Associação de Administradores de Hospitais daquele Estado. Essa Associação introduziu nos horários dos hospitais a pausa para o café devido aos benefícios que o hábito implica para os empregados, médicos e enfermeiras, pois a pausa para o café diminue a tensão causada pelas horas de trabalho. Similarmente investigações levadas a cabo em Salt Lake City, San Francisco, New Orleans e Denver, mostraram que em todos os hospitais o hábito da pausa para o café é costume já arreigado.

"Segundo os resultados de um inquérito realizado a-propósito, os principais benefícios da pausa para o café são: redução do cansaço, aumento da eficiência. Em certos casos o café pareceu influir benéficamente pela diminuição das possibilidades de erros nos trabalhos. Segundo a diretora de enfermeiras do Hospital Infantil de Detroit 'são cometidas menos faltas quando o pessoal tem uma oportunidade para descansar'. No Hospital Osteopático da cidade, um dos funcionários declarou que 'as pausas para o café dão ao pessoal renovado vigor, havendo menos casos de descuido'. Todos os médicos e enfermeiras que foram entrevistados declararam que a pausa para o café era muito vantajosa especialmente quando há intervenções cirurgicas a fazer. O Sub-diretor do Hospital Mt. Sinai, de Cleveland, declarou o seguinte: 'o café ajuda a diminuir a tensão depois de longas horas de trabalhos cirurgicos'".

INDIA

Preparação da Bebida: Num longo artigo que publica o Dr. Natarajan no boletim oficial do Indian Coffee Board sôbre os resultados de um estudo acêrca da preparação do café, realizado pelo Instituto de Investigações Tecnológicas sôbre Alimentos, de Mysore, êle diz que os utensílios de metal afetam o sabor da bebida. O artigo em questão realça que os metais de liga de cobre afetam sobretudo o sabor do café.

N.º 799 CARTA SEMANAL DO MERCADO 17 de Outubro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana em revista os índices dos mercados de valores e de produtos primários registraram baixas. Os analistas, porém, atribuem esse movimento baixista a pura atividade especulativa causada pelo fato do govêrno inglês ser forçado a vender certa quantidade de valores americanos para obter dólares. Consequentemente essa debilidade nos mercados a têrmo não reflete, de forma alguma, a situação real dos negócios os quais continuam bons e com excelentes perspetivas pelo menos para o futuro imediato. Com efeito, já ontem poude-se ver o início de um movimento recuperativo na Bolsa, sendo a opinião nesta praça que os mercados voltarão a ganhar estabilidade até que se conheçam os resultados das eleições presidenciais, ocasião em que naturalmente haverá nova oscilação. Os observadores do mercado realçam o fato de que tais movimentos

na Bolsa são apenas oscilações de vez que qualquer que seja o resultado das eleições ninguem espera de momento uma alteração fundamental nos índices gerais dos mercados.

Por outro lado, a situação financeira do público continua boa à vista de que não existe praticamente desemprêgo no país e por esse motivo as vendas no varejo prosseguem em alto volume. Para a última semana sôbre a qual existem dados, o volume dessas vendas excede em 6% a cifra correspondente ao mesmo período do ano passado. O comércio espera que as vendas até ao fim do corrente ano vão registrar cifras mais altas que as do ano passado e esse fato constitue a base para o presente otimismo nos círculos comerciais.

MERCADO DE CAFÉ: O ambiente melhor que começou a esboçar-se para o fim da semana passada continuou na presente e como resultado os níveis de preços do café mostraram mais firmeza especialmente no mercado físico do produto. Isso deve-se ao fato de que neste momento o volume de vendas dos torradores encontra-se a níveis muito satisfatórios através do país, sendo de esperar que dentro em pouco seu interêsse abranja os cafés para entrega mais distante.

A escassa atividade na Bolsa de Café local é ilustrada pelo limitado número de operações durante a semana em revista, pois foram negociados apenas 118 lotes no Contrato "S". Deve-se notar, porém, que uma das razões para essa reduzida atividade foi também o feriado de segunda-feira. As cotações, porém, não sofreram debilidade a-despeito daquela reduzida atividade, e para o encerramento de ontem registravam subidas de 1 a 7 pontos com a única exceção da posição mais distante, que registrou uma baixa de 3 pontos. O número de lotes pendentes de entrega diminuiu ligeiramente durante a semana e para esta manhã a posição aberta era de 2.189 lotes, ou sejam, 13 lotes menos que a cifra correspondente a sexta-feira da semana anterior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No que respeita aos cafés brasileiros há informações de que as ofertas de compras para o Santos 4 são ao redor de 51,25c/ FOB não foram tomadas. Os colombianos também mostram firmeza e o preço mais mencionado é de 57,75c/ a 58,25c/ ex-doca Nova York para embarque imediato. Os cafés de outras procedências também mostram firmeza muito embora o volume de negócios seja ainda muito limitado.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminadas em:	Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	11-10-1952	160.000	76.000	36.000	272.000
	4-10-1952	189.000	191.000	10.000	390.000
	13-10-1951	201.000	96.000	22.000	319.000
COLÔMBIA**	11-10-1952	87.778	4.196	1.136	93.110
	4-10-1952	51.597	6.437	462	58.496
	13-10-1951	54.739	6.780	231	61.752

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semana terminada em: 11-10-1952	4-10-1952	13-10-1951
BRASIL*	Santos	1.764.000	1.798.000	1.503.000
	Rio	292.000	290.000	395.000
	Vitória	45.000	42.000	111.000
	Paranaguá	1.680.000 a	1.588.000 %	650.000
	Pernambuco	5.000	6.000	11.000
	Bahia	26.000	26.000	23.000
	Angra dos Reis	47.000	40.000	34.000
	TOTAL	**3.859.000**	**3.790.000**	**2.727.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	142.239	128.559	171.038
	Cartagena	87.493	94.073	68.504
	Buenaventura	77.704	105.577	89.190
	Cucuta	144.057	144.056	92.637
	TOTAL	**451.493**	**472.265**	**421.369**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK$

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
11-10-1952	82.834	135.685	103.917	322.436
4-10-1952	83.977	152.587	111.266	347.830
13-10-1951	25.215	95.650	23.282	144.147

* Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a Das quais 512.000 liberadas e 1.168.000 por liberar
% Das quais 431.000 liberadas e 1.157.000 por liberar.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

México: Do boletim da Comissão Nacional do Café daquele país reproduz-se o seguinte: "De acôrdo com os dados mais recentes obtidos nas várias regiões produtoras do país, a safra de café 1952/53 acusa um aumento estimado em 20% a 25% acima da safra anterior, da qual se exportaram 810.000 sacas de 60 quilos em vez de 750.000 sacas previamente calculado. As chuvas oportunas em quase todas as zonas produtoras bem como o interêsse crescente dos cafeicultores em melhorar suas plantações devido aos bons preços para o grão no mercado mundial junto com as facilidades de transporte, são as causas primordiais para o

aumento que se espera na respetiva produção cafeeira. Evidentemente que a ação de Comissão Nacional do Café no sentido de incrementar a cultura de café, durante os últimos três anos, e ao mesmo tempo as medidas que pôs em prática para evitar a decadência dos cafèzais em produção se deve em grande parte aquele progresso.

Em número redondos e sob o ponto de vista de uma estimativa moderada, o total da safra 1952-53 deverá ser superior a 1.180.000 sacas de 60 quilos, das quais umas 930.000 serão exportáveis, ficando para o consumo doméstico entre 200.000 e 250.000 sacas aproximadamente. De uma maneira geral, espera-se uma safra maior do que a do ano passado nas seguintes zonas produtoras: Xalapa, Coatepec, Córdoba, Huatusco, Misantla, Tlapacoyán e Veracruz. As regiões de Hidalguense e Potpsina, já recuperadas dos prejuízos causados pelas fortes geadas de há dois anos que obrigaram os lavradores a podar as árvores na forma aqui chamada de 'recepa', deverão produzir êste ano mais café do que em anos anteriores. O mesmo se pode dizer das regiões de Sierra de Puebla e Oaxaca nas quais tem havido nos últimos anos grande atividade de plantação.

"No que respeita ao Estado de Chiapas, na região de Tapachula é provável que ocôrra uma diminuição na colheita como resultado da seca do princípio do ano mas nas regiões altas deverá haver uma colheita igual à do ano anterior. Relativamente ao consumo doméstico, deve-se notar que o mesmo diminuiu de forma notável devido aos preços mais altos para o café torrado e ao uso cada dia maior de substitutos e adulterantes. Contudo, espera-se que o país consuma entre 200.000 e 250.000 sacas de 60 quilos".

Costa Rica:

Experiências com novas variedades de café: Do boletim da Federação Cafeeira Centro América-México-El Caribe, reproduz-se a seguinte nota: "O Instituto de Ciências Agrícolas mostra interêsse em experimentar certas variedades de cafeeiros brasileiros e, para esse fim, pediu autorização para importar as respectivas sementes. O Eng. Armando Samper, diretor interino daquele Instituto pediu há dias autorização ao Ministério de Agricultura no sentido de fazer experiências com seis novas variedades de café procedentes do Brasil, as quais seriam trazidas ao país no caso de tal autorização for concedida. De um estudo feito pelo departamento de fitopalogia depreende-se que há interêsse em provar as seis variedades acima referidas na Meseta Central, à vista de que não existe perigo relativamente à introdução de doenças".

República Dominicana: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 6 do corrente, reproduz-se a seguinte nota sôbre a safra 1952-53 naquele país: "A safra de café para 1952-53 vae ser um pouco maior que a do ano anterior a qual já foi bastante substancial. A safra exportável 1951-52 é estimada em 335.000 sacas de 60 quilos e inclue de 300 a 600 toneladas métricas para torréfação. Essa estimativa é baseada em cálculos revistos e nos dados de exportação bem como nas opiniões dos exportadores acêrca dos respetivos suprimentos".

EUROPA

Cafés da América Central: Do boletim de George Gordon Paton & Co., reproduz-se a seguinte nota: "Notícias da Europa indicam que tem havido persistente

atividade de compra, nos últimos dois meses, de cafés da América Central por parte de importadores europeus, especialmente de Londres. Alemanha Ocidental tem autorização do Govêrno de Bonn para importar 20.000 sacas de cafés central-americanos por intermédio de uma firma londrina ao passo que uma firma holandesa comprou 60.000 sacas para re-exportação para a Russia e Alemanha Oriental. Deve-se lembrar que antes da guerra esses países eram bons consumidores de cafés suaves de alta qualidade e que a renovação dêsse comércio, mesmo parcial, deverá contribuir para manter aos níveis atuais o preço de tais cafés".

N.º 800 CARTA SEMANAL DO MERCADO 24 de Outubro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Comentando sôbre a situação no mercado de valores desta cidade, o conhecido jornal financeiro "The Wall Street Journal", desta manhã, dizia o seguinte: "Faltando menos de duas semanas para as eleições, o mercado de valores está refletindo as esperanças e os temores relativamente ao resultado eventual da votação. Embora de uma maneira geral Wall Street deseja uma vitória republicana, existe aqui a impressão de que a vitória dêsse partido deveria inaugurar um período deflacionista. Essa impressão é baseada na crença de que sob um govêrno republicano as despesas do Estado seriam mais controladas e que portanto a economia perderia até certo ponto o estímulo expansionista atual. Em compensação, contudo, também seria de se esperar uma certa redução nos impostos gerais". Assim, as oscilações que têm ocorrido na Bolsa nos últimos dias talvez seja uma indicação de que os operadores estão agora tomando posição que lhes permita aproveitar de qualquer tendência definida após as eleições do dia 4 de Novembro. Segundo a opinião dos observadores do mercado é muito possível uma expansão da atividade que duraria até ao fim do ano.

A situação econômica geral continua seu curso normal de acôrdo com as espetativas aqui descritas em Cartas anteriores. O volume de vendas no varejo continua em expansão e para a semana finda a 18 do corrente acusava um aumento de 6% em comparação com o volume para a mesma semana do ano passado.

MERCADO DE CAFÉ: A luta tradicional entre comprador e vendedor foi intesificada durante a semana, sendo o primeiro apoiado pelo fato de que já falta pouco para que comece a entrar no mercado a safra da América Central ao passo que a colheita brasileira está agora afluindo em seu volume maior e a colombiana, de fim de ano, já figura no mercado. Como as circunstâncias favorecem momentâneamente os importadores, o ambiente no mercado apresenta-se pesado. Porém, os torradores continuam dizendo que suas vendas aos varejistas são melhores e isso quer dizer que, dentro de pouco tempo, haverá um incremento na procura de café cru. E quando essa nova situação surgir, é de se esperar maior firmeza nos preços.

Na Bolsa de Café e Açúcar desta cidade o volume de operações foi substancialmente maior do que na semana anterior havendo atingido um total de 294 lotes. A pressão de venda foi maior que a de compra e por consequência, para o fim da sessão de ontem, as cotações acusavam baixas de 20 a 41 pontos segundo as posições. A posição aberta sofreu contração e para esta manhã era de 2.151 lotes em comparação com 2.189 lotes na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços dos cafés brasileiros mostraram grande estabilidade de vez que o Santos 4 continua sendo cotado ao redor de 51,25c/ F0B. As informações mais recentes sôbre os colombianos dizem respeito a preços que flutuam entre 57,25c/ e 57,50c/ na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminadas em:	Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	18-10-1952	214.000	124.000	11.000	349.000
	11-10-1952	160.000	76.000	36.000	272.000
	20-10-1951	253.000	138.000	37.000	428.000
COLÔMBIA**	18-10-1952	82.984	5.051	5.041	93.076
	11-10-1952	87.778	4.196	1.136	93.110
	20-10-1951	67.619	2.757	6.388	76.764

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	18-10-1952	11-10-1952	20-10-1951
BRASIL*	Santos	1.788.000	1.764.000	1.526.000
	Rio	307.000	292.000	369.000
	Vitória	61.000	45.000	114.000
	Paranaguá	2.023.000 a	1.680.000 &	802.000
	Pernambuco	5.000	5.000	9.000
	Bahia	26.000	26.000	24.000
	Angra dos Reis	50.000	47.000	30.000
	TOTAL	**4.260.000**	**3.859.000**	**2.784.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	154.996	142.239	168.638
	Cartagena	88.105	87.493	65.980
	Buenaventura	59.753	77.704	109.517
	Cucuta	144.057	144.057	92.637
	TOTAL	**446.911**	**451.493**	**436.772**

* Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a das quais 470.000 liberadas e 1.533.000 por liberar.
& das quais 512.000 liberadas e 1.168.000 por liberar.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK§

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
18-10-1952	78.466	127.773	96.637	302.876
11-10-1952	82.834	135.685	103.917	322.436
20-10-1951	16.523	82.331	24.055	122.909

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

México: Do Boletim da Comissão Nacional do Café, daquele país, reproduz-se a seguinte nota: "Por decisão do Presidente da República, dois agrônomos da comissão Nacional do Café, Eng. Hernandez, que tem a seu cargo o campo de demonstrações de cafeicultura de Garnica, Estado de Veracruz, e Andrés Luque, encarregado do campo de Rosario Izapa, Estado de Chiapas, partiram no dia 3 de Outubro numa viagem de estudo através dos países produtores da América Central e do Sul. A viagem durará cêrca de três meses, visitando êles os cafèzais do Brasil, Colômbia, Guatemala, Costa Rica e O Salvador. Os referidos visitantes permanecerão a maior parte do tempo em Colômbia devido ao fato dêsse país ser um dos grandes produtores de cafés suaves, ter aperfeiçoado um bom comércio internacional do grão e também porque possue um dos mais importantes institutos de investigações científicas sôbre o café. Na Costa Rica os referidos agrónomos terão a oportunidade de observar, de preferência, o benefício do café devido ao fato dêsse país possuir excelentes instalações de benefício do café".

Colômbia: Da revista "Coffee & Tea", edição de Outubro, reproduz-se a seguinte nota sôbre o vigéssimo quinto aniversário da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia: "Por ocasião do 25.º aniversário da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia, o Sr. Andrés Uribe, gerente do escritório de Nova York daquela organização, deu uma festa em Nova York durante a qual foi exibida a película 'Colômbia — The Land of Montain Coffee". O Gerente Geral da Federação, Sr. Mejia, acompanhou o Sr. Uribe durante a festa. Entre os dados proporcionados aos convidados pela Federação contam-se: durante os 25 anos de existência daquela organização a produção de café na Colômbia subiu mais do dôbro ao passo que a qualidade do produto tem melhorado gradualmente. O principal objetivo da Federação é o de manter e melhorar os standards de produção de café no país. Segundo declarou o Sr. Mejia "A política da Federação tende a estabilizar a indústria e a ajudar os produtores a melhorar suas condições de vida, ensinando-lhes a conservar o solo, melhorar o sistema de cultura e preparação do café como o fim de se obter um produto melhor para exportação.

Quando a Federação iniciou seus trabalhos em 1927, a produção de café era apenas de 2.300.000 sacas por ano. No presente ano de safra a produção colombiana é estimada em cêrca de 5.700.000 sacas. Atualmente Colômbia contribue com uns 25% do café que os Estados Unidos importam. Desde que a Federação foi criada, essa organização tem invertido milhões de dólares em experiências no campo e no desenvolvimento de novas técnicas de produção de café. Muitos lavradores têm frequentado escolas onde se lhes ensina os métodos modernos de cultura do café".

PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTAVEL: De "Coffee Intelligence", de 30 de Setembro último, transcreve-se o seguinte sôbre a produção mundial de café exportável "Com base nas estimativas preliminares, a produção mundial exportável de café em 1952-52 talvez atinja 31.645.000 sacas ou seja quase dois milhões de sacas mais que a produção de 1951-52. Nossas estimativas da safra exportável brasileira são baseadas na quantidade líquida disponível depois de se deduzir cêrca de 900.000 de sacas que desaparecem anualmente pelos canais de consumo nos portos de exportação e cabotagem:

Hemisfério Ocidental	1951-1952	1952-1953
Brasil	14.062.000	14.600.000
Colômbia	5.300.000	5.500.000
O Salvador	950.000	1.150.000
Guatemala	950.000	1.050.000
México	875.000	900.000
Venezuela	475.000	425.000
Haiti	427.000	440.000
República Dominicana	290.000	300.000
Costa Rica	305.000	376.000
Nicarágua	290.000	265.000
Equador	175.000	300.000
Honduras	134.000	125.000
Peru	17.000	20.000
Hawaii	25.000	20.000
Jamaica-Trinidad - Guadalupe	40.000	45.000
	24.323.000	25.524.000

PRODUÇAO MUNDIAL EXPORTAVEL (Cont.)

Hemisfério Oriental	1951-1952	1952-1953
Angola	800.000	880.000
Kênya	280.000	300.000
Uganda	733.000	800.000
Tanganyika	280.500	300.000
Congo Belga-Ruanda-Urundi	580.000	600.000
Etiópia	460.000	625.000
Madagascar	425.000	575.000
Outros territórios franceses	1.250.000	1.500.000
África Espanhola	120.000	120.000
Indonésia	225.000	200.000
Arábia	100.000	90.000
Índia	36.000	51.000
Outros países	75.000	80.000
	5.364.900	6.121.000

RESUMO

	1951-1952	1952-1953
Produção Exportável do Hemisfério Ocidental ...	24.323.000	25.524.000
Produção Exportável do Hemisfério Oriental ...	5.364.900	6.121.000
TOTAL	29.687.900	31.645.000

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XIX | São Paulo, 13 de Novembro de 1952 | N.º 322

DADOS COLIGADOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1952/1953

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

E. Ferro	julho/out.	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	Totais
S. a Jundiaí	44 395	3 168	3 377	2 372	53 312
Sorocabana	866 371	80 028	61 184	57 923	1 065 506
Paulista	2 221 819	57 689	38 282	41 465	2 359 255
Mogiana	322 643	23 818	13 239	22 285	381 985
Araraquara	1 250 898	32 860	17 469	13 315	1 314 542
N. Brasil	1 153 296	43 203	20 379	17 058	1 233 936
C. Brasil	—	—	—	—	—
E. Rodagem	558	—	2 064	265	2 887
Total	**5 859 980**	**240 766**	**155 994**	**154 683**	**6 411 423**

NOTA: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas trimutárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
julho/set.º	86 995	190 357	1 210	21 629	300 191
1.ª dez. outubro	6 983	6 435	—	457	13 875
2.ª " "	3 098	8 657	—	—	11 755
3.ª " " "	2 104	7 448	—	380	9 932
Total	**99 180**	**212 897**	**1 210**	**22 466**	**335 753**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

E. Produtores	julho/out.	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	Totais
Paraná	223 476	28 491	49 951	* 25 549	327 467
Minas Gerais	64 762	11 973	* 5 905	* 4 074	86 714
Goiás	30 421	—	995	* —	31 416
Mato Grosso	1 350	—	—	—	1 350
Esp. Santo	400	—	—	—	400
Total	**320 409**	**40 464**	**56 851**	**29 623**	**447 347**

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1952/53 — (ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1952)

Paulista	Despachado	Liberado	Destino Alterado e Cancelado	A liberar
1.ª dez. julho	621 719	621 719	—	—
2.ª " "	508 063	508 063	—	—
3.ª " "	942 371	941 202	—	1 169
1.ª " agôsto	676 495	434 804	330	241 361
2.ª " "	799 171	—	—	799 171
3.ª " "	852 006	—	—	852 006
1.ª " setembro	604 789	—	—	604 789
2.ª " "	489 665	—	—	489 665
3.ª " "	357 168	(*) 200	—	356 968
1.ª " outubro	240 766	—	725	240 041
2.ª " "	153 930	—	—	153 930
3.ª " "	154 418	—	—	154 418
Total	**6 400 561**	**2 505 988**	**1 055**	**3 893 518**
Despolpado	7 975	7 681	—	294
Rodoviário	2 887	—	200	2 687
Total Geral	**6 411 423**	**2 513 669**	**1 255**	**3 896 499**
(Outros Estados até 31 de Out.)				
Paranaense	327 467	90 134	—	237 333
Mineiro	86 714	43 600	—	43 114
Goiano	31 416	22 326	—	9 090
Matogrossense	1 350	400	—	950
Espiritossantense	400	—	—	400
Total	**447 347**	**156 460**	**—**	**290 887**

(*) Transito Especial
CANCELADO ..... 200 "
DESTINO ALTERADO p/ "Interior e Capital" ..... 1 055 scs

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA DE 1951/1952

Paulista	Despachado	Destino Alterado	Total	Liberado	A liberar
Comum	5 490 393	30 478	5 459 915	5 458 915	* 1 000
Despolpado	14 397	—	14 397	14 397	—
Rodoviário	402	402	—	—	—
Total	**5 505 192**	**30 880**	**5 474 312**	**5 473 312**	**1 000**
(Outros Estados até 3.º dez. maio)					
Paranaense	147 624	710	146 914	146 914	—
Mineiro	109 003	872	108 131	108 031	** 100
Goiano	21 298	333	20 965	20 465	** 500
Goiano Rod.	1 500	—	1 500	1 500	—
Matogrossense	5 382	—	5 382	5 382	—
Total	**284 807**	**1 915**	**282 892**	**282 292**	**600**

OBS: Destino Alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
Destino Alterado p/ "Interior e Cap." 28 832 30 478

** Aprendidas
* Anulados
SAFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1 080 scs.)

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TITULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:
RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar Fone: 23-0012
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar Fone: 3-4976
SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

SETEMBRO DE 1952 — Sacas de 60 quilos

Portos de Embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
SETEMBRO DE 1952				
Santos	847 648	104	41	847 793
Paranaguá	387 036	—	285	387 321
Rio de Janeiro	304 550	68	360	304 978
Vitória	51 909	—	26 825	78 734
Angra dos Reis	35 616	—	—	35 616
Recife	147	—	—	147
Salvador	528	—	2 982	3 510
Total	**1 627 434**	**172**	**30 493**	**1 658 099**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maio	965 155	346	19 534	985 035
Junho	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Julho	1 072 676	293	27 854	1 100 823
Agôsto	1 468 117	155	26 099	1 494 371
Total de Jan. à Setembro	11.571.091	2 189	226 212	11 799 492

OUTUBRO DE 1952 — Sacas de 60 quilos

Portos de Embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
OUTUBRO DE 1952				
Santos	662 005	114	270	662 389
Paranaguá	355 742	—	—	355 742
Rio de Janeiro	318 076	28	220	318 324
Vitória	87 105	—	21 554	108 659
Angra dos Reis	20 713	—	—	20 713
Recife	325	13	115	453
Salvador	—	—	1 273	1 273
Total	**1 443 966**	**155**	**23 432**	**1 467 553**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maio	965 155	346	19 534	985 035
Junho	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Julho	1 072 676	293	27 854	1 100 823
Agôsto	1 468 117	155	26 099	1 494 371
Setembro	1 627 434	172	30 493	1 658 099
Total de Jan. à Setembro	**13 015 057**	**2 344**	**249 644**	**13 267 045**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

Setembro de 1952

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:		
ARGÉLIA: via Marselha	125	164 769
MARROCOS ESPANHOL: via Tanger	4 500	4 832 470
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	3 588	3 826 747
SUDOESTE AFRICANO: Walvis Bay	25	29 211
UNIÃO SUL AFRICANA:	5 449	6 257 224
Cape Town	775	872 061
Durban	3 270	3 772 992
Mossel Bay	504	600 856
Port Elizabeth	900	1 011 315
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	24 641	30 545 178
Montreal	15 982	19 800 035
Saint John	500	624 466
Toronto	3 650	4 516 740
Vancouver	3 009	3 735 597
Winnipeg	1 500	1 868 340
ESTADOS UNIDOS:	1 011 254	1 237 377 664
Baltimore	75 800	93 061 665
Boston	28 839	35 560 083
Charleston	3 250	3 587 983
Corpus Christi	1 500	1 839 761
Filadélfia	22 169	27 316 066
Houston	51 955	63 425 259
Jacksonville	38 125	46 928 782
Los Angeles	15 724	19 363 129
New Orleans	274 473	334 692 174
New York	400 759	489 703 917
Norfolk	11 559	14 086 238
Oakland	28 925	35 773 028
Portland	2 738	3 390 159
São Francisco	51 250	63 512 866
Seattle	4 188	5 136 554
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	27 179	33 284 973
Buenos Aires	26 392	32 443 113
Rosário	787	841 860
CHILE: Valparaiso	318	402 333
URUGUAI: Montevidéu	5 693	6 625 625
ASIA:		
CHIPRE:	710	826 050
Famagusta	550	635 749
Limassol	160	190 301

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
FILIPINAS: Manila	765	878 183
IRAQUE: via Beirute	1 666	1 900 619
JAPÃO:	685	889 778
Kobe	334	435 795
Yokoama	351	453 983
TRANSJORDÂNIA: via Beirute	4 161	4 771 033
LIBANO: Beirute	1 691	2 057 618
TURQUIA:	7 882	9 197 038
Mersina	832	947 902
Smyrna	2 250	2 603 771
Istambul	4 800	5 645 365
EUROPA:		
ALEMANHA:	101 770	131 893 127
Bremen	18 772	24 513 396
Frankfort	10 500	13 564 440
Hamburgo	72 498	93 815 291
AUSTRIA:	10 216	12 415 684
via Amsterdam	603	786 023
via Antuérpia	2 128	2 740 619
via Hamburgo	329	410 829
via Trieste	7 156	8 478 213
BELGO-Lux: U.E.: via Antuérpia	32 321	40 315 686
DINAMARCA: Copenhague	3 382	4 292 150
FINLÂNDIA: Helsinki	5 666	6 888 991
FRANÇA:	135 077	161 432 902
Bordéos	9 080	10 829 457
Dunquerque	18 467	21 232 155
Havre	94 127	112 657 404
Marselha	11 875	14 760 201
Strasburgo	1 528	1 953 685
GRÃ-BRETANHA:	44 939	54 952 051
Liverpool	1 867	2 341 182
Londres	43 072	52 610 869
GRÉCIA: Pireus	7 896	8 881 882
HOLANDA:	24 280	30 840 889
Amsterdam	17 155	21 803 933
Rotterdam	7 125	9 036 956
ISLÂNDIA: Reykjavik	900	1 019 899
ITÁLIA:	33 968	42 149 839
Ancona	519	677 149
Bari	315	425 543
Cagliari	125	127 511
Catânia	63	82 150
Genova	12 095	15 558 873
Livorno	750	930 343
Messina	125	143 114
Monfalcone	700	829 835
Nápoles	14 487	17 513 741
Palermo	125	144 660
Pôrto Tôrres	680	773 853
Riposto	63	69 449
Spezia	1 671	2 119 444
Veneza	2 250	2 754 174
NORUEGA:	29 750	36 651 751
Bergen	5 000	6 186 276

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Oslo	16 500	20 339 376
Stavanger	2 000	2 499 930
Trondhjem	6 250	7 626 169
PORTUGAL: Funchal	80	100 318
SUÉCIA:	87 500	111 912 714
Estocolmo	44 241	56 508 001
Gotemburgo	27 257	34 946 670
Helsingborg	9 176	11 715 407
Malmo	6 826	8 742 636
SUÍÇA:	3 345	4 039 459
via Antuérpia	145	157 603
via Hamburgo	3 200	3 881 856
TRIESTE:	5 978	7 268 828
OCEANIA:		
NOVA ZELÂNDIA: Dunedin	34	43 449
TOTAL GERAL:	**1 627 434**	**1 998 966 132**

O PRECEITO DO DIA

POEIRA E RESPIRAÇÃO

Os pelos existentes na entrada das narículas ou ventas impedem a penetração de poeiras do ar que se respira. Êsse meio natural de defesa evita que numerosas impurezas cheguem até à garganta e aos pulmões, como acontece quando se respira pela bôca.

Quando tiver que atravessar ambientes cheios de poeira, não prenda a respiração nem respire pela bôca; continue respirando, naturalmente, pelo nariz. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhes pelos portos de procedência

JANEIRO a SETEMBRO DE 1952

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
Argélia	Santos	250	326 065
Canárias	Rio de Janeiro	5 442	5 400 620
	Vitória	7 666	7 790 366
	Total	13 108	13 190 986
Egito	Santos	450	569 203
	Rio de Janeiro	17 695	19 043 767
	Vitória	2 583	2 730 032
	Total	20 728	22 343 002
Líbia	Rio de Janeiro	2 603	3 053 316
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	1 666	1 705 990
	Vitória	14 250	14 565 127
	Total	15 916	16 271 117
Marrocos Francês	Rio de Janeiro	2 075	2 179 825
	Vitória	21 237	22 219 160
	Total	23 312	24 398 985
Rodésia do Sul	Santos	50	62 939
Sudão Anglo Egipcio	Rio de Janeiro	2 166	2 193 985
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	450	501 348
Tanger	Rio de Janeiro	100	112 371
	Vitória	2 500	2 839 253
	Total	2 600	2 951 624
União Sul Africana	Santos	4 907	6 136 461
	Rio de Janeiro	34 386	37 661 147
	Total	39 293	43 797 608
AMERICA CENTRAL:			
Panamá	Santos	500	616 923
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	137 215	169 430 061
	Rio de Janeiro	6 475	7 884 255
	Angra dos Reis	1 000	1 204 773
	Paranaguá	43 155	52 126 617
	Total	187 845	230 645 706

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Estados Unidos	Santos	4 067 554	5 013 641 726
	Rio de Janeiro	910 324	1 070 327 528
	Vitória	85 176	82 239 848
	Angra dos Reis	132 293	162 992 221
	Paranaguá	1 772 454	2 138 934 516
	Recife	500	597 442
	Total	6 968 301	8 468 733 281
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	62 043	79 635 130
	Rio de Janeiro	174 700	200 920 386
	Vitória	42 275	44 120 649
	Paranaguá	6 822	8 946 198
	Total	285 840	333 622 363
Chile	Santos	768	987 382
	Rio de Janeiro	9 880	11 489 612
	Vitória	40 932	41 715 305
	Total	51 580	54 192 299
Paraguai	Rio de Janeiro	1 500	1 907 841
Uruguai	Santos	328	415 672
	Rio de Janeiro	25 239	28 278 619
	Vitória	3 150	3 315 308
	Total	28 717	32 009 599
ASIA:			
Aden	Rio de Janeiro	170	180 340
Chipre	Santos	175	225 476
	Rio de Janeiro	21 850	23 744 252
	Vitória	250	250 887
	Total	22 275	24 220 615
Filipinas	Santos	543	678 653
	Rio de Janeiro	185	240 305
	Paranaguá	450	540 426
	Vitória	430	457 736
	Total	1 608	1 917 120
Iraque	Rio de Janeiro	53 875	57 672 022
Israel	Rio de Janeiro	169	190 229
Japão	Santos	13 092	16 764 246
	Rio de Janeiro	355	463 217
	Paranaguá	74	89 294
	Total	13 521	17 316 757
Libano	Rio de Janeiro	5 681	6 194 061
Síria	Rio de Janeiro	415	417 893
Transjordânia	Rio de Janeiro	13 106	14 175 549
Turquia	Rio de Janeiro	74 237	81 765 913

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
EUROPA:			
Alemanha	Santos	396 118	521 173 792
	Rio de Janeiro	69 441	88 777 133
	Angra dos Reis	6 144	7 957 790
	Paranaguá	15 237	19 336 164
	Bahia	302	373 354
	Total	487 242	637 618 233
Áustria	Santos	3 809	4 982 838
	Rio de Janeiro	14 217	16 693 083
	Vitória	100	116 842
	Total	18 126	21 792 763
Belgo-Lux. U. E.	Santos	123 308	153 352 209
	Rio de Janeiro	87 379	98 476 087
	Vitória	32 447	33 794 233
	Paranaguá	28 366	35 103 609
	Total	271 500	325 726 138
Dinamarca	Santos	207 691	255 838 539
	Rio de Janeiro	48 579	55 863 948
	Total	256 270	311 762 487
Finlândia	Santos	85 803	109 984 024
	Rio de Janeiro	190 138	207 700 462
	Total	275 941	317 684 486
França	Santos	175 136	224 762 096
	Rio de Janeiro	278 958	318 483 083
	Vitória	38 047	39 041 470
	Angra dos Reis	250	325 883
	Paranaguá	52 208	64 177 715
	Bahia	2 147	2 661 447
	Recife	17 290	21 383 102
	Total	564 036	670 834 796
Gibraltar	Santos	500	631 650
	Rio de Janeiro	4 931	5 158 021
	Vitória	6 833	7 056 488
	Total	12 264	12 846 159
Grã-Bretanha	Santos	22 968	28 664 084
	Rio de Janeiro	59 582	65 756 906
	Paranaguá	152 341	185 147 567
	Bahia	250	290 257
	Total	235 141	279 858 814
Grécia	Rio de Janeiro	32 836	37 171 052
Holanda	Santos	161 789	206 892 175
	Rio de Janeiro	29 300	33 008 491
	Vitória	5 750	5 892 312
	Angra dos Reis	2 125	2 647 656
	Paranaguá	53 949	67 453 683
	Bahia	500	605 640
	Total	253 413	316 499 957

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Irlanda	Santos	250	324 053
	Paranaguá	120	148 180
	Total	370	472 233
Islândia	Rio de Janeiro	12 450	13 953 810
Itália	Santos	178 423	234 230 280
	Rio de Janeiro	92 155	101 113 097
	Vitória	55 337	57 430 944
	Paranaguá	12 355	15 621 989
	Bahia	6 101	7 289 588
	Recife	5 177	6 196 840
	Total	349 548	421 882 738
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	7 662	8 886 491
Malta	Rio de Janeiro	3 100	3 493 921
	Vitória	500	490 598
	Total	3 600	3 984 519
Noruega	Santos	107 000	132 227 379
	Rio de Janeiro	27 500	33 892 500
	Paranaguá	75 650	92 221 310
	Total	210 150	258 341 189
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Portugal	Rio de Janeiro	240	291 029
Suécia	Santos	552 968	707 384 425
	Rio de Janeiro	52 952	60 935 787
	Angra dos Reis	11 075	14 037 671
	Paranaguá	42 777	53 368 064
	Bahia	1 023	1 296 288
	Total	660 795	837 022 235
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	25 300	29 970 796
Suiça	Santos	1 525	1 989 128
	Rio de Janeiro	27 625	31 118 917
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	34 150	38 134 219
Trieste	Santos	15 394	19 643 325
	Rio de Janeiro	6 457	7 226 936
	Vitória	4 468	4 775 879
	Paranaguá	903	1 128 773
	Bahia	100	121 043
	Recife	418	523 952
	Total	27 740	33 419 908
Vaticano	Santos	3	3 000

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
OCEANIA:			
Austrália	Santos	499	634 042
Nova Zelândia	Santos	33	42 166
	Paranaguá	34	43 449
	Total	67	85 615
TOTAL GERAL:		**11 570 841**	**14 035 721 163**

O PRECEITO DO DIA

AFASTANDO O PESSIMISMO

A vida alheia e o lado ruim das coisas nunca devem ser assuntos de conversas diante de crianças, pois estas se vão habituando a não confiar nos outros e a fazer julgamentos injustos. Crescem em ambiente de pessimismo e delas desaparecem a boa vontade e o verdadeiro amor ao próximo.

Eduque seu filho num ambiente de confiança, conhecendo também o lado bom das coisas, para que possa ser útil a si próprio e à sociedade. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

III — Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos países do destino, segundo a procedência

JANEIRO A SETEMBRO DE 1952

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AFRICA:								
ARGÉLIA: Via Marselha	250	—	—	—	—	—	—	250
CANÁRIA:								
Las Palmas	—	2 500	5 166	—	—	—	—	7 666
Tenerife	—	2 942	2 500	—	—	—	—	5 442
EGITO: Alexandria	450	17 695	2 583	—	—	—	—	20 728
LÍBIA:								
Bengazi	—	2 000	—	—	—	—	—	2 000
Tripoli	—	603	—	—	—	—	—	603
MARROCOS ESPANHOL:								
Via Tanger	—	1 666	14 250	—	—	—	—	15 916
MARROCOS FRANCÊS:								
Casablanca	—	2 075	21 237	—	—	—	—	23 312
RODÉSIA DO SUL: Via Beira	50	—	—	—	—	—	—	50
SUDÃO ANGLO-EGIPCIO:								
Porto Sudan	—	2 166	—	—	—	—	—	2 166
SUDOESTE AFRICANO:								
Luderitz Bay	—	75	—	—	—	—	—	75
Walvis Bay	—	375	—	—	—	—	—	375
TANGER:	—	100	2 500	—	—	—	—	2 600
UNIÃO SUL AFRICANA:								
Cape Town	438	7 205	—	—	—	—	—	7 643
Durban	4 194	16 316	—	—	—	—	—	20 510
Johannesburgo	50	—	—	—	—	—	—	50
Mossel Bay	—	4 265	—	—	—	—	—	4 265
Port Elizabeth	225	6 600	—	—	—	—	—	6 825

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA CENTRAL:								
PANAMÁ: Cristobal	500	—	—	—	—	—	—	500
AMÉRICA DO NORTE:								
CANADÁ:								
Halifax	2 350	250	—	—	250	—	—	2 850
Hamilton	—	—	—	—	180	—	—	180
London	500	—	—	—	—	—	—	500
Montreal	82 873	750	—	250	8 398	—	—	92 271
Saint John	1 381	—	—	—	—	—	—	1 381
Toronto	12 648	650	—	—	4 600	—	—	17 898
Vancouver	34 063	3 575	—	750	26 282	—	—	64 670
Winnipeg	3 050	—	—	—	3 445	—	—	7 745
Via New York	350	—	—	—	—	—	—	350
ESTADOS UNIDOS:								
Baltimore	237 468	37 842	250	1 250	192 930	—	500	470 240
Boston	133 510	13 325	—	875	93 744	—	—	241 454
Charleston	6 774	16 500	—	—	4 625	—	—	27 899
Corpus Christi	2 250	1 000	—	1 250	2 250	—	—	6 750
Filadelfia	79 831	6 000	—	—	15 030	—	—	100 861
Houston	192 228	93 544	15 600	14 892	108 364	—	—	424 628
Jacksonville	185 005	26 250	—	—	33 370	—	—	244 625
Los Angeles	81 614	22 535	—	3 750	94 492	—	—	202 391
New Orleans	939 272	271 953	66 650	55 295	423 336	—	—	1 756 506
New York	1 717 582	329 133	426	21 712	715 800	—	—	2 784 653
Norfolk	50 064	3 000	2 250	—	12 027	—	—	67 341
Oakland	28 925	—	—	—	—	—	—	28 925
Portland	20 309	4 195	—	1 250	12 775	—	—	38 529
São Francisco	314 143	77 547	—	30 519	43 833	—	—	466 042
Seattle	78 329	7 500	—	1 500	13 463	—	—	100 792
Tacoma	250	—	—	—	6 415	—	—	6 665

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	61 843	160 428	39 727	—	6 822	—	—	268 820
Rosário	200	14 272	2 548	—	—	—	—	17 020
CHILE:								
Autofagasta	—	—	555	—	—	—	—	555
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	50	725	—	—	—	—	775
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Montt	—	50	210	—	—	—	—	260
Punta Arenas	—	418	2 845	—	—	—	—	3 263
Talcahuano	—	842	8 773	—	—	—	—	9 615
Valparaiso	768	8 520	27 679	—	—	—	—	36 967
PARAGUAI:								
Assunção	—	1 500	—	—	—	—	—	1 500
URUGUAI:								
Montevidéu	328	25 239	3 150	—	—	—	—	28 717
ÁSIA:								
ADEN: Via Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHIPRE:								
Famagusta	175	12 802	—	—	—	—	—	12 977
Larnaca	—	2 322	250	—	—	—	—	2 572
Limassol	—	6 726	—	—	—	—	—	6 726
FILIPINAS: Manila	543	185	430	—	450	—	—	1 608
IRAQUE: Via Beirute	—	53 875	—	—	—	—	—	53 875
ISRAEL: Gaza	—	169	—	—	—	—	—	169
JAPÃO:								
Kobe	4 366	273	—	—	—	—	—	4 639
Yokoama	8 306	82	—	—	74	—	—	8 462
Nagoya	315	—	—	—	—	—	—	315
Osaka	105	—	—	—	—	—	—	105
LIBANO: Via Beirute	—	5 681	—	—	—	—	—	5 681

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
SÍRIA: Lattakia	—	415	—	—	—	—	—	415
TRANSJORDÂNIA:								
Aman	—	4 943	—	—	—	—	—	4 943
Via Beirute	—	8 163	—	—	—	—	—	8 163
TURQUIA:								
Mersina	—	2 496	—	—	—	—	—	2 496
Smirna	—	19 761	—	—	—	—	—	19 761
Stambul	—	52 016	—	—	—	—	—	52 016
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	90 167	12 261	—	1 624	3 741	—	—	107 793
Frankfurt	29 173	—	—	—	—	—	—	29 173
Hamburgo	274 653	57 180	—	4 520	11 496	302	—	348 151
Heilbornn	400	—	—	—	—	—	—	400
Verdingen	1 725	—	—	—	—	—	—	1 725
ÁUSTRIA:								
Via Amsterdam	644	955	—	—	—	—	—	1 599
Via Antuerpia	2 128	—	—	—	—	—	—	2 128
Via Hamburgo	670	2 410	—	—	—	—	—	3 080
Via Rotterdam	211	92	—	—	—	—	—	303
Via Trieste	156	10 760	100	—	—	—	—	11 016
BELGO LUXEMBURGUESA: E.U.								
Via Antuerpia	123 308	87 379	32 447	—	28 366	—	—	271 500
DINAMARCA:								
Aalborg	—	65	—	—	—	—	—	65
Copenhague	207 691	48 514	—	—	—	—	—	256 205
FINLÂNDIA: Helsinki	85 803	190 138	—	—	—	—	—	275 941
FRANÇA:								
Bordéos	5 125	19 571	125	—	1 350	—	1 140	27 311
Dunquerque	1 375	48 280	7 550	—	1 792	—	—	58 997
Havre	122 646	182 254	22 622	250	44 941	660	14 025	387 398
Marselha	40 541	26 571	7 750	—	3 875	859	2 125	81 721

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
Strasburgo	5 449	2 282	—	—	250	628	—	8 609
GIBRALTAR:	500	4 931	6 833	—	—	—	—	12 264
GRÃ RETANHA:								
Liverpool	100	1 797	—	—	33 350	—	—	35 247
Londres	22 868	57 785	—	—	113 991	250	—	194 894
Manchester	—	—	—	—	5 000	—	—	5 000
GRÉCIA: Piréus	—	32 836	—	—	—	—	—	32 836
HOLANDA:								
Amsterdam	118 906	27 165	3 250	1 000	29 901	500	—	180 722
Rotterdam	42 883	2 135	2 500	1 125	24 048	—	—	72 691
IRLANDA: Dublin	250	—	—	—	120	—	—	370
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	12 450	—	—	—	—	—	12 450
ITÁLIA:								
Ancona	1 362	2 059	964	—	125	—	—	4 510
Bari	1 273	1 815	750	—	—	—	—	3 838
Cagliari	—	250	125	—	—	—	—	375
Catania	1 105	1 803	600	—	—	—	—	3 508
Gênova	82 885	15 251	14 245	—	7 292	4 818	3 428	127 919
Livorno	7 936	1 112	2 699	—	500	82	—	12 329
Messina	281	1 515	943	—	—	—	—	2 739
Monfalcone	6 171	8 242	2 500	—	125	549	125	17 712
Nápoles	52 424	41 628	20 905	—	1 613	312	507	117 389
Palermo	586	4 765	1 062	—	—	—	24	6 437
Porto Torres	634	2 056	1 865	—	200	—	—	4 755
Riposto	100	451	337	—	—	—	—	888
Spezia	5 035	1 455	1 000	—	2 250	—	—	9 740
Veneza	18 631	9 753	7 324	—	250	340	1 093	37 409
IUGOSLÁVIA:								
Rijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
Via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662
MALTA: La Valeta	—	3 100	500	—	—	—	—	3 600

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
NORUEGA:								
Bergen	14 000	4 500	—	—	17 150	—	—	35 650
Oslo	74 000	19 250	—	—	43 500	—	—	136 750
Stavanger	7 500	—	—	—	—	—	—	7 500
Trondhjem	11 500	3 750	—	—	15 000	—	—	30 250
POLÔNIA: Gdnia	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
PORTUGAL: Funchal	—	240	—	—	—	—	—	240
SUÉCIA:								
Estocolmo	253 778	37 659	—	4 925	31 075	780	—	328 217
Gefle	250	500	—	—	—	—	—	750
Gotemburgo	183 733	9 243	—	3 525	7 826	243	—	204 570
Helsingborg	62 642	3 925	—	2 625	2 750	—	—	71 942
Malmo	52 565	1 625	—	—	876	—	—	55 066
Ostersund	—	—	—	—	250	—	—	250
SUIÇA:								
Via Amsterdam	1 275	8 594	500	—	—	—	—	10 396
Via Antuerpia	—	15 775	—	—	—	—	—	15 775
Via Gênova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
Via Rotterdam	250	250	—	—	—	—	—	500
Via Trieste	—	500	500	—	—	—	—	1 000
TRIESTE:	15 394	6 457	4 468	—	903	100	418	27 740
TCHECOSLOVÁQUIA:								
Via Hamburgo	—	25 300	—	—	—	—	—	25 300
VATICANO	3	—	—	—	—	—	—	3
OCEANIA:								
AUSTRÁLIA: Sydney	499	—	—	—	—	—	—	499
NOVA ZELÂNDIA:	—	—	—	—				
Dunedim					34	—	—	34
Wellington	33	—	—	—	—	—	—	33
TOTAL	**6 324 754**	**2 433 566**	**368 931**	**152 887**	**2 256 895**	**10 423**	**23 385**	**11 570 841**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

IV — Janeiro a Setembro de 1952 em comparação com igual período de 1951

1. Detalhe mensal

MESES	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Janeiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+ 306 317 433
Fevereiro	1 598 385	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	— 225 402 364
Março	1 489 071	1 807 919 845	1 496 154	1 825 543 068	— 7 083	+ 17 623 223
Abril	1 012 208	1 239 152 373	938 789	1 152 233 519	— 73 419	— 86 918 854
Maio	1 172 545	1 431 355 616	964 905	1 164 780 160	— 207 640	— 266 575 456
Junho	914 292	1 105 370 898	1 086 946	1 302 399 900	+ 172 654	+ 197 029 002
Julho	891 810	1 063 395 804	1 072 676	1 301 061 162	+ 180 866	+ 237 665 358
Agôsto	1 407 054	1 637 768 098	1 468 117	1 794 263 170	+ 61 063	+ 156 495 072
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	1 627 434	1 998 966 132	— 94 034	+ 214 793 289
NOVE MESES:	**11 259 821**	**13 484 694 460**	**11 570 841**	**14 035 721 163**	**— 310 920**	**+ 551 026 703**
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	—	—	—	—
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
ANO	**16 358 008**	**19 456 821 538**	—	—	—	—

2. Portos de procedência

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Santos	5 343 793	6 640 765 029	6 324 754	7 901 915 887	+ 980 961	+ 1 261 150 858
Rio de Janeiro .	3 101 450	3 514 797 545	2 433 566	2 793 044 164	— 667 884	— 721 753 381
Vitória	360 621	366 805 304	368 931	375 868 611	+ 8 310	+ 9 063 307
Angla dos Reis .	150 035	182 259 610	152 887	189 165 994	+ 2 852	+ 6 906 384
Paranaguá	2 250 495	2 716 917 494	2 256 895	2 734 387 554	+ 6 400	+ 17 670 060
Bahia	13 891	16 591 334	10 423	12 637 617	— 3 468	— 3 953 717
Recife	39 636	46 758 144	23 385	28 701 336	— 16 251	— 18 056 808
TOTAL	**11 259 921**	**13 484 694 460**	**11 570 841**	**14 035 721 163**	**+ 310 920**	**+ 551 026 703**

O PRECEITO DO DIA

EXATAMENTE AO CONTRÁRIO

E' errado dizer-se que a laranja e o limão, por serem ácidos, tornam-se prejudiciais ao organismo. Ao contrário do que se supõe, essas frutas neutralizam os ácidos provenientes da digestão dos ovos e carnes.

Corrija os inconvenientes da carne e dos ovos, comendo laranja e saladas temperadas com caldo de limão. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

IV — Janeiro a Agôsto de 1952, em comparação com o mesmo período de 1951

1. Detalhe mensal

MESES	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Janeiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+ 306 317 433
Fevereiro	1 598 385	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	— 225 402 364
Março	1 489 071	1 807 919 845	1 496 154	1 825 543 068	+ 7 083	+ 17 623 223
Abril	1 012 208	1 239 152 373	938 789	1 152 233 519	— 73 419	— 86 918 854
Maio	1 172 545	1 431 355 616	964 905	1 164 780 160	— 207 640	— 266 575 456
Junho	914 292	1 105 370 898	1 086 946	1 302 399 900	+ 172 654	+ 197 029 002
Julho	891 810	1 063 395 804	1 072 676	1 301 061 162	+ 180 866	+ 237 665 358
Agôsto	1 407 054	1 637 768 098	1 468 117	1 794 263 170	+ 61 063	+ 6 495 072
Oito Meses:	9 726 521	11 700 521 617	9 943 407	12 036 755 031	+ 216 886	+ 336 233 414
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	—	—	—	—
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	—	—	—	—
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
ANO:	**16 358 008**	**19 456 821 538**	—	—	—	—

2 — Portos de Procedência

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Santos	4 760 923	5 926 492 241	5 477 106	6 839 316 249	+ 716 183	+ 912 824 008
Rio de Janeiro .	2 570 860	2 926 465 300	2 129 016	2 430 179 501	— 441 844	— 496 285 799
Vitória	289 591	298 199 187	317 022	320 359 602	+ 27 431	+ 22 160 415
Angra dos Reis	101 023	122 788 813	117 271	144 649 379	+ 16 248	+ 21 860 566
Paranaguá	1 953 236	2 366 421 178	1 869 859	2 261 756 516	— 83 377	— 104 664 662
Bahia	12 344	14 707 370	9 895	11 977 083	— 2 449	— 2 730 287
Recife	38 544	45 447 528	23 238	28 516 701	— 15 306	— 16 930 827
TOTAL	**9 726 521**	**11 700 521 617**	**9 943 407**	**12 036 755 031**	**+ 216 886**	**+ 336 233 414**

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE SETEMBRO DE 1952

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	21.994	
	Áustria	7.595	
	Bélgica	2.625	
	Finlândia	5.666	
	França	73.306	
	Grã-Bretanha	6.792	
	Grécia	7.896*	
	Holanda	1.500	
	Islândia	900	
	Itália	2.986	
	Noruega	1.000	
	Portugal	80	
	Suécia	500	
	Suiça	145	
	Tchecoslováquia	3.200	
	Trieste	2.625	
	Turquia	4.800	143.610
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	1.250	
	Estados Unidos	128.334	129.584
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	9.027	
	Chile	250	
	Uruguai	5.540	14.817
ÁFRICA:	Marrocos Francês	200	
	Sud. Africano	25	
	U. S. Africana	4.679	4.904
ÁSIA:	Chipre	710	
	Filipinas	185	
	Iraque	1.666	
	Japão	140	
	Líbano	1.691	
	Transjordânia	4.161	
	Turquia	3.082	11.635
	Total p/ o exterior:		**304.550**
	Sul	360	360
CABOTAGEM:	**TOTAL GERAL:**		**304.910**

— Consumo de bordo — 68 scs.

*) — 2 scs. emb. s/v comercial.

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS							TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Goiás	Bahia	
F. F. C. do Brasil	4.668	14.308	—	—	—	—	—	18.976
E. F. Leopoldina	—	9.598	6.750	10.695	—	—	—	27.043
Regulador	—	—	—	9.356	—	—	—	9.356
Rodoviário	22.875	219.656	24.454	38.388	12.229	6.238	180	324.020
TOTAIS	**27.543**	**243.562**	**31.204**	**58.439**	**12.229**	**6.238**	**180**	**379.395**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO E SAFRA 1952/53

MÊSES	ENTRADAS	EMBARQUES
1952		
Julho	94.641	175.548
Agôsto	181.972	216.216
Setembro	332.318	304.910
1.º trimestre:	**608.931**	**696.674**
Outubro	379.395	318.296

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1952

CONTINENTES:	PAISES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	20.431	
	Áustria	1.624	
	Bélgica	6.929	
	Dinamarca	3.500	
	França	26.220	
	Grã-Bretanha	130	
	Grécia	7.885	
	Holanda	2.500	
	Islândia	760	
	Itália	1.410	
	Portugal	160	
	Suécia	875	
	Suiça	44	
	Tchecoslováquia	8.375	
	Turquia	8.500	89.343
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	94.984	94.984
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	16.831	
	Chile	2.173	
	Uruguai	2.787	21.791
ÁFRICA:	U. S. Africana	3.185	3.185
ÁSIA:	Líbano	1.000	
	Transjordânia	250	
	Turquia	5.183	6.433
	Total p/ o exterior:		**215.736**
CABOTAGEM:	Sul	480	480
	TOTAL GERAL:		**216.216**

— Consumo de bordo — 52 sacas.

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 331 419
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maio	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
Junho	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
Julho	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
Agôsto	1 705 616	283 226	31 388	9 043	337 571	8 695	6 313	2 381 852
Setembro	1 775 036	270 222	51 939	15 388	346 748	25 606	5 950	2 490 889
SETEMBRO								
1951	1 457 264	303 718	49 694	12 770	591 384	14 452	9 116	2 438 398
1950	2 023 557	561 649	83 443	24 062	598 935	8 691	15 174	3 315 511
1949	2 029 417	703 528	129 529	49 560	319 889	40 309	20 670	3 292 902
1948	2 107 662	651 276	44 926	72 800	208 404	42 830	29 023	3 156 921

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1952/53

	ENTRADAS						MOVIMENTO			
MÊS	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Encontradas a — na verf. do estoque	Existência
Julho	632 319	6 205	616	45 903	—	685 043	706 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
Agôsto ...	771 189	350	3 030	22 345	—	796 914	834 265	828 283	4 796	—	1 705 616
Setemb. ..	882 249	5 126	4 080	28 265	—	919 720	847 586	851 565	2 714	—	1 775 036
Outub. ...	689 735	37 912	15 216	32 928	400	776 191	663 709	704 219	1 905	—	1 885 613
Total ..	**2 975 492**	**49 593**	**22 942**	**129 441**	**400**	**3 177 868**	**3 052 024**	**3 093 639**	**15 305**	**266 598**	**—**

SANTOS

DIA	os	Vendas	Retirados do estoque	Existência	Existência em poder do D.N.C.
1	2	20 947	—	1 780 073	438
2	0	24 303	—	1 800 286	438
3	0	23 701	—	1 808 617	438
4	9	15 479	—	1 814 260	438
6	7	17 412	—	1 820 573	438
7	4	21 188	—	1 821 749	438
8	9	20 373	1 750	1 818 219	438
9	8	13 997	—	1 803 647	438
10	2	18 201	—	1 773 141	438
11	0	10 451	—	1 771 296	438
13	8	13 476	—	1 787 362	438
14	4	13 030	—	1 789 941	438
15	1	20 939	—	1 787 290	438
16	0	24 899	—	1 785 296	438
17	9	22 472	—	1 792 622	438
18	6	23 235	—	1 790 248	438
20	1	23 928	—	1 787 675	438
21	1	16 449	—	1 789 390	438
22	5	16 936	—	1 793 388	438
23	3	24 265	—	1 795 109	438
24	4	13 607	—	1 806 369	438
25	0	10 017	—	1 822 863	438
27	3	7 727	—	1 840 013	438
28	6	11 915	—	1 856 971	438
29	5	10 215	—	1 866 346	438
30	9	11 559	—	1 877 674	438
31	3	17 658	155	1 885 613	438
TOTAL	9	**468 379**	**1 905**	—	—

RIO DE JANEIRO

EMBARQUES						
terior	Cabotagem	Total	Revertido ao mercado	Retirado do mercado	Consumo Local	Existência
250	—	250	—	68	—	286 523
10 196	—	10 196	—	280	—	289 693
24 370	—	24 370	—	—	—	279 138
26 628	—	26 628	—	—	—	252 510
18 651	—	18 651	—	250	—	254 902
2 690	20	2 710	—	—	—	267 607
63	—	63	—	—	—	284 057
—	—	—	—	—	—	292 269
13 000	25	13 025	—	—	—	297 282
20 035	—	20 035	—	190	—	277 057
14 656	—	14 656	—	—	—	281 114
833	100	933	—	—	—	306 735
8 884	—	8 884	—	—	20 000	297 291
4 175	—	4 175	—	—	—	306 870
18 803	—	18 803	—	—	—	304 292
6 373	—	6 373	—	—	—	297 919
16 377	—	16 377	—	297	—	304 133
14 237	—	14 237	—	—	—	295 258
46 829	—	46 829	—	100	—	271 861
1 640	—	1 640	125	100	—	290 706
—	—	—	—	—	—	303 783
29 231	—	29 231	—	177	—	274 375
1 935	—	1 935	—	—	—	293 340
13 489	75	13 564	—	—	—	304 418
738	—	738	—	—	—	303 680
23 993	—	23 993	—	—	20 000	289 986
18 076	**220**	**318 296**	**125**	**1 462**	**40 000**	—

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maio	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
Junho	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
Julho	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
Agôsto	1 705 616	283 226	31 388	9 043	337 571	8 695	6 313	2 381 852
Setembro	1 775 036	270 222	51 939	15 388	346 748	25 606	5 950	2 490 889
Outubro	1 885 613	289 489	35 895	17 876	341 644	54 753	6 591	2 632 356
OUTUBRO								
1951	1 521 611	362 862	94 677	13 599	621 535	20 852	10 353	2 645 489
1950	1 696 242	696 786	72 225	16 256	553 051	6 877	12 539	3 054 976
1949	2 153 767	879 895	126 656	34 649	264 342	49 827	20 002	3 529 138
1948	2 072 307	771 367	52 653	74 167	286 874	57 270	17 760	3 332 398

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

OUTUBRO DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Tipo 4 mole	Tipo 4 duro	Tipo 5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	197 00	195 50	193 50	173 00	154 20
2	197 00	195 50	193 50	173 00	154 80
3	197 00	195 50	193 50	173 00	154 70
6	197 00	195 50	193 50	173 00	154 60
7	197 00	195 50	193 50	173 00	154 00
8	197 00	195 50	193 50	172 00	154 50
9	197 00	195 50	193 50	173 00	154 60
10	197 00	195 50	193 50	172 00	154 40
13	197 00	195 50	193 50	172 00	153 90
14	196 50	195 00	193 00	170 00	153 50
15	196 50	195 00	193 00	171 50	153 30
16	196 50	195 00	193 00	171 50	154 10
17	197 00	195 50	193 50	171 00	153 90
20	197 00	195 50	193 50	171 50	154 10
21	197 00	195 50	193 50	171 50	154 50
22	196 50	195 00	193 00	171 00	154 10
23	196 50	195 00	193 00	171 00	153 90
24	196 50	195 00	193 00	170 00	152 60
27	196 50	195 00	193 00	170 00	150 10
28	196 50	195 00	193 00	—	—
29	196 50	194 50	192 50	170 00	149 50
30	195 50	194 00	192 00	—	—
31	195 50	194 00	192 00	170 50	148 70
Média	**196 67**	**195 15**	**193 15**	**171 59**	**153 43**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

OUTUBRO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 grs.)

DIA	SANTOS				RIO
	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2 extra móle	Tipo 4 extra móle	Tipo 7
1	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
2	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
3	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
6	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
7	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
8	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
9	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
10	53 50	53 00	55 00	54 00	48 75
14	53 25	53 75	54 75	53 75	48 75
15	53 25	53 75	54 75	53 75	48 75
16	53 25	53 75	54 75	53 75	48 75
17	53 25	53 75	54 75	53 75	48 75
20	53 25	53 75	54 75	53 75	48 75
21	53 25	53 75	54 75	53 75	46 50
22	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
23	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
24	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
27	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
28	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
29	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
30	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
31	53 00	52 50	54 50	53 50	46 00
Média	**53 26**	**52 76**	**54 76**	**53 76**	**47 65**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

OUTUBRO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	4	11	18	26	31	MÉDIA
COLÔMBIA						
Medelin Excelso	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 1/2	57 45/64
Armenia	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 1/8	57 5/8
Manizales	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 1/8	57 5/8
Cucuta	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 56 7/8	57 3/8
Bogotá	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 56 7/8	57 3/8
Tolima	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 56 7/8	57 3/8
Ocana	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 56 7/8	57 3/8
COSTA RICA						
Duro	(£) 58 1/2	(£) 58 1/2	(£) 58 1/2	(£) 58 1/2	(£) 58 1/2	58 1/2
Atlântico	(*) 58 1/2	(*) 58 1/2	(*) 58 1/2	(*) 58 1/2	(*) 58 1/2	58 29/64
EQUADOR						
Lavado	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(6) 54 00	54 13/32
Extra não lavado	(2) 47 1/4	(2) 47 1/4	(2) 47 1/4	(2) 47 1/4	(2) 46 1/2	47 3/32
GUATEMALA						
Extra primeira	(£) 58 1/4	(£) 58 1/4	(£) 58 00	(£) 58 1/4	(£) 57 1/2	58 3/64
Lavado bom	(*) 56 1/4	(*) 56 1/4	(*) 56 1/4	(*) 56 1/4	(x) 56 1/4	56 1/4
Bourbon	(*) 55 1/2	(*) 55 1/2	(*) 55 1/2	(*) 55 1/2	(x) 55 1/2	55 1/2
HAITÍ						
Lavado bom móle	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Catado à mão	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 1/2	52 3/4

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

OUTUBDO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	4	11	18	26	31	MÉDIA
HONDURAS						
Lavado bom	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 55 1/2	55 29/32
Tipo 5 - Comum duro	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	47 1/2
MÉXICO						
Coatepec	(x) 56 1/2	(x) 56 1/2	(x) 56 1/2	(x) 56 1/2	(x) 56 1/2	56 1/2
Tapachula primeira .	(x) 56 1/4	(x) 56 1/4	(x) 56 1/4	(x) 56 1/4	(x) 57 00	56 13/32
NICARÁGUA						
Matagalpa	(§) 55 1/2	(§) 55 1/2	($) 55 3/4	(§) 55 3/4	(*) 56 00	55 45/64
Lavado primeira	55 00	55 00	55 1/4	55 1/4	55 3/4	55 1/4
SÃO DOMINGOS						
Lavado bom móle ..	($) 53 00	($) 53 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 53 1/2	53 1/2
Fino	n/cot.	n/cot.	(7) 53 3/4	(7) 53 3/4	(6) 53 1/4	53 37/64
VENEZUELA						
Maracaibo	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 00	56 13/64
CONGO BELGA						
Lavado robusta	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 57 00	57 13/64
Natural robusta	n/cot.	n/cot.	46 1/4	(6) 46 1/4	(6) 44 1/2	45 21/32
MOÓCA						
Moóca (Arábia)	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	n/cot.	57 1/2
N.E.I						
Genuino Java lavado	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	68 00
UGANDA						
Lavado	(6) 57 00	(6) 47 00	(6) 47 00	(6) 47 00	(6) 45 00	46 39/64

INDICAÇÕES:
1) C. & F. — S.U.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista liquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de procedência
6) Nominal

(§) Embarque Dezembro/Janeiro
(*) " Novembro/Dezembro
(x) " Novembro
($) " Outubro/Novembro
(§) " Janeiro/Fevereiro

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

OUTUBRO DE 1952

DIAS	DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	53 25	53 35	52 50	52 60	52 15	52 23	51 75	51 85	51 24	51 28
2	53 45	53 30	52 15	52 59	52 10	52 23	51 70	51 85	51 10	51 20
3	53 20	53 31	52 50	52 59	52 10	52 20	51 71	51 84	51 16	51 24
6	53 25	53 26	52 50	52 51	52 15	52 15	51 85	51 75	51 20	51 17
7	53 26	53 31	52 45	52 69	52 15	52 26	51 75	51 91	51 15	51 32
8	53 22	53 28	52 50	52 62	52 20	52 23	51 95	51 87	51 20	51 27
9	53 20	53 16	52 50	52 61	52 15	52 21	51 80	51 83	51 15	51 23
10	53 06	52 96	52 50	52 45	52 15	52 02	51 76	51 60	51 15	51 03
14	52 85	52 94	52 25	52 37	51 80	51 90	51 45	51 50	50 85	50 90
15	52 90	53 12	52 30	52 56	51 80	52 09	51 45	51 70	50 80	51 09
16	52 15	53 18	52 56	52 68	52 09	52 19	51 72	51 82	51 10	51 20
17	53 30	53 22	52 62	52 68	52 15	52 19	51 79	51 82	51 10	51 21
20	53 20	53 05	52 60	52 53	n/cot	52 00	51 75	51 67	51 12	51 02
21	53 02	53 02	52 50	52 47	51 90	51 95	51 55	51 59	50 90	50 97
22	53 00	52 95	52 40	52 43	51 85	51 84	51 53	51 47	50 95	50 85
23	52 85	52 98	52 30	52 48	51 70	51 79	51 35	51 41	50 70	50 86
24	52 90	52 85	52 35	52 25	51 70	51 62	51 30	51 20	50 80	50 59
27	52 86	52 92	52 28	52 32	51 67	51 67	51 25	51 25	50 65	50 62
28	52 76	52 90	52 24	52 27	51 62	51 67	51 25	51 27	50 61	50 62
29	52 60	52 75	51 89	52 05	51 25	51 50	50 85	51 05	50 17	50 45
30	52 61	52 85	51 95	52 27	51 35	51 75	51 00	51 40	50 31	50 70
31	52 75	52 83	52 20	52 26	51 85	51 74	51 40	51 40	50 60	50 65
Média	**52 98**	**53 07**	**52 37**	**52 47**	**51 90**	**51 97**	**51 54**	**51 59**	**50 91**	**50 98**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

OUTUBRO DE 1952

DIA	Londres £	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
1	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,93 33	3,62 09	—
2	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,84 46	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,81 96	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,81 96	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
11	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,75 81	3,62 09	—
15	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,73 38	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,78 26	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	4,91 96
18	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,85 71	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,85 71	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,86 97	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,90 77	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	7,02 44	3,62 09	—
25	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	7,02 44	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	7,15 87	3,62 09	—
28	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,99 81	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
31								
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,40 28**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,85 39**	**3,62 09**	**4,91 96**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

OUTUBRO DE 1952

DIA	Londres £	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
1	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 58	3,55 51	—
2	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,61 15	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,51 40	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,56 09	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,56 09	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	—
15	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,52 93	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,55 26	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,50 62	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	4,83 03
20	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,62 34	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,62 34	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,63 54	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,67 15	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,78 23	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,78 23	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,90 98	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,75 74	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
31	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 75**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,62 05**	**3,55 51**	**4,83 03**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de

SETEMBRO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	—	4,3977	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	4,9308	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	4,9252	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	—	4,2485	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	4,3986	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	—	4,3963	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,9252	4,4005	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7553	—	0,6572	—	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7553	—	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	4,4005	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7553	—	0,6572	—	0,0535
16	—	18,72	—	—	4,9234	4,3986	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	19,60	—	—	4,3995	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	—	4,4005	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	4,4005	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	—	4,4015	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	4,4015	3,6209	—	—	—	0,3676	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	4,4033	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	—	4,9196	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	4,9196	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7553	—	—	—	0,0535
30	52,4160	18,72	—	7,2000	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**19,60**	**7,2000**	**4,9239**	**4,3892**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3772**	**0,0535**

CÂMBIO

1952

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante Setembro

PAISES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Bélgica	Francos	70.237.969	81.351.115
Canadá	Dólares	8	—
Dinamarca	Corôas	12.256.587	7.354.505
Espanha	Pesêtas	2.635	145.220
Estados Unidos (U.S.A.)	Dólares	20.576.003	25.741.813
França	Francos	890.033.329	972.744.741
Holanda	Florins	95.183	145.234
Inglaterra	Libras	294.128	319.898
Portugal	Escudos	105.694	255.833
Suécia	Corôas	16.377.918	14.054.043
Suiça	Francos	219.023	690.322
Uruguai	Pêsos	—	6
CONVÊNIOS			
US$ Alemanha		8.349.247	9.476.333
US$ ÁUSTRIA		650.547	664.462
US$ Chile		1.056.206	165.099
US$ Espanha		721.791	300.218
US$ Itália		47	74.388
US$ Japão		1.342.773	1.216.967
US$ Polônia		386.809	317.815
US$ Portugal		83	18.615
US$ Tchecoslováquia		133.935	89.135
US$ Uruguai		151.090	145.120
US$ Yugoslávia		184.520	822.795
Brasileiro-Argentino		38.000	38.000
Brasileiro-Holandês		140,00	Cr$ 1.151.060,00
Brasileiro-Norueguês		1.689,50	Cr$ 248.069,50
		22.796,80	Cr$ 1.612.395,00

Resumo dos negócios realizados no mês de Setembro de 1952

MOEDAS	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinamarquesas	5.667.726	15.502.933,00
Corôas Suecas	15.283.648	55.340.563,00
Dálares	35.793.188	670.048.482,00
Escudos	116.792	76.756,00
Florins	339.650	1.672.402,00
Francos Franceses	54.778.822	20.662.572,00
Francos Suiços	1.157.859.065	61.945.460,00
Libras	829.605	3.641.306,00
Pesêtas	669.434	35.089.044,00
	11.980	20.482,00
Total		**Cr$ 864.000.000,00**

Totfal em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£	16.483.516 =	52,4160
US$	46.153.846 =	18,7200

Total computado em Setembro de 1951	1.464.000.000,00
Total computado em Agôsto de 1952	802.000.000,00
Total computado em Setembro de 1952	864.000.000,00

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE SETEMBRO DE 1952

DATA	Europa	América Norte	América Sul	Africa	Asia	Cabotagem	TOTAL
2	2.970	—	—	—	—	—	2.970
3	—	7.000	1.640	—	—	—	8.640
4	6.650	—	—	—	—	—	6.650
5	—	6.038	1.103	—	—	—	7.141
6	1.711	4.850	250	—	250	—	7.061
8	5 584	8.000	—	—	—	—	13.584
9	80	—	—	—	—	—	80
10	—	—	2.078	—	—	—	2.078
11	—	2.500	—	—	—	130	2.630
12	941	30.732	—	—	—	—	31.673
13	21.166	—	—	—	—	—	21.166
15	—	5.500	—	—	—	—	5.500
16	5.243	—	2.650	4.704	300	—	12.897
17	1.667	14.765	2.000	—	—	—	18.432
18	20.498	—	—	—	10.760	—	31.258
19	—	—	2.684	—	—	150	2.834
20	—	6.949	1.215	—	—	—	8.164
22	2.249	—	—	—	—	—	2.249
23	750	8.000	—	200	185	—	9.135
24	35.809	—	—	—	—	—	35.809
25	—	6.750	1.197	—	—	—	7.947
26	2.825	—	—	—	—	—	2.825
27	4.429	9.000	—	—	—	—	13.429
29	25.475	16.500	—	—	—	—	41.975
30	5.563	3.000	—	—	140	80	8 783
Total	**143.610**	**129.584**	**14.817**	**4.904**	**11.635**	**360**	**304.910**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Manter-se-á o equilíbrio estatístico do café? — J. Testa 994
O plantio do cafeeiro em S. Paulo — Lauriston Pousa Bicudo 998
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho 1014
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans 1023

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

As abelhas e a polinização do cafeeiro 1035
Encarece a produção do café 1036
Financiamento do Estado na irrigação da lavoura cafeeira 1037
Primeiros resultados da irrigação dos cafêzais de São Paulo — Edgar Fernandes Veloso 1038
Porque plantar 4, 5 ou 6 pés de café em cada cova? 1041
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 1043

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 322 1058
Exportação Brasileira de Café — Setembro e outubro 1061
Exportação Brasileira de Café — I — Detalhes pelos países de destino — setembro 1062
Exportação Brasileira de Café — II — Detalhes pelos portos de procedência — Janeiro a setembro de 1952 1065
Exportação Brasileira de Café — III — Detalhe de volume em sacas de 60 quilos, pelos países de destino, segundo a procedência — Jan.º Set.º 1070
Exportação Brasileira de Café — IV — Jan.º a set.º de 1952, em comparação com o mesmo período de 1951 — 1. Detalhe mensal 1076
2 Portos de procedência 1077
Exportação Brasileira de Café — IV — Jan.º a Agôsto de 1952, em comparação com o mesmo período de 1951 — Detalhe mensal e Portos de Proc. 1078
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, outubro de 1952 1080
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, outubro e safra 1952/53 1080
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, agôsto 1081
Movimento de café em Santos — Safra 1952/53 1082
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Outubro 1083
Movimento de café na praça de Santos — outubro de 1952 ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — outubro de 1952 ..... Apenso
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio e Vitória — outubro 1084
Cotação de cafés brasileiros no disponível de Nova York — outubro 1085
Cotação do disponível em Nova York — cafés estrangeiros — outubro 1086
Cotação de Cafés a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — outubro 1088
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I Mercado Livre — Vendas à Vista — Outubro de 1952 1089
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II Mercado Livre — Compras à Vista — Outubro 1090
Câmbio em São Paulo diária outubro de 1952 1091
Câmbio — Resumo das operações efetuadas pelos Bancos — setembro 1092
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — outubro de 1952 ..... Apenso
Relação do café exportado p/pôrto do Rio de Janeiro — setembro ..... Apenso

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Bôa Vista, 245 — 3º Andar
— Fones, 32-8357 e 33-1432 —
R. PASTORE — AGENTE AUTORIZADO: NEWTON FEITOZA

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

—— AVISOS ——

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

KLOSS
CAFÉ
SANTOS